

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Débora Carvalho Batista

Jornada dos Jovens no percurso da Igreja:
Análise da Jornada Mundial da Juventude

Mestrado em Ciência da Religião

São Paulo
2018

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Débora Carvalho Batista

Jornada dos Jovens no percurso da Igreja:
Análise da Jornada Mundial da Juventude

Mestrado em Ciência da Religião

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciência da Religião, sob orientação do profº Dr. João Décio Passos.

São Paulo
2018

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho à Santa Terezinha do Menino Jesus, que não frequentou a universidade, mas se tornou Doutora da Igreja, que me acompanhou durante todo o percurso do mestrado e à Igreja Católica Apostólica Romana, a qual pertenço, amo e sirvo de todo o meu coração.

AGRADECIMENTOS

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil CAPES/PROSUC - Código de Financiamento 88887.160007/2017-00”

A primeira pessoa que tenho a agradecer por este trabalho é Deus, que com sua infinita misericórdia, não desistiu de mim, pelo contrário, me deu força, sabedoria, luz e paz para chegar a esta grande conquista de minha vida, não só intelectual, mas também humana, social, espiritual e científica. Agradeço a Deus, principalmente pela saúde e paciência, que Ele me concedeu, para viajar 300 km semanalmente, de Matão a São Paulo, durante dois anos. Não foi fácil. Muitas vezes, pensei em desistir, ou me revoltar, mas consegui. Por isso, digo sempre: Quem tem Deus, tem tudo!

Agradeço com todo o meu coração à minha família, principalmente à minha mãe, que ficava sempre ao meu lado, nas madrugadas frias e solitárias, com chuva, ou ventanias, saudável, ou doente, com muito sono, preocupação e medo, à espera dos ônibus para São Paulo; sempre com as marmitinhas, comidinhas e blusas quentinhas a me ajudar e consolar. E o quarto limpinho a cheiroso, na hora de voltar para casa!

Agradeço ao meu pai Arestides, que também me ajudou emocional e financeiramente. Agradeço às minhas irmãs Shirley, Luana e principalmente à Diana, que fez questão de ler meu trabalho e garantir suas contribuições, sempre muito úteis e solidárias.

Agradeço ao meu querido professor Décio, que apostou em mim, sem me conhecer. Que me deu muitas aulas de Teologia e Ciência da Religião, que me ensinou de tudo, inclusive a ser professora e garantiu que meu trabalho fosse de excelência.

Não posso deixar de agradecer a todo programa de Ciência da Religião da PUC, na pessoa do competente professor Frank, que sempre me incentivou, me ouviu e ajudou, mesmo eu não tendo feito disciplinas com ele. - Vielen danke Herr Usarski! Também agradeço aos professores Queiroz, Edenio, Eduardo, Londonho, Edin, Zeca, que também foi minha orientadora e todos os professores, que não medem esforços, para manter a tão pujante nota 5 do programa. Também agradeço ao Programa de Comunicação e Semiótica da PUC, na pessoa do professor Trivinho, que me ensinou não só sobre Comunicação, como também sobre política, economia e a “pensar fora da caixa”.

Agradeço à querida Andreia, Assistente de Coordenação, que desde o começo, com seu sorriso, atenção e competência sempre nos acalmou e fez

questão de nos orientar e contribuir em todos os momentos e procedimentos acadêmicos, pelos quais deve passar um aluno da pós-graduação.

Agradeço à CAPES que me concedeu bolsa integral e à Fundação São Paulo e PUC-SP, que me ajudaram financeiramente, para que eu conquistasse este sonho do mestrado.

Não há palavras para agradecer a todos os amigos que de uma forma ou de outra, fizeram parte desta trajetória. Sejam eles, colegas mestrados, como a Glair, a Neffertite, a Carla, a Bruna, o “polêmico” Marcos, o Paulo, o Victor, o Marivaldo e o Iago; ou amigas especiais, como a Neidinha, a Carmem, a D. Cleides, D. Vilma, D. Loiva; ou ainda familiares e conhecidos que torceram muito por mim, como o padre e paroquianos da Capela da PUC, na pessoa da Jesuê e grupo do terço. Também a Paróquia São José do Bosque e o Grupo de Oração Renascer para Cristo, de Matão-SP.

Também agradeço às amigas das Escolas Municipais de Educação Infantil, EMEI do Bosque, Bairro Alto e Centro, principalmente as diretoras Isabel e Marly, que tiveram paciência nas minhas ausências, por causa do mestrado. E todos os outros que tiveram a coragem de lutar pela minha formação, tais como a doutora Débora Milani e toda a Secretaria Municipal de Educação de Matão-SP, nas pessoas da Secretária Municipal de Educação Adriana Marangoni, da Diretora de Educação Nimuendaju (Juju) e da Diretora da Divisão de EMEI's Maria Helena (Leninha), a Diretora da Divisão Educação Especial Renata e Diretora da Divisão de Creches Gilmara.

A todos que rezaram e torceram por mim: MUITO OBRIGADA!

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é analisar as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ), desde seu princípio, até os dias atuais, num intuito de aprofundar o estudo sobre este evento que atrai milhões de jovens e que tem sido foco das atenções papais e mundiais, no percurso da Igreja Católica. A hipótese é de que o papa João Paulo II criou as JMJ para reforçar a união e identidade católica, que estava enfraquecida no contexto de seu pontificado. Já Francisco, nas Jornadas, continua as reformas que almeja para o catolicismo, ou seja, uma Igreja de saída, que vai ao encontro dos mais necessitados e excluídos. Trata-se, portanto, de um estudo bibliográfico qualitativo, a respeito dos documentos e discursos da Igreja e também das teorias de Durkheim (1996) e Bauman (2000), no âmbito da coesão e liquidez dos acontecimentos, inclusive os da Igreja. Dentro dos resultados obtidos, pode-se dizer da efemeridade das Jornadas, tendo em vista que os participantes não conseguem implementar grandes mudanças, quando do retorno aos seus países de origem. Mas também se diz, no contexto de Francisco, que há uma busca de autenticidade, coesão e coerência de atitudes, visando missão, humildade e concretude ao encontro dos pobres.

Palavras-chave: Jornada Mundial da Juventude, Papa João Paulo II, unidade, Papa Francisco, saída.

ABSTRACT

The aim of the present research is to analyze the World Youth Days (WYD), from its beginning to the present day, in order to deepen the study on this event that attracts millions of young people and has been the focus of papal and world attention, in the course of the Catholic Church. The hypothesis is that Pope John Paul II created WYD to reinforce Catholic unity and identity that was weakened, in the context of his pontificate. Francis, at the Journeys, continues the reforms that he aspires to Catholicism, that is, an outgoing Church, which meets the most needy and excluded. It is, therefore, a qualitative bibliographical study on the documents and discourses of the Church and on the theories of Durkheim (1996) and Bauman (2000), in the context of the cohesion and liquidity of events, including those of the Church. Within the obtained results, it is possible to be said of the ephemerality of the Days, considering that the participants do not manage to implement great changes, when the return to their countries of origin. However, it is also said that, in the context of Francis, there is a search for authenticity, cohesion and coherence of attitudes, aiming at mission, humility and concreteness in meeting the poor.

Keywords: World Youth Day, Pope John Paul II, unity, Pope Francis, departure.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
PAPA JOÃO PAULO II: O PAI DAS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE	17
1. BIOGRAFIA DE JOÃO PAULO II	17
2. CATOLICISMO E IDENTIDADE POLONESA	18
3. PONTIFICADO DE JOÃO PAULO II	22
4. NOVA EVANGELIZAÇÃO	25
5. JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE: FINALIDADES FUNDAMENTAIS	29
6. GÊNESE E INSTITUIÇÃO DAS JMJ	30
7. VALORES CULTIVADOS PELA JMJ	36
CAPÍTULO 2	
PAPA FRANCISCO E JMJ: CRISE E REFORMA	39
1. ELEIÇÃO DE FRANCISCO	39
2. PROGRAMÁTICA REFORMADORA	42
3. PERFIL REFORMADOR	44
4. POSTURAS INÉDITAS	49
5. CRISE	51
6. EVANDELI GAUDIUM	52
7. JUVENTUDES	56
8. PROGRAMA DA JMJ DE CRACÓVIA 2016	60
CAPÍTULO 3	
JOÃO PAULO II E FRANCISCO NA CONDUÇÃO DAS JMJ.....	69
1. JORNADAS E OS PAPAS	70
2. JMJ ENTRE A COESÃO E A LIQUIDEZ	73
3. PALAVRAS DOS PAPAS NO CONTEXTO DOS JOVENS	76
3.1. Mundo Moderno e Sociedade Contemporânea	77
3.2. Juventude	82
3.3. Evangelização	88

3.4. Igreja	92
CONCLUSÕES	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

Em 2016, aconteceu a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), na Polônia, evento católico que reuniu quase dois milhões de pessoas do mundo inteiro ao encontro com o Papa, para debater assuntos pertinentes à faixa etária, além de questões sociais, políticas e econômicas; bem como vivenciar a fé católica, unir jovens e a evangelizar fiéis, com participação de jovens de todas as idades e de todos lugares. Essa pesquisa foi motivada exatamente pela JMJ 2016. A autora esteve presente no evento e ficou maravilhada ao vivenciar a união dos jovens do mundo todo e constatou uma ação evangelizadora profunda. Por isso motivou-se a pesquisar o evento, para poder aprofundar seu sentido e socializar as ações da Jornada na valorização e união da juventude mundial. É motivação desta pesquisa a curiosidade despertada pelo modo como foi criado este evento e focalizou os percursos da JMJ, com João Paulo II e Francisco: o criador e condutor atual da JMJ.

Este tema não surgiu do nada. Sobre o primeiro tópico, as Jornadas Mundiais da Juventude e a de 2016, há vários escritos que cabem, mencioná-los sinteticamente. Entre eles menciono dois que constam da bibliografia do presente trabalho.

O primeiro é o livro *A mensagem teológico pastoral do Papa João Paulo II nas Jornadas Mundiais da Juventude*, de Erofilho Lopes Cardoso (2009), no qual o autor pesquisa as Jornadas desde seu início, focando a descrição das Jornadas da Juventude, buscando encontrar nelas a mensagem teológico pastoral de João Paulo II aos jovens. Outro trabalho é de autoria de João Batista Libanio, com o título *A volta à grande disciplina* (1984), no qual o autor analisa o pontificado de João Paulo II, como um retorno à unidade e identidade fortalecida, vivenciada pela Igreja Católica, durante o período de vigência do Concílio de Trento (1545 a 1563). O livro *As reformas da Igreja Católica*, de João Décio Passos (2018), que explicita a crise que o Papa Francisco enfrenta desde o início de seu pontificado e sua defesa à Igreja em Saída¹, também foi base para esta pesquisa, juntamente com o título *Para leer a Francisco: Teologia, Ética e*

¹ “Igreja em saída” é um termo criado por Francisco, que não se foca na autopreservação da Igreja, mas sim nos pobres. É uma Igreja que sai ao encontro dos mais necessitados física, material, emocional ou espiritualmente.

Política, de Emilce Cuda (2016) - outra bibliografia importante, para a análise de Francisco.

O *site* do Vaticano também foi uma fonte importante, já que traz as informações oficiais da Igreja Católica. Além disso, foi pesquisado o *site* do Instituto Humanitas da Unisinos, por trazer dados atuais relevantes ao presente estudo.

Na Ciência da Religião é possível fazer a análise a partir de Durkheim (1996). Nesse sentido, no contexto da Jornada Mundial da Juventude, que como o próprio nome diz, trata de uma reunião de jovens do mundo todo, com o mesmo objetivo de partilhar a experiência da doutrina católica, pode-se dizer que a teoria de Durkheim (1996), em que a religião torna indivíduos de culturas e locais diferentes, em uma sociedade com elementos comuns, se aplica ao caso da Jornada Mundial da Juventude, pois lá as pessoas, que nunca se viram antes, passam a ter um elo comum, que é a participação no evento. A partir da religião, se tornam um grupo coeso que se aceita, se reconhece e que colabora entre si, ou seja, uma Comunidade Moral:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (DURKHEIM, 1996, p. 32)

Também é possível analisar a JMJ sob a ótica de Bauman (2000) e seu conceito de liquidez, no qual nos tempos modernos, em que reinam as massas, a globalização, o anonimato, tudo se tornou líquido, efêmero e passageiro, pois a velocidade dos acontecimentos, faz com que tudo seja passageiro. Assim, a JMJ também seria líquida, de acordo com Bauman (2000), pois ao retornarem a seus países de origem, os fieis não conseguem concretizar as mudanças vivenciadas na Jornada.

Então, a coesão de João Paulo II, que vislumbrava uma Igreja unida e com forte identidade, se esvai na liquidez dos tempos modernos. No entanto, Francisco busca uma Igreja em saída, com ele a JMJ parece tomar um novo rumo. Com a valorização dos pobres, idosos, doentes, excluídos e abatidos no

centro da fé católica, a alegria do Evangelho, traz ao catolicismo um horizonte de coesão, em coerência com valores cristãos.

Esta pesquisa é relevante por vários motivos. Primeiro porque evidencia um dos maiores e mais significativos eventos da Igreja Católica, envolvendo a juventude mundial. Segundo porque traz luz à sempre nova e transformadora pastoral dos papas da Igreja Católica. E, terceiro, porque trabalha um olhar original, a saber: como os papas João Paulo II e Francisco conduziram as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ).

A população católica mundial dobrou nas últimas três décadas para perto do 1.3 bilhão de fiéis. No final de 2015, havia 5.304 bispos, 415.656 padres e 670.320 religiosas, segundo informou o site do Vaticano². Mais uma razão para estudar essa religião.

Assim, este projeto visa trazer um recorte histórico das JMJ. É objeto da pesquisa fazer uma análise da JMJ no percurso da Igreja Católica, focando na condução que os papas João Paulo II e Francisco deram a este que é um dos maiores eventos da juventude católica mundial.

Os problemas deste trabalho, que serão analisados e desenvolvidos nos capítulos da dissertação são os seguintes: O que são as Jornadas Mundiais da Juventude? Em que contexto João Paulo II a criou? Que sentido as Jornadas têm para Francisco e para a juventude? Qual a visão que ambos os papas transmitem aos jovens em seus discursos nas Jornadas? O objetivo geral deste trabalho foi trazer um recorte histórico das Jornadas Mundiais da Juventude, dentro do percurso da Igreja Católica.

Os objetivos específicos, ou resultados concretos pretendidos pela presente pesquisa são: informar sobre a história das Jornadas Mundiais da Juventude; explicitar o pontificado de João Paulo II e Francisco; analisar as falas dos papas em seus discursos aos jovens, tudo isso em formato de dissertação.

A hipótese desta pesquisa é que, na trajetória do catolicismo, os papas tomaram diferentes atitudes com relação à Igreja e ao contexto histórico da época. Assim também o foi nas Jornadas Mundiais da Juventude. Na JMJ criada

² Cresce o número de católicos no mundo, na África o maior aumento. Reportagem publicada no site do Vaticano em 14/06/2018. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-06/anuario-pontificio-catolicos-mundo.html> Acesso em 2018

pelo papa João Paul II, analisa-se que o objetivo era unificar e reforçar a identidade da Igreja Católica. Já nas atuais Jornadas conduzidas por Francisco, a hipótese é de que o papa quer que os jovens se empenhem numa Igreja de saída, que transpasse as paredes da Igreja e vão ao encontro dos necessitados e excluídos da sociedade.

As Jornadas Mundiais da Juventude têm sido tema de muitas pesquisas no Brasil, mas sempre com o objetivo de trazer a história das jornadas, ou de falar da condução que João Paulo II deu a ela, ou de acordo com as conduções de Francisco. Nesta pesquisa, como dito, objetiva-se ir além e trazer os dois papas, ou seja, a JMJ dentro do percurso da Igreja, abordando assim, a JMJ dentro das diferentes conduções que João Paulo II e Francisco deram a ela.

Os discursos priorizados foram os das Jornadas Mundiais da Juventude, mas em alguns momentos também foram utilizadas falas de outros momentos papais, quando essas falas retratavam os objetivos dos pontífices citados nas conduções das jornadas.

Fez-se a opção por não abordar as Jornadas de Bento XVI, por se entender que elas foram continuação das Jornadas de João Paulo II, sem grandes mudanças, ao contrário das de Francisco, que trouxeram um enfoque de evangelização diferente.

Outra observação importante é que nesta pesquisa é feito o histórico das Jornadas, mas a única jornada trazida de modo mais detalhado foi a Jornada da Polônia, Cracóvia 2016, pois foi a última e a que mais marcou a proponente da pesquisa, como mencionado anteriormente.

Esta pesquisa foi feita no período de 2016 a 2018. No início ela tinha um enfoque na área da comunicação, mas que foi modificado, para trazer uma análise mais aprofundada da JMJ, dentro do contexto da Igreja Católica.

As informações contidas neste trabalho são fruto de pesquisas em livros, textos, documentos da Igreja Católica e outras fontes da área. De forma que o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, dentro da metodologia qualitativa.

Os capítulos foram organizados de maneira a trazer o histórico das JMJ, até os dias atuais. Assim, no capítulo I é abordada a biografia de João Paulo II, seu pontificado e a história das Jornadas Mundiais da Juventude.

No capítulo II é vista a biografia de Francisco, todo o seu enfoque de Igreja de Saída, no qual a fé é centrada não em encher as Igrejas, mas, ao contrário, esvaziá-la para que os fiéis, saíam ao encontro de todos os que estão precisando de ajuda. É uma Igreja de fé concreta, não embasada em palavras, mas em gestos concretos. Na atitude de um povo que não está preocupado em imagem, mas sim em aquecer os corações que ficaram esfriados no abandono da exclusão. Esse enfoque também é trazido na condução das JMJ.

Por fim, no capítulo III, é possível fazer uma análise das Jornadas, observando a condução que os papas João Paulo II e Francisco deram a este evento da juventude católica mundial.

Esta pesquisa também é importante, pois é lançada no momento da finalização do Sínodo dos Bispos para a juventude, focalizando e concretizando a importância que a Igreja Católica dá aos jovens e demonstrando a relevância deste trabalho aos jovens, à igreja e à ciência.

A autora desta pesquisa não pretende esgotar as pesquisas sobre a Jornada Mundial da Juventude, porém espera contribuir de alguma forma com futuras pesquisas na Ciência da Religião, Teologia e com todos os interessados na temática.

CAPÍTULO I

PAPA JOÃO PAULO II:

O PAI DAS JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE

Neste primeiro capítulo serão abordados temas relativos ao contexto da Jornada Mundial da Juventude (JMJ). Dentre os elementos da JMJ que serão vistos aqui, pode-se citar a biografia e o pontificado de João Paulo II, o Concílio Vaticano II e o documento A nova evangelização.

1. BIOGRAFIA DE JOÃO PAULO II

De acordo com Dziwisz³ e com o site do Vaticano⁴, Karol Józef Wojtyła, nome de batismo de João Paulo II, nasceu em Wadowice, Polônia, em 18 de maio de 1920, sendo filho do polonês Karol Wojtyła e da lituana Emilia Kaczorowska. Sua mãe, faleceu em 1929, aos 45 anos, quando Karol, tinha nove anos. A família era formada por mais dois irmãos, Edmund, de 14 anos e Olga que morrera poucos dias depois do nascimento. Karol foi registrado com o primeiro nome, que herdaria do pai, Karol e o segundo, Józef, em homenagem a um amigo de seu pai. Era também chamado íntima e familiarmente de Lolek.

Ainda de acordo com o *site*, Karol destacou-se como ator e, ainda adolescente, despertou seu interesse pela literatura polonesa. Três anos após a morte da mãe, o irmão Edmund morre, próximo à festa do natal. Ele era médico e foi contaminado por doença hospitalar. Em 1938, Karol e seu pai se mudaram para Cracóvia. Lá trabalhou como operário nas minas de pedra e depois em fábrica química.

Karol cadastrou-se no Seminário de Teologia de Cracóvia, em 1942. O seminário era clandestino, pois o nazismo perseguia os cristãos. Foi ordenado padre em Cracóvia/Polônia, no dia 1º de novembro de 1946. Após a ordenação, foi enviado a Roma. Em 3 de julho de 1947, concluiu o mestrado em Teologia.

³ DZIWISZ, Stanislaw. Uma vida com Karol: Em conjunto com Gian Franco Sviderrcoschi / Stanislaw Dziwisz. Rio de Janeiro. Objetiva, 2007.

⁴ Disponível em: http://www.vatican.va/special/canonizzazione-27042014/documents/biografia_gpII_canonizzazione_po.html Acesso em 2018.

Em 19 de junho de 1948 terminava o doutorado, defendendo a tese com o título “A Doutrina da fé segundo São João da Cruz”.⁵

De volta à Polônia, trabalhou por um ano, em Niegowic´e, em seguida, foi transferido para Cracóvia, paróquia de São Floriano. Desenvolveu um trabalho pastoral, com a juventude e o ensino. Tal experiência resultaria futuramente, se imagina, na criação do Dia Mundial da Juventude e em seguida, na Jornada Mundial da Juventude Peregrina.

Em 4 de julho de 1958, o Papa Pio XII convocou Karol Wojtyla e este se tornou bispo de Cracóvia, com o lema episcopal *Totus tuus* (Todo teu, Maria), de São Luís Maria Grignon de Monfort⁶. Segundo o Vaticano, Karol, participou em todas as sessões do concílio Vaticano II, primeiro como auxiliar e depois, a partir de 13 de janeiro de 1964, como arcebispo de Cracóvia. Em 26 de junho de 1967, foi tornado cardeal por Paulo VI.

Em 1978, participou do conclave convocado depois da morte de Montini (Papa Paulo VI) e no sucessivo, após o inesperado falecimento de Albino Luciani (João Paulo I). Participou inclusive da redação da *Gaudium et Spes* (Alegria e Esperança). Na tarde de 16 de outubro de 1978, depois de oito escrutínios (votações com urna), foi eleito Papa João Paulo II, primeiro Pontífice eslavo da história e primeiro não italiano, depois de quase meio milênio, com 58 anos. João Paulo II contrariou todas as previsões, que esperavam um pontífice italiano.

Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, liderando a Igreja Católica por 26 anos, quase 27 (1978-2005), depois dos papas São Pedro, cujo pontificado durou 37 anos, de acordo com a tradição e Pio IX - 31 anos. Foi o único papa eslavo e polonês, e o primeiro papa não italiano desde Adriano VI, de 1522 a 1523, que era holandês. João Paulo II teve um papel fundamental para o fim do comunismo, e também do nazismo. Ele visitou 129 países durante o seu pontificado.

⁵ WOJTYLIA, Karol. A doutrina da fé, segundo São João da Cruz. Tese de doutorado. Disponível em: http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1978-2005,_Wojtyla._Karol,_A_Doutrina_Da_Fe_Segundo_S_Joao_Da_Cruz,_PT.pdf Acesso em 2018

⁶ Breve biografia de São Luís Maria Grignon de Monfort, disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/04/28/s--luis-maria-grignon-de-montfort--presbitero-fundador-da-compa.html> Acesso em 2018.

Riccardi (2011)⁷ conta que o dia 13 maio de 1981 torna-se um momento decisivo. De acordo com o autor, a tentativa de assassinato nesse dia, que era também o dia da festa de Nossa Senhora de Fátima, seguido pela disposição de João Paulo II de se permitir ser visto e ouvido em um estado enfraquecido, durante sua recuperação, assim como suas mensagens de perdão ao turco Mehmet Ali Ağca, o tornou uma extraordinária figura pública. Essa reputação foi reforçada ainda mais em dezembro de 1983, quando João Paulo II visitou Ali Ağca, pessoalmente, na prisão Rebibbia, de Roma, para perdoá-lo.

O papa sempre dizia: “Uma mão puxou o gatilho (do revólver), mas outra mão dirigiu a bala” No mesmo dia no ano seguinte, o papa foi à Fátima agradecer, pois tinha convicção de que havia sido Nossa Senhora, quem salvara sua vida.

Essa identidade forte que João Paulo II tem, não veio do acaso, ele viveu no comunismo e é filho de um país que sempre esteve em crise. A Polônia tem uma história marcada por revoluções. Com território de localização central na geografia europeia, o país foi, desde a sua fundação, uma região de fronteira em permanentes conflitos. Seu início provém dos séculos III ao I a.C., quando os primeiros povos germânicos desceram do sul da Escandinávia para habitar parte da Europa, onde iria surgir a Pomerânia, eram: Godos, Lemóvios e Rúgios, dentre outros. O polonês é uma língua do grupo eslavônio ocidental – com afinidade com o checo, o eslováquio e o sérvio e, assim, o país foi tomando suas conduções.

Diante de tantas guerras, e tantos povos em sua formação, o único elemento unificador do país, foi o catolicismo, por isso que até hoje 92,2% dos poloneses são católicos, de acordo com revista Exame⁸.

2. CATOLICISMO E IDENTIDADE POLONESA

Nos mais de dez séculos que já decorreram da sua fundação, a Polônia foi partilhada por outras potências e teve parte substancial do seu território

⁷ RICCARDI, Andrea João Paulo II: A biografia. Paulus, São Paulo, 2011.

⁸ Dados de pesquisa publicada em revista Exame, disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/mundo/onde-estao-os-catolicos-do-mundo/> Acesso em 2018

retirada. Não tinha o controle das navegações internacionais, então se firmou na agricultura, de terra voltada para a lavoura e criação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, explica Cerqueira (2014), a Polônia foi invadida pela Alemanha em 1º de setembro de 1939 e passou por cinco anos de ocupação alemã. A ideologia nazista via os poloneses – a maioria étnica predominantemente católica romana – como "sub-humanos", ocupando terras vitais à Alemanha. Como parte da política de destruir a resistência polonesa, os alemães mataram muitos dos líderes políticos, religiosos e intelectuais. Eles também sequestraram crianças e confinaram poloneses em dúzias de prisões, em campos de concentração e trabalhos forçados.

Ainda de acordo com Cerqueira (2014), no final da Segunda Guerra Mundial, o território polonês foi mais uma vez reestruturado e a Pomerânia passou a pertencer quase totalmente à Polônia, com apenas uma pequena região na Alemanha. Com o início da Guerra Fria, a Polônia se alinhou ao Bloco do Leste, das nações aliadas à União Soviética. Mais uma vez a Polônia viu seus habitantes perecerem. A influência soviética foi permeada de preconceitos contra minorias étnicas, incluindo os pomeranos⁹ e os judeus.

Cerqueira (2014) informa que, ainda na década de 1950, a Polônia começou a se rebelar contra o domínio soviético, sendo que greves e protestos de trabalhadores foram uma constante em todo o país. O Sindicato Solidarietà, criado em 1980, é o primeiro sindicato independente do Partido Comunista, sendo considerado o ante-ambulo da queda do Muro de Berlim em 1989.

Dessa forma, a Polônia alcançou a estrutura geográfica de hoje, demonstrada no mapa a seguir:

⁹ Os pomeranos (em alemão: *Pommern*) são um povo alemão originário da Pomerânia, na região do Mar Báltico, entre as atuais Alemanha e Polônia. A língua original desse povo é o pomerano mas, desde o século XIX, o alemão também passou a ser usado na Pomerânia.

Polônia: localização geográfica



Fonte: <https://pt.wikivoyage.org/wiki/Pol%C3%B3nia>

Assim se observa que a Igreja polonesa marcou fortemente o sacerdócio de João Paulo II e foi a única forma de unificar o país, nas lutas por liberdade:

É uma Igreja com herança milenar de fé; uma Igreja que gerou, ao longo dos séculos, numerosos santos e beatos, e tem como patronos dois santos bispos e mártires – Wojciech e Stanislaw. É uma Igreja profundamente ligada ao povo e à sua cultura; uma Igreja que sempre amparou e defendeu o povo, especialmente nos momentos trágicos da sua história. É uma Igreja que neste século foi duramente provada: teve de travar uma dramática luta pela sobrevivência contra dois sistemas totalitários: contra o regime inspirado pela ideologia nazista, durante a segunda guerra mundial e, depois, nos longos decênios do pós-guerra, contra a ditadura comunista e o seu ateísmo militante. (JOÃO PAULO II, 1996. p. 77)¹⁰

A influência polonesa marcou a vida de João Paulo II e também João Paulo II influenciou a Polônia, marcando a religiosidade do país, que possui cerca de 92% de católicos, como mencionado acima.

O *site* do Vaticano, explica ainda que, juntamente com a polêmica anticomunista, desenvolveu-se também uma leitura crítica do capitalismo, em três de suas 14 encíclicas. João Paulo II também buscou o diálogo com grandes

¹⁰ JOÃO PAULO II, Papa. Dom e mistério: por ocasião do 50º aniversário da minha ordenação sacerdotal. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 77.

religiões, particularmente com o judaísmo e o islão, no impulso pelo ecumenismo.

Em 27 de abril de 2014, numa cerimônia inédita presidida pelo Papa Francisco, e com a presença do Papa Emérito Bento XVI João Paulo II foi declarado santo, juntamente com o Papa João XXIII.

3. PONTIFICADO DE JOÃO PAULO II

De acordo com O'Malley (2012), o Concílio Vaticano II foi uma reunião de cerca de 2 200 bispos do mundo, reunidos em quatro sessões de audiências, entre os anos de 1962 e 1965. Nenhum outro Concílio jamais tentou fazer uma revisão tão completa da igreja. Ele aconteceu depois da invenção do telefone, do rádio e da televisão, sendo possível a conversa entre os que estavam presentes na Basílica de São Pedro e os que estavam do lado de fora. De acordo com o autor, foi o primeiro Concílio a levar em conta culturas diferentes da europeia, por exemplo, culturas indígenas; o primeiro a observar que a unidade da Igreja não significava uniformidade em todos os sentidos; o primeiro a evidenciar que os bispos são responsáveis, não só por suas dioceses, como também pela Igreja de modo geral; o primeiro a perceber a consciência histórica da Igreja, isto é, a discrepância entre o passado e o presente. E, por fim, o Concílio queria mostrar que a Igreja é a mãe amorosa de todos.

Porém, após o Concílio, os padres e povo de Deus pareciam não saber o que fazer com essa liberdade defendida pelo Concílio e, conseqüentemente, padres e fieis se afastaram da Igreja.

Libanio (1984) explica que espaços políticos, ideológicos de direita e de esquerda, culturais de teatro, TV, rádio, cinema e literatura em geral, disputam esse vazio deixado pelo religioso, ora interagindo em seus discursos destroços simbólicos religiosos, ora substituindo-os por outros elementos analogicamente próximos. Assim, a igreja deixa de ser o lugar de sentido, o ponto de referência, que acaba sendo assumido por outras forças, ou corpos sociais. Há um novo processo de autocriação de sentido, de acordo com os próprios ideais.

Libanio (1984) deixa claro, porém, que a Igreja percebeu esse vazio e adota, através de João Paulo II, a volta à grande disciplina, ou seja o retorno à

aquela identidade firme e bem delimitada que havia na Igreja tridentina (tendo como principais características a missa em latim e os padres de costas para o povo). O papa assumiu a postura de pai que visita os filhos (129 países visitados) e de líder, que não permite dissonâncias em governo.

De acordo com Arraes (2005)¹¹, dois objetivos centrais permearam a atuação tanto administrativa, como espiritual do Papa João Paulo II, em seu pontificado de mais de um quarto de século: a extinção dos regimes comunistas no Leste europeu, sem diminuir críticas ao capitalismo, principalmente em função do tratamento reservado aos mais desfavorecidos e a preparação da Igreja Católica para o século XXI, com o estímulo ao ecumenismo e a solicitação de perdão, perante o mundo pelos erros da instituição no passado – em 2000, ele havia afirmado a necessidade da purificação da memória dos fiéis, em relação aos equívocos de outrora.

Segundo o autor, o pontificado de João Paulo II ainda hoje é entendido pela opinião pública como governo de um homem de fé enraizada, carismático, determinado, defensor da paz, corajoso. Ao longo dos 26 anos de seu papado, Karol Józef Wojtyła tornou-se conhecido, mobilizando multidões em suas viagens ao redor do planeta. Sua resiliência em conduzir a Igreja doente, alquebrado, imerso em dores, reforçou ainda mais essa imagem.

No entanto, de acordo com o autor, há um lado que ficou distante dos olhos da imensa maioria das pessoas: foram anos de punições e medo no interior da Igreja; dirigido a bispos, padres, freiras e leigos ligados à Teologia da Libertação, ou simplesmente adeptos do Concílio Vaticano II. O objetivo: liquidar a Teologia da Libertação e realizar o que João Paulo II tomou como prioridade de seu papado: restaurar “a grande disciplina”, termo citado por Libanio (1984). Assim, Arraes explicita a crítica ao pontificado de Woytila, baseado em três tópicos: começa com uma visão panorâmica do governo de João Paulo II; depois apresenta uma lista inédita de quase 200 ações repressivas de João Paulo II, que semearam medo e silêncio na Igreja; e por fim, o autor expõe um esquema

¹¹ ARRAES, Virgílio Caixeta. A política externa de João Paulo II. *Meridiano 47: Journal of Global Studies*, Brasília, v. 6, n. 56, p. 4-8, mar. 2005. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/21853> Acesso em 2008.

doutrinal/institucional desenhado por João Paulo II e seu braço direito, o cardeal Joseph Ratzinger, que seria seu sucessor.

Foi um tempo longo, da “grande disciplina” e para que se tenha uma ideia do que foram os 26 anos do papa polonês, Arraes (2005) revela que, o principal organismo de relacionamento do Vaticano com a Igreja universal durante o período foi Congregação para a Doutrina da Fé, sucessora Sacra Congregação da Inquisição Universal e da Congregação do Santo Ofício. Não por coincidência, esteve à frente da polícia vaticana o cardeal Joseph Ratzinger, braço direito de João Paulo e seu sucessor. Houve censuras, silêncios obrigatórios, renúncias compulsórias, repreensões públicas, interrogatórios com base em tortura psicológica, acobertamento de crimes e até omissão, diante de um sem número de assassinatos de leigos, freiras, padres e bispos, na América Latina.

Segundo Arraes (2005), João Paulo II assumiu o pontificado obcecado pela ideia de ser protagonista na derrocada dos regimes do socialismo real no Leste Europeu e, muito especialmente, na Polônia. Na América Latina, a doutrina vestiu as armas da guerra declarada. Primeiro, com o ataque de João Paulo II à Teologia da Libertação e sua ordem unida dirigida aos bispos; depois, em 1984, com a instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação¹², da Congregação para a Doutrina da Fé, assinada por Ratzinger, que a condenou em sua totalidade como uma perigosa subversão ao escrever que, “a nova interpretação, atinge, assim, todo o conjunto do mistério cristão”.

Um dos resultados mais dramáticos do governo de João Paulo II, opina Arraes (2005), foi o acobertamento a todo tipo de abusos e crimes:

1) Durante 30 anos houve sucessivos escândalos financeiros do Banco do Vaticano (o Instituto para as Obras de Religião – IOR), com casos desde lavagem de dinheiro à investimentos na indústria armamentista, sem que qualquer medida saneadora fosse adotada.

¹² RATZINGER, Joseph Card. Instrução sobre alguns aspectos da Teologia Da Libertação http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_theology-liberation_po.html

2) A *Opus Dei*¹⁴, um dos pilares da ditadura franquista na Espanha, foi transformada em prelazia pessoal do Papa João Paulo II, em 1982, o que lhe deu direito de atuar no mundo inteiro, sem a licença do bispo local.

Conforme Arraes (2005), se na base da formação eclesial imperou o medo, o processo de nomeação de bispos e cardeais passou a ser conduzido a partir da fidelidade dos clérigos ao poder avassalador de Roma. Buscou-se garantir a eternização da restauração, com nomeação em massa de cardeais eleitores do sucessor de João Paulo II: foram 231 cardeais em 9 consistórios, um número sem precedentes na história da Igreja, garantindo um colégio eleitoral de 120 homens todos de sua escolha. O resultado é conhecido: com a morte de Wojtyła, elegeu-se seu braço direito, Ratzinger, em 2005.

Arraes (2005) reflete que, os 35 anos de Wojtyła/Ratzinger (1978-2013), deixaram a Igreja “aos frangalhos”, a ponto de um colégio de cardeais nomeado integralmente por ambos, de perfil conservador, ter se dado conta que a crise chegara ao limite, ameaçando a própria existência da instituição e decidindo eleger, em 2013, o argentino Jorge Mario Bergoglio como novo Papa Francisco.

Enfim, de acordo com os autores, a postura de João Paulo II, em relação ao Concílio Vaticano II, foi a de retomada da identidade católica tridentina, ou seja, uma postura de identidade da disciplina, da catequese, da liturgia e das ideias. A uniformidade era o projeto de seu pontificado.

4. NOVA EVANGELIZAÇÃO

Contudo, é inegável a relação de João Paulo II com os jovens. O referido papa desde seu primeiro *Angelus*, como bispo de Roma, fala de sua janela, aos jovens: "Vós sois o futuro do mundo, a esperança da Igreja, Vós sois a minha esperança".¹⁶

Nesse sentido, é possível perceber que João Paulo II objetivava, sempre que possível, se dirigir aos jovens, portanto, nesta pesquisa, se pontua que o Papa buscou, desde o início de seu pontificado, uma retomada à identidade e

¹⁴ Prelazia pessoal. Do ponto de vista jurídico, o Opus Dei é uma Prelazia pessoal da Igreja Católica. Estruturadas hierarquicamente, as prelazias realizam peculiares atividades pastorais. Mais informações em: <https://opusdei.org/pt-br/article/prelazia-pessoal/>

¹⁶ Papa João Paulo II. *Angelus* de 22-10-1978. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/angelus/1978/documents/hf_jp-ii_ang_19781022.html Acesso em 2018

vocação católica, um retorno “a grande disciplina”, como disse Libanio (1984), por meio da Nova Evangelização, que na verdade, não tem nada de nova.

O termo Nova Evangelização foi usado pela primeira vez na Polônia, em 1979, e internacionalmente no discurso à XIX Assembleia Plenária do Conselho Episcopal Latino-Americano CELAM, celebrada no Haiti em março de 1983, com as seguintes palavras: “A comemoração do meio milênio de evangelização terá o seu significado pleno se for um compromisso vosso como bispos, com os vossos presbíteros e fiéis; compromisso não de reevangelização, mas de uma nova evangelização. Nova no seu ardor, nos seus métodos e na sua expressão”¹⁷.

O autor lembra que a origem da expressão comumente refere-se a um discurso de João Paulo II, em 1983, como dito acima. No entanto, ele discorda, e diz que “nova evangelização” é uma categoria que aparece já na Conferência de Medellín (1968), pela necessidade de renovação do Concílio Vaticano II (1962-1965), através de um novo modelo de pastoral: passar de uma “pastoral de conservação”, com ênfase na sacramentalização (de cristandade), para uma pastoral transformadora, com ênfase na evangelização (de pós-cristandade).

O Papa ainda apresenta o que define como pressupostos fundamentais para esta Nova Evangelização primeiramente aos ministros ordenados:

O primeiro refere-se aos ministros ordenados. Ao terminar o seu meio milênio de existência, e encontrando-se às portas do terceiro milênio cristão, a Igreja na América Latina necessita manter uma grande vitalidade, o que será impossível se não contar com sacerdotes numerosos e bem preparados. Suscitar novas vocações e prepará-las convenientemente, nos aspectos espiritual, doutrinal e pastoral, é, num Bispo, um gesto profético, um tornar já presente o futuro da Igreja. Recomendo-vos, pois que vos dediqueis a esta tarefa, que vos custará preocupações e sofrimentos, mas igualmente alegria e esperança. (JOÃO PAULO II, CELAM, 1983)¹⁸

E depois fala aos leigos:

¹⁷ Papa João Paulo II, Discurso na Abertura da XIX Assembleia do CELAM, em 9-03-1983. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html Acesso em 2018

¹⁸ JOÃO PAULO II. Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia Do Celam, Em 09/03/1983. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html

O segundo aspecto refere-se aos leigos. Não é somente a falta de sacerdotes, mas também e sobretudo a auto compreensão da Igreja na América Latina, à luz do Vaticano II e de Puebla, que indicam o lugar dos leigos na Igreja e na sociedade. O aproximar-se do 500º aniversário da vossa evangelização deve encontrar todos os Bispos, juntamente com as suas Igrejas, empenhados em formar um número cada vez maior de leigos prontos a colaborar eficazmente na obra evangelizadora. (JOÃO PAULO II, CELAM, 1983)²⁰

Em 12 de outubro de 1984, novamente, João Paulo II recorre ao termo nova evangelização, no discurso dirigido aos Bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo (República Dominicana) no V Centenário da primeira evangelização. Nesta ocasião, expressou-se nos seguintes termos: “Uma nova evangelização da América Latina que anuncia com mais vigor – como a das origens – um potencial de santidade, um grande impulso missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda de colegialidade e comunhão, um combate evangélico de definição do homem, para gerar, desde o seio da América Latina, um grande futuro de esperança: a civilização do amor”, termo usado por Paulo VI²¹

De acordo com Brighenti (2013), o conceito "nova evangelização", tem relação com "novo modelo de pastoral", mais adequado ao contexto atual, em relação ao momento anterior. Isto é, o modelo é diferente, mas a evangelização é a mesma.

O Papa João Paulo II, com Puebla, a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em 1979, no México, estava recolhendo o que já havia dito Paulo VI, na Evangelii Nuntiandi (sobre evangelização no mundo contemporâneo): a) uma evangelização nova em seu fervor (ardor); b) uma evangelização nova em seus meios (método); c) uma evangelização nova na maneira de expressar o conteúdo (expressões).

²⁰ JOÃO PAULO II. Discurso do Papa João Paulo II na abertura da XIX Assembleia do Celam, Em 09/03/1983. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jp-ii_spe_19830309_assemblea-celam.html

²¹ JOÃO PAULO II, Discurso dirigido aos Bispos da América Latina, reunidos em Santo Domingo no V Centenário da primeira evangelização, de 12-10-1984). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jp-ii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html Acesso em 2018.

O autor explica que a tradução mais fiel da nova evangelização -, é a expressão "conversão pastoral", formulada pela *Conferência de Santo Domingo* (1992) e retomada na *Conferência de Aparecida* (2007). Ela defende a superação de modelos de pastoral ultrapassados pela renovação do Concílio Vaticano II e pela tradição latino-americana e que configuram, hoje, modelos de uma evangelização caduca no tempo e no espaço.

Brighenti (2005), continua explicando que uma conversão pastoral no âmbito da *práxis* eclesial, implica: a) desenvolver "um estilo de ação adequado à realidade urbana, em sua linguagem, estruturas, práticas e horários"; b) agir apoiado em um plano pastoral "orgânico e articulado, que incida sobre o conjunto da cidade", com estratégias para chegar aos "condomínios fechados, edifícios residenciais e favelas"; c) ter uma maior presença nos "centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias" (Documento de Aparecida, 2007).

Nesta perspectiva, é possível perceber que a nova evangelização trouxe mudanças à Igreja, que não foram tão somente as exigidas pelo Concílio, mas também não foram completamente diferentes. João Paulo II adotou medidas que julgou necessárias para a evangelização naquele momento. A Jornada Mundial da Juventude foi um dessas novas medidas, isto é, uma ação mais voltada para evangelização do povo.

No entanto, o que é novo não pode acontecer em estrutura antiga, critica Brighenti (2013):

Um efetivo e conseqüente processo de conversão pastoral desemboca, também, numa mudança de estruturas: "vinho novo, odres novos". É preciso ter a coragem de averiguar até que ponto o "ser" da Igreja, em sua organização e estruturas, é suporte ao seu "fazer" no contexto atual. As estruturas são um elemento fundamental da visibilidade da Igreja, pois, afetam seu caráter de sacramento. As estruturas são também mensagem. Sem estruturas segundo o modo de Evangelho e, portanto, sem novas estruturas na Igreja atual, não há nova evangelização'. (BRIGHENTI, 2013, p. 22)

Portanto, somente se fosse modificada a estrutura da Igreja, é que haveria uma evangelização de fato nova. Brighenti (2013) lembra, para que Deus seja novo em cada manhã e sua Boa Nova da salvação não caduque no tempo, a Igreja, depositária da Boa Nova do Reino, precisa estar em constante estado de *aggiornamento* (atualização), tanto em seu "ser" como em seu "fazer".

Da mesma forma, Suess (2012), explica que aconteceu, em 2012, o Sínodo dos Bispos sobre “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Nessa ocasião, o Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos preparou os Lineamenta, um pequeno compêndio sobre “evangelização e catequese” que, “Dentro do amplo contexto da evangelização, uma especial atenção foi reservada ao anúncio da Boa Nova às pessoas e aos povos que ainda não conhecem o Evangelho de Jesus Cristo”. Deve-se, segundo os Lineamenta, implementar essa evangelização com “novas formas e expressões da Boa Notícia” e transmiti-la “com renovado entusiasmo”.

Em todos os documentos pode-se observar que a mudança está na forma como transmitir a fé da Igreja, mas não se “mexeu” na estrutura da Igreja. Assim, para transmitir essa fé, foi criada a Jornada Mundial da Juventude aos jovens de agora, porém dentro do conteúdo e estrutura milenar da Igreja Católica de antes. Nesse sentido, pontua-se que, com as Jornadas Mundiais da Juventude, houve uma intensificação na evangelização e não uma mudança, ou novidade na evangelização. Até porque, nas Jornadas acontece o mesmo que no dia-a-dia da Igreja, porém de forma intensa, aos jovens do mundo todo, reunidos em torno da cruz peregrina. É um novo modelo de pastoral, porém de acordo com a tradição da Igreja, tudo isso na busca de resgatar a identidade católica, como apregoava João Paulo II. Na JMJ acontecem missas, catequese, orações, confissões, peregrinações a lugares santos, veneração à cruz e à Maria, como será visto no tópico seguinte.

5. JORNADAS MUNDIAIS DA JUVENTUDE: FINALIDADES FUNDAMENTAIS

Em 1985, no início das JMJ, o Papa disse que havia no coração, as palavras do Apóstolo João: “O que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam do Verbo da Vida (...) vó-lo anunciamos” (cf. 1, 1.3). E imaginava as JMJ como “um momento forte de “experiência de fé e de comunhão eclesial”, no qual os jovens do mundo pudessem encontrar Cristo, o eternamente jovem, e aprender d’Ele a tornar os evangelizadores de outros jovens. Quase vinte anos depois, em 2003, o Papa

vai afirmar que “essas (as JMJ) têm sido verdadeiras escolas de crescimento na fé, de vida eclesial, de resposta vocacional”.²³

Cardoso (2009), esclarece que, a primeira finalidade da JMJ é levar os jovens a um momento forte de encontro com Cristo, para que possam proclamar com crescente alegria e audácia a comum fé n’Ele, morto e ressuscitado, e se tornar seus evangelizadores no mundo atual. Eis o primeiro propósito fundamental das JMJ: reconduzir ao centro da fé e da vida de cada jovem a pessoa de Jesus Cristo, para que se torne constante ponto de referência e seja também a verdadeira luz de cada iniciativa e de cada empenho educativo às próximas gerações, para que o mundo continue sendo evangelizado.

O segundo objetivo fundante das JMJ, segundo Cardoso (2009), além de possibilitar um encontro dos jovens com Cristo em vista da nova evangelização, consiste em ajudá-los a aprofundar o sentido de comunhão eclesial. Assim, as JMJ representam a jornada da Igreja para e com a juventude atual.

O terceiro objetivo das JMJ, além de levar os jovens a um encontro com Cristo e a um aprofundamento do sentido de pertença eclesial, é que elas foram projetadas para ajudá-las a interrogarem-se sobre as aspirações mais íntimas e para responder a essas perguntas existenciais da juventude de todos os tempos.

6. GÊNESE E INSTITUIÇÃO DAS JMJ

Stala (2016)²⁵ aborda que, ao discutir as origens da Jornada Mundial da Juventude, aparecem geralmente as primeiras celebrações em Roma e a intenção de construir uma comunidade de jovens católicos. No entanto, para ver as fontes da ideia da JMJ, seria necessário voltar aos eventos que aconteceram muito antes do pontificado de João Paulo II, de volta à atividade sacerdotal de Karol Wojtyła, em Cracóvia/Polônia, começando com a *LightLife* Movimento

²³ Discurso do Papa João Paulo II no encontro com os jovens de Roma em preparação do XVIII Dia Mundial da Juventude <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/h21.htm>

²⁵ STALA, Józef. Overview of the World Youth Day Krakow 2016. In: World Youth Krakow 2016 – Selected research results. Narodowe Centrum Kultury (National Centre for Culture), Warsaw 2016. Disponível em: <https://www.nck.pl/upload/attachments/318611/WYD%20Krakow%202016%20Report.pdf> Acesso em 2018.

"Oaza", as reuniões e viagens com os alunos que ele organizou até o chamado "Milieu" (polonês: *Środowisko*)

O autor afirma que o cardeal Wojtyła transferiu sua experiência de trabalho com os jovens para a Santa Sé. Depois de ser eleito Papa e se mudar para Roma em 1978, Karol Wojtyła prontamente tomou medidas para lançar reuniões para jovens. Ele freqüentemente chamava os jovens: "Vocês são a esperança da Igreja! Vocês são a esperança do mundo!" Stala (2016) lembra que foi João Paulo II, que afirmou que a ideia da JMJ se originou "entre seus jovens amigos do Milieu e seu interesse na dinâmica pessoal e profissional da adolescência e início da idade adulta".

Stala (2016), recorda ainda que, de acordo com as palavras do bispo P. Cordes e do Rev. J. Michalik, membros dos movimentos religiosos com os quais estavam em contato, ficaram entusiasmados com a ideia de uma reunião para jovens de diferentes partes do mundo. Muitos deles se ofereceram para trabalhar nos turnos do centro que estava sendo montado. O "San Lorenzo" Centro Internacional da Juventude, sob o patrocínio de São Lourenço de Roma e Pier Giorgio Frassati, foi criado em uma pequena igreja na via Pfeiffer, perto do Vaticano. O centro foi inaugurado em 13 de março de 1983. O Papa João Paulo II presidiu a Santa Missa, durante a qual ele expressou o desejo de que os bispos de todo o mundo dissessem aos jovens sobre o lugar e os incentivassem a visitar o Centro.

Stala (2016) explica que, referindo-se à cruz de São Damião, pendurada no presbitério da igreja, o Papa chamou a atenção dos jovens para fazer da cruz um ponto central de suas vidas, desde que "A Cruz assume toda a pobreza do mundo causada pelo pecado. A cruz aparece como um sinal de graça". Quando o Papa João Paulo II inaugurou o extraordinário Ano Santo da Redenção em 1983, ele recebeu uma cruz de madeira dos jovens do Centro San Lorenzo no Vaticano, que mais tarde se tornaria um símbolo do Ano Santo.

A cruz foi devolvida aos jovens no último dia do Santo Ano, no Domingo de Ramos, 22 de abril de 1984. Ao devolver a cruz aos jovens, o Santo Padre João Paulo II pediu-lhes que esta cruz percorresse o mundo inteiro. Desde esse momento, a cruz, juntamente com a imagem de Santa Maria, *Salus Populi*

Romani, tem viajado para todas as dioceses de cada país que acolhe a JMJ. A juventude aceitou o desafio do Papa e continuou a fazê-lo até hoje.

Cardoso (2009), dá ainda alguns detalhes sobre a criação da JMJ. Ele conta que, João Paulo II declarou o ano de 1983-1984 o “Jubileu extraordinário da Redenção”, com o lema: *Aperite portas Redemptori* (Abri as portas de nosso redentor), para comemorar 1950 anos da Redenção. Em março de 1983, em Roma, o Centro Internacional de Jovens São Lourenço lançou uma ideia: uma reunião de jovens no Domingo de Ramos (DR), de 1984, comemorando a redenção na cruz e ressurreição. Esse encontro imediatamente foi aprovado pelo Papa que entregou o projeto ao bispo alemão D. Paul-Joseph Cordes, então vice-presidente do PCL (Pontifício Conselho para Leigos) e responsável pelo setor juventude e sua evangelização. A descrença foi geral, porém a ideia seguiu em frente e a equipe progrediu.

No dia 14 de abril de 1984, véspera do DR, duzentos e cinquenta mil jovens convergem para a Praça São Pedro “para um encontro de oração, partilha e conversa”. Por isso, o Santo Padre, aproveitando que a ONU havia declarado 1985 o “Ano Internacional da Juventude”, convidou os jovens, no dia 30 de março desse ano, para um outro encontro mundial.

Mais uma vez descrença, que se contrastou com o sucesso: mais de trezentos mil jovens disseram sim ao convite pontifício. Uma semana depois desse encontro com os jovens, em sua homilia de Páscoa, o Pontífice João Paulo II manifesta o desejo e, ao mesmo tempo, confirma a sua convicção de comemorar todo ano uma JMJ e seu benefício. E, sem descartar as dificuldades, transmite aos jovens a missão de transformar em estruturas inspiradas na verdade, solidariedade e paz os mecanismos opressores e egoísticos.

Cardoso (2009) continua contando que, no dia 20 de dezembro seguinte, na sua mensagem natalícia ao Colégio Cardinalício e à Cúria Romana, ele anuncia que as JMJ serão realizadas em um ano em âmbito local, em todas as dioceses do mundo, no ano seguinte, no cenário internacional, em alguma grande capital. Desta vez, as JMJ realmente estavam instituídas: “O Senhor abençoou aquele encontro de modo extraordinário, tanto que, para os anos que virão, foi instituída a JMJ, a celebrar no DR (Domingo de Ramos), com a válida colaboração do PCL (Pontifício Conselho para os Leigos)”. Algum tempo depois,

o próprio Papa dirá: “ninguém inventou essas jornadas (...) foram os próprios jovens que as criaram (...) abriram o seu caminho”. E, em torno da Cruz do Ano Santo, surgiram e desenvolveram-se as JMJ, significativos “momentos de parada” no caminho dos jovens e convite contínuo e premente para que a vida, sobre a rocha que é Cristo, seja fundada. (CARDOSO, 2009, p.30).

Quando tudo parecia estar consumado, Cardoso (2009) lembra que o Papa surpreendentemente anunciou o terceiro documento fundamental das JMJ: a sua Carta Apostólica aos jovens do mundo, por ocasião do Ano Internacional da Juventude. Trata-se de uma mensagem de esperança e de empenho, por meio da qual o Santo Padre recorda como a Igreja atribui ao período da juventude uma particular importância, porque nessa fase reside a “confiança, esperança da Igreja e da sociedade”. O Papa comenta três passagens bíblicas com denso conteúdo teológico-pastoral. Primeiro, ele trabalha o texto do encontro de Cristo com o jovem rico (cf. Mc 10, 17-22; Mt 19,16-22 e Lc 18, 18-25), que se torna o eixo da Carta. Depois, o da exortação de Pedro (cf. 1 Pr 3, 15) oferece o plano de abertura. E, finalmente, comenta o testemunho do discípulo amado (cf. 1 Jo, 2, 13s), o fecho de ouro da Carta Apostólica do Papa à juventude.

A Jornada Mundial da Juventude começou então, como mencionado acima, com dois encontros especiais e uma carta. O primeiro encontro é o Jubileu Internacional dos Jovens, em 1984, celebrado em Roma, na praça São Pedro para a inauguração das celebrações. Acolhei a alegria, a liberdade e o amor de Jesus, disse João Paulo II a cerca de sessenta mil jovens, na Praça de São Pedro, em 12 de abril de 1984.

Esse encontro teve repercussões, dois dias depois, acontece a Assembleia Geral, na qual o Papa convida os mais de trezentos mil jovens presentes a tirarem do Redentor a força para conduzir a humanidade ao início do terceiro milênio, incentivou os jovens a eliminar o mal e escolher a vida.

Depois de alguns dias, ao final do evento, o Papa entrega aos jovens, como explicitado anteriormente, a grande cruz que havia presidido o Jubileu na Basílica de São Pedro e pede a eles que a carreguem pelo mundo como um símbolo de amor de Cristo pela humanidade, e que anunciem a todos que somente na morte e ressurreição de Cristo se pode encontrar a salvação e a

redenção. Ela tem percorrido o mundo em eventos de âmbito, local, diocesano, nacional e internacional. É na cruz que se encontram a miséria do homem e a misericórdia divinal, explica o Papa João Paulo II.

No ano seguinte, 1985, houve novamente um grande encontro com os jovens em Roma, por ocasião do Ano Internacional da Juventude, proclamado pelas Nações Unidas. Nele, o Papa apresenta o documento *Parati Semper* (do latim, Sempre Pronto), no qual o Papa pede “Estejam sempre preparados para responder a qualquer um que lhes pedir a razão da vossa esperança”. Em 20 de dezembro de 1985, o Papa institui a Jornada Mundial da Juventude, e pede aos jovens perseverança.

Cardoso (2009) explica que o ano de 1986 é, portanto, o ano da primeira Jornada Mundial da Juventude, em Roma. No ano anterior, o Papa João Paulo II havia entregue aos jovens a chamada Cruz Peregrina e o ícone de Nossa Senhora que, a partir de 1985, passou a percorrer o mundo todo. O Papa relata que a finalidade principal das Jornadas é colocar Jesus Cristo no centro da fé e da vida de cada jovem, para que seja o ponto de referência constante e a luz verdadeira de cada iniciativa e de toda tarefa educativa das novas gerações. Por este motivo os jovens são convidados, periodicamente, a se fazerem peregrinos pelos caminhos do mundo. É um caminhar sempre em movimento. Como a vida. Como a juventude.

Assim, em Buenos Aires, em 1987, explica Cardoso (2009), as expectativas eram de justiça social. Em 1989, na peregrinação pelo Caminho de Compostela, a ideia central era “Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14,6). Depois da queda do muro de Berlim, foi em Czestochova, em 1991, o desafio da Europa do Leste, com o lema “Recebestes um espírito de filhos” (Rom 8, 15). E continua-se a lida. Depois em Denver, 1993, a busca do Cristo no coração da sociedade pós-moderna, nas metrópoles feitas de arranha-céus. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (Jo 10, 10), foi o tema. Depois em Manila, na Ásia, em 1995, o desafio das terras abertas à nova evangelização. “Assim como o Pai, também Eu vos envio” (João 20,21), foi a palavra rema. Paris, em 1997, está ao mesmo tempo no coração da Europa cristã e na fronteira da secularização e do confronto multicultural. Com o seguinte lema: “Mestre, onde moras? Vinde e vereis.” (Go 1, 38-39)

O encontro de Roma, durante o Grande Jubileu do ano 2000, foi a volta às raízes da fé e a prova de que, depois de vinte séculos, o anúncio do evangelho continuou presente e teve o tema “E o verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 1,14). Com o encontro de 2002, em Toronto, na modernidade multicultural, o tema foi: Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo.” (Mt 5, 13-14) e em 2005, em Colônia (Alemanha), encontro preparado por João Paulo II, mas vivido, (quase um presente) por seu sucessor, o alemão Bento XVI (sua eleição estava eminente). O tema foi “Viemos adorá-lo” (Mt 2,2). “Recebereis a força do Espírito Santo, que virá sobre vós, e sereis minhas testemunhas” (Atos 1,8) foi o tema da JMJ 2008, em Sydney. E “Arraigados e edificados em Cristo, firmes na fé” (Colossenses 2, 7) foi o tema da JMJ 2011, Madri, e a JMJ para os brasileiros começa aqui. A próxima JMJ, seria no Brasil, “de encantos mil”.

A cada dois ou três anos, a JMJ, é mundial, mas as jornadas locais, realizadas anualmente em cada país, também são contabilizadas. Como dito acima, no ano de 2016, a Jornada, em sua 29ª edição aconteceu na Polônia, na cidade de Cracóvia, de 25 a 31 de julho.

A JMJ de 2013 havia sido no Brasil. Na época, foi uma surpresa, pois o Papa Francisco acabava de ter sido eleito, após a renúncia de Bento XVI. Nunca antes um Papa argentino havia sido eleito. E há muito tempo, quase 600 anos, desde 1415, um Papa não havia passado o “cajado” ainda vivo a outro Papa. Ainda seria a primeira saída apostólica de Francisco, desde sua eleição, em 13 de março de 2013. Era muita novidade. Então, o mundo inteiro estava “de olho” no Brasil, para ver o que aconteceria, durante o evento inédito.

Já na Jornada de 2016, o Papa estava mais “acostumado” com os jovens, e os jovens/mundo acostumado com Francisco e, por isso, aguardando suas novidades, pois ele sempre surpreende: desce do papamóvel para abençoar velhinhos e doentes, faz brincadeiras, deixa a janela de seu carro aberto ao se locomover pela cidade, entre outras posturas.

Dentre as várias atividades das jornadas, estão os encontros entre grupos e movimentos, feiras vocacionais e culturais, passeios turísticos, catequeses, vias-sacras, vigílias, palestras, confissões e missas. A juventude ainda faz peregrinações e troca os chamados *souvenirs* (“lembrancinhas”), fazendo intercâmbio cultural com jovens de outros países.

As caravanas de jovens do mundo todo enfrentam horas e até dias de viagem de ônibus, de avião, a pé e tantos outros meios de transporte, para chegar aos locais de eventos. Chegando aos respectivos locais, ficam alojados em casa de famílias ou escolas, que se dispõem a acolher, gratuitamente, pessoas de qualquer parte do mundo.

Com chuva ou sol, as pessoas participam de peregrinações, danças, missas entre outras atividades, se perdem e se reencontram, perdem e reencontram seus pertences, ajudam e rezam juntos uns pelos outros, pela igreja e por familiares, fazem amizades de cinco minutos nos metrô e ônibus; por horas nas caminhadas; ou até mesmo pela vida toda - existem casos de pessoas que se conhecem nas jornadas, se casam e continuam participando das próximas jornadas, como família.

7. VALORES CULTIVADOS PELA JMJ

Cardoso (2009) diz que, a finalidade da mensagem do Papa aos jovens é constituir-se como programa diretivo de opção de vida. Ela gira principalmente em torno de três pressupostos teológico-pastorais fundamentais: o cristológico, o eclesiológico e o mariológico do ser humano, em sua vida. Mas Jesus Cristo é o fulcro das mensagens pastorais do Papa, no contexto das JMJ, ao jovem hodierno, com sua rotina, geralmente corrida.

João Paulo II, explica Cardoso (2009), é o Papa da pessoa humana, em sua dignidade. A tutela e promoção da pessoa e de seus direitos constituem a missão da Igreja, em seu núcleo central. Trata-se de direitos naturais, universais e invioláveis, porque emanam do próprio Deus. A verdade do ser humano está indissolúvelmente ligada à verdade do Filho de Deus em forma carnal. Cristo esclarece o mistério da vida e leva todas as potencialidades da pessoa à plena maturidade. O ser humano só é inteligível à luz de Cristo-Deus.

Cardoso (2009) aprofunda a reflexão e aborda que a mensagem do Papa aos jovens, tem em Cristo seu ponto central. A sua morte na Cruz resgatou o ser humano do pecado e do mal. A tarefa da Igreja é formar Cristo nos jovens, e a dos jovens é servi-lo, servindo à humanidade mundial.

De acordo com o mesmo autor, Maria sintetiza na sua pessoa todo o mistério da Igreja, é a “filha predestinada do Pai”. “Filha do Pai tornou-se a mãe do Seu Filho (cf. Lc 1,38). É a primeira colaboradora de Deus na obra da salvação. Ela é também exemplo de defesa e promoção da vida, de ternura, de fortaleza no sofrimento, de pureza na vida e de alegria para os jovens, em sua evangelização.

Construir a paz no mundo, onde abundam os tormentos derivados do pecado, o ódio, a violência, o terrorismo e a guerra, é um compromisso inadiável e jovial. Constroem-se a paz, a cooperação entre as nações, a harmonização dos interesses diversos e contrastantes de culturas e instituições, sobre quatro pilares: a verdade, a justiça, o amor e a liberdade mundial.

O ecumenismo, para Cardoso (2009) é a prioridade mais urgente da comunidade cristã e Cristo é o fundamento da unidade dos cristãos. Isso é um desejo explícito na oração de Cristo ao Pai: “a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que vós me enviastes” (Jo 17, 21). A oração constante e fervorosa é a “alma de todo movimento ecumênico”. A recomposição de todas as Igrejas cristãs, em torno a um só pastor (cf. Jo 10,16), não é fruto só de esforços humanos, mas, sobretudo, graça e dom do Espírito Santo. Os jovens são convidados a tomar iniciativas ecumênicas concretas. A promoção da unidade de cristãos é uma missão prioritária da Igreja. Os jovens unidos entre si encontram forças para lutar pela unidade e, na unidade, construirão a paz de Cristo. Assim, eles se tornam artífices de unidade, de paz e protagonistas da Civilização do Amor, e sua construção.

Para o autor a “cultura da morte” rejeita a luz da vida, preferindo as “trevas”, a injustiça, a discriminação, a exploração, a impostura, a violência, “a morte de inocentes”. Diante disso, a tarefa dos jovens consiste em anunciar e promover a cultura integral, que tende ao desenvolvimento completo da pessoa humana e ressalta os valores da inteligência, da vontade, da consciência, da fraternidade em todos, baseados no Deus Criador e exaltados em Cristo Senhor.

De acordo com Cardoso (2009), a responsabilidade irrenunciável dos jovens no terceiro milênio é construir a Civilização do Amor. Essa civilização

consiste fundamentalmente na transmissão da mensagem Evangélica, sem socialismo nem sentimentalismo, como o convite capaz de encarnar historicamente o mistério do Reino inaugurado por Cristo e atuado pelos crentes. Ela não é um novo partido político dos cristãos, nem a hegemonia da Igreja sobre os povos, mas esforço de todo o povo de Deus para encarnar o Evangelho de Cristo no âmbito pessoal e no corpo social. Cristo é o princípio fundante da nova Civilização, junto com a solidariedade, a justiça, a caridade, a verdade, a família, centro e coração da civilização do amor universal. Ela se funda ao amor, ao perdão, à luta contra a injustiça e toda a matéria física, moral, espiritual, e à orientação da política, da economia, da cultura e da tecnologia, a serviço do ser humano e do seu desenvolvimento integral.

A construção da Civilização do Amor, para Cardoso (2009) implica necessariamente a reafirmação dos valores religiosos, artísticos, culturais e morais e a negação dos antivalores como o egoísmo, a rivalidade, o ócio, a injustiça, os erros do mundo, as opções imorais, os desatinos morais, a verdade com perfil imutável de oportunidade, o amor livre, os impulsos afetivos. Diante disso, a melhor herança a ser comunicada às próximas gerações são os valores superiores do espírito.

CAPÍTULO 2

PAPA FRANCISCO E JMJ: CRISE E REFORMA

Neste capítulo será abordado o Pontificado e atuação do Papa Francisco, cujo nome de batismo é Mario Jorge Bergoglio na Jornada Mundial da Juventude. Assim, será possível discorrer sobre a crise que gerou a renúncia de Bento XVI e a eleição de Francisco; seu Pontificado e, finalmente, sua postura de adesão aos pobres e excluídos, na proposta de uma Igreja em saída, que não está autorreferenciada, mas sim, vai ao povo, como um pastor que caminha com as ovelhas, e de tão próximo que delas vive, ele tem o cheiro delas, e elas o seu.

1. ELEIÇÃO DE FRANCISCO

Francisco é o primeiro Papa nascido “no fim do mundo” – hemisfério sul; o primeiro jesuíta da história, o primeiro latino-americano e o primeiro a utilizar o nome de Francisco. O primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos - o último havia sido Gregório III, nascido na Síria e morto em 741. Tornou-se arcebispo de Buenos Aires, em 1998 e foi, com o título de Cardeal-presbítero de São Roberto Belarmino, pelo Santo Padre São João Paulo II, elevado ao cardinalato 2001.

“O meu povo é pobre e eu sou um deles”²⁶, disse várias vezes para explicar a escolha de morar num apartamento e de preparar o jantar sozinho. Aos seus sacerdotes sempre recomendou misericórdia, coragem apostólica e portas abertas a todo vizinho. A pior coisa que pode acontecer na Igreja, explicou em algumas circunstâncias, “é aquilo ao que de Lubac chama mundanidade espiritual”, que significa “pôr-se a si mesmo no centro”, pensando somente no individual. Também convidava, em primeiro lugar, a retomar nas mãos o catecismo, a redescobrir os dez mandamentos e as bem-aventuranças, quando citava a justiça social. O seu programa é simples: se seguirmos Cristo,

²⁶ Biografia de Francisco, disponível em: <https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html> Acesso em 2018.

compreenderemos que “espezinhar a dignidade de uma pessoa é pecado grave”, não ideal.

Veiga (2018)²⁷, defende que Francisco imprimiu à conservadora Igreja Católica uma personalidade mais carismática, além de se envolver em questões mundiais urgentes: publicou uma encíclica em defesa da ecologia (*Laudato si*, em português, *Louvado seja*, 2015), fala com frequência em defesa dos refugiados da crise imigratória e intermediou a histórica retomada da diplomacia entre os Estados Unidos e Cuba.

Em cinco anos de pontificado, Papa Francisco é considerado o maior canonizador de santos da Igreja Católica, conforme demonstra levantamento realizado por Altemeyer, da PUC-SP, em reportagem da BBC.²⁸

Até agora, Francisco reconheceu 878 santos e 1115 beatos. Antes, o recordista era João Paulo II, que nos 26 anos de pontificado fez 482 santos e 1341 beatos. Bento XVI, o antecessor de Francisco, inscreveu no cânon 45 novos santos e 371 beatos - foram quase 8 anos à frente da Igreja.

Altemeyer também compilou as viagens missionárias de Francisco. De 2013 a 2018, foram 17 viagens internas na Itália e 22 viagens internacionais nas quais visitou 31 países, entre eles Brasil, Estados Unidos, Cuba, Quênia, Bangladesh e Myanmar.

Ainda de acordo com Altemeyer, sua produção documental e catequética já compreende 992 discursos, duas exortações apostólicas, 34 constituições apostólicas, 165 cartas, uma bula, 30 cartas apostólicas, 216 mensagens, 31 motu próprios e duas encíclicas - *Lumen Fidei* e *Laudato Si'*.

Além de personalidade reservada, o *site* do Vaticano revela que sua biografia se tornou um ponto de referência, devido às suas tomadas de posição, como arcebispo de Buenos Aires, durante a crise econômica que abalou o país em 2001. Naquele ano, também foi nomeado relator-geral adjunto da décima Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos bispos, dedicada ao ministério

²⁷ O legado dos cinco primeiros anos de Francisco, o papa 'que desceu do trono'. **Edison Veiga**, publicada por **BBC Brasil**, 12-03-2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43339864>

²⁸ O legado dos cinco primeiros anos de Francisco, o papa 'que desceu do trono'. Edison Veiga, publicado por **BBC Brasil**, em 12-03-2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43339864>

episcopal. No Sínodo, sublinhou de modo particular a “missão profética do bispo”, o seu “ser profeta de justiça”, o seu dever de “pregar incessantemente” a doutrina social da Igreja, mas também de “expressar um juízo autêntico em matéria de fé e de moral”.

Entretanto, lê-se no *site* que, na América Latina, sua figura tornava-se cada vez mais popular. Não obstante isto, não perdeu a sobriedade da índole, com este espírito, em 2002, recusou a nomeação a presidente da Conferência episcopal argentina, mas três anos mais tarde, foi eleito para tal cargo e depois confirmado por mais um triênio em 2008. Em abril de 2005, veio participar do conclave durante o qual tinha sido eleito Bento XVI.

De acordo com o *site* do Vaticano, Francisco, como cardeal Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires — diocese com mais de três milhões de habitantes — pensou num projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, com quatro finalidades principais: comunidades abertas e fraternas; protagonismo de um laicado (conjunto dos cristãos leigos) consciente; evangelização destinada a cada habitante da cidade; assistência aos pobres e aos enfermos. O seu objetivo era reevangelizar Buenos Aires, “tendo em consideração os seus habitantes, o modo como ela é e a sua história”. Convidou sacerdotes e leigos a trabalharem juntos. Em setembro de 2009 lançou a campanha de solidariedade a nível nacional, em vista do bicentenário da independência do país: duzentas obras de caridade a realizar até 2016. E, em chave continental, alimenta fortes esperanças, no sulco da mensagem da Conferência de Aparecida, de 2007, chegando a defini-la “a da América Latina”.

O *site* explica que, até ao início da sede vacante, Bergoglio, foi membro das Congregações para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica para o Culto Divino e para os Sacramentos, em sua Disciplina; do Pontifício Conselho para a Família, e da Pontifícia Comissão para a América Latina.

Foi eleito Papa em 13 de março de 2013. Logo em seguida, de 22 a 28 de julho de 2013, realizou sua primeira viagem apostólica, fora da Itália, veio ao Brasil, onde esteve justamente por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. Foi uma surpresa ao Papa e ao mundo inteiro, pois acabara de ser eleito, viajar logo ao país latino-americano, vizinho ao seu e

realizou, inclusive, um encontro com jovens argentinos, na jornada do Brasil. A JMJ Rio contou com mais de 3 milhões de pessoas, na missa de envio.

Além do Brasil, o Papa já visitou mais de 30 países, em cinco anos de Pontificado, quais sejam: 2014 - Jordânia, Israel e Palestina, Coreia do Sul, Albânia, França, Turquia. Em 2015, acolheram o Papa, o Sri Lanka e Filipinas; Bolívia, Equador e Paraguai, Cuba e Estados Unidos, Quênia, Uganda e República Centro-Africana. Em 2016, Cuba e México, Grécia, Armênia, Polônia - de 26 a 31 de julho, na Jornada Mundial da Juventude e Geórgia, Azerbaijão e Suécia. Em 2017, visitou o Egito, Portugal, Colômbia, Myanmar e Bangladesh. E em 2018, esteve no Chile, Peru, Suíça e Irlanda. Sempre levando mensagem de paz, esperança e misericórdia às pessoas do mundo inteiro.

2. PROGRAMÁTICA REFORMADORA

Passos (2018) explica que, com a eleição de Bergoglio, vieram à tona os projetos que estavam em curso na Igreja Católica, um deles é o de Ratzinger, que defendia a tradição pré-conciliar e o outro é o de Francisco que defende a Igreja em saída, não fechada em si, mas preocupada em os pobres ajudar.

O autor explica que as tipologias expressam, na verdade, que a Igreja pós Ratzinger expôs dois projetos distintos a partir de seu centro. Eles já existiam e operavam simultaneamente desde o Vaticano II em seu momento final. A era Wojtyla-Ratzinger legitimou um projeto eclesial centralizado em Roma e vinculado à tradição anterior ao Vaticano II, tornando-o cada vez mais unívoco e onipresente no conjunto da Igreja, causando tormento, pois foi gestado na teoria e na prática a partir da Cúria Romana e veio qualificar como ilegítimos os projetos nascidos do Vaticano II. O outro projeto a se comparar, foi o da Igreja dos Pobres, comprometida com a justiça, que teve seu nascimento oficial na Conferência de Medellín, em 1968, e firmou-se como um paradigma da Igreja, porém, monitorado pela Cúria Romana tornando-se objeto de intervenções em Igrejas e personagens latino-americanos, como suspeita de projeto heterodoxo.

A eleição de Jorge Mário Bergoglio levou, segundo Passos (2018), esse projeto da Igreja dos Pobres para o centro da Igreja, tornando, agora, visível a tensão, que antes era cada vez mais localizada e residual em Igrejas locais,

sobretudo, no Sul do território global. O fato inesperado aconteceu: a periferia chegou ao centro pelas vias legítimas da tradição eclesial e se instalou como projeto papal.

Decerto, como diz Cuda (2016), não se trata de uma dinâmica eclesial (da Igreja) nova, mas, ao contrário, reproduz a regra de sempre no exercício do poder na Igreja: cada Papa leva inevitavelmente consigo o seu lugar eclesial de origem e, a partir dele, exerce seu governo, ainda que disso não tenha consciência. Essa não é uma peculiaridade do latino-americano atual.

Portanto, no fundo das oposições, podem ser detectados dois projetos de Igreja, como se pode representar, esquematicamente, a partir dos tipos *Igreja autorreferenciada* e *Igreja em saída*, segundo o que Francisco deseja. A igreja autorreferenciada preserva a tradição, a instituição, a preservação, centralização, norma, clericalismo e poder, em contraponto a Igreja em saída, que enaltece *querigma* (anúncio da boa nova), carisma (força, graça), reforma, descentralização, discernimento, povo de Deus e serviço, como sendo o foco da Igreja.

Na verdade, esses dois projetos, vêm sendo colocados em choque desde as discussões sobre a modernidade, que lavaram a Igreja a se autoquestionar, quanto às suas duas posturas no mundo moderno, que são: uma pré-moderna que finca suas raízes na distante Idade Média e outra que se esforça por acolher os valores e as práticas da modernização.

De fato, explica Passos (2018), a Igreja Católica carrega resíduos medievais em suas representações e prática, mas o Vaticano II acolheu e institucionalizou outra cosmovisão: acolheu positivamente a história como resultado da ação humana livre e responsável; recebeu as ciências como exercício da criatura humana inteligente criada pela divina mão; acolheu as autonomias sociais e políticas como legítimas e positivas; acolheu as outras religiões como portadoras de verdade, de legítima religião.

Nessa abertura e diálogo, explica o autor, a própria Igreja assimilou teologicamente valores e práticas gestadas pelos tempos modernos: o povo de Deus como sujeito eclesial fundamental; a ação dos leigos dentro da Igreja; a liberdade religiosa como valor teológico e político; as lutas pelos direitos

humanos como decorrente da justiça evangélica; os usos das ciências no exercício do magistério e da teologia do cristão.

Passos (2018), diz que a ressignificação do sentido renovador do Vaticano II foi a causa central dessa definição. As decisões conciliares foram perdendo sua força renovadora na Igreja e na sociedade, com a globalização. Uma Igreja autorreferenciada tornou-se cada vez mais natural, normativa, em sua visão. As reformas de Francisco se defrontam com esse projeto consolidado por uma ampla frente de cleros e até mesmo de teólogos. Por meio delas, o Vaticano II chega finalmente à cúria e cobra consequências estruturais da Igreja, para a renovação.

Passos (2018) retoma inclusive a Conferência de Medellín (24/08 a 06/09 de 1968), para abordar o assunto:

A Conferência de Medellín fez uma autêntica recepção do programa de *aggiornamento* conciliar: encaminhou um processo vivo de renovação que envolveu sujeitos e instâncias distintas, Igrejas locais e Igreja universal, adesão e vivência, abertura e acolhida, decisão e planejamento, conversão e avaliação (cf. PINHO, 1994, P. 49-56). Esse processo provocou uma virada nas concepções e práticas eclesiais. De Igreja-reflexo que reproduzia as orientações vindas do centro, a Igreja da América Latina torna-se uma Igreja-fonte, ao fazer germinar e tomar formas visíveis as orientações conciliares. (PASSOS, 2018, p.127)

Nesse sentido, Medellín atualiza o Concílio e Francisco, por sua vez, atualiza Medellín.

3. PERFIL REFORMADOR

O teólogo e filósofo Fernando Altemeyer Junior²⁹, professor do Departamento de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), avalia que "os cinco anos do pontificado de Francisco são um bálsamo de oxigênio para os cristãos, e braços abertos aos outros crentes e mesmo aos ateus que buscam a verdade e a justiça no mundo."

²⁹ Francisco e os desafios de um clero "mágico" e "burocrata". Entrevista especial com Fernando Altemeyer Junior, em 23/02/2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/565111-francisco-e-os-desafios-para-encarar-o-clero-magico-e-burocrata-entrevista-especial-com-fernando-altemeyer-junior>. Acesso em 2018

"Francisco não veio repetir fórmulas e enrijecer respostas obsoletas e caducas. Francisco veio propor algo novo, como pastor da esperança e da alegria, especialmente aos jovens, aos migrantes e às famílias.", comenta Altemeyer.

O Papa insiste que o seu papel é pastoral, lembra o jornalista Filipe Domingues, que acompanha de Roma o atual pontificado desde o início. "Isso quer dizer que ele vê o bispo, o padre, como um pastor que guia um rebanho. E quando uma ovelha se perde, o pastor deixa todas as outras e vai atrás daquela ovelha perdida", explica.

A sua visão de Igreja, quando fala de misericórdia, de acolher os mais fracos, de não forçar uma visão idealizada da família, de pensar no ambiente em que vivemos, que foi doado por Deus e, se não cuidarmos do ambiente prejudicamos em primeiro lugar os mais frágeis da sociedade... Tudo isso é guiado por uma visão pastoral, muito próxima das pessoas. (ALTEMEYER, 2018)

De acordo com Passos (2018), a conjuntura da Igreja Católica é inédita, se comparada a conjuntura anterior ao Papa Francisco e, até mesmo, com sua longa trajetória. Também é inédita se olhada do ponto de vista da sociologia do poder e, especificamente, do poder religioso: um líder tradicional munido das funções de preservação da administração de um sistema burocraticamente instituído, apresenta-se como personalidade reformatória. Na história dos reformadores religiosos, esses estão normalmente posicionados fora do poder central, na base da pirâmide, ou nas margens das funções centrais da tradição e da instituição. Por essa razão, a tradição e as organizações religiosas veem os reformadores como inconvenientes e perigosos para as suas estabilidades e os classificam como heterodoxos ou hereges como uma espécie de corpo estranho a tradição.

Portanto, esclarece Passos (2018), examinar as condições de possibilidade e os processos de encaminhamento das reformas de Francisco é muito importante para os de dentro e os de fora da igreja. Mesmo que no consenso público, Francisco esteja bem posicionado como figura simpática e coerente pelo que anuncia como "mudança inadiável da igreja", ele se encontra, na verdade, inserido em um espaço pouco receptivo às reformas.

Passos (2018), revela que, na verdade, membros oficiais da Igreja temem e se opõem às reformas efetivas. Isso ocorre não somente por convicções a respeito de modelos e de doutrinas, mas também por interesses pessoais, como a perda de posses. Todo projeto de reforma se dá como ruptura com modelos de ideias e de práticas consolidadas. Portanto, ele se faz no confronto inevitável de visões, de sujeitos e de interesses; como luta por hegemonia de projetos dentro de um mesmo contexto, com ações já sistematizadas.

Passos (2018) traz, inclusive, uma reflexão sobre carisma advinda do sociólogo Max Weber (1997). Para este autor, “carisma é a grande força revolucionária nas épocas vinculadas à tradição”, ou seja, o Papa Francisco: um poder legítimo, líder da Igreja Católica mundial, escolhido por processo eleitoral, representante de uma instituição historicamente tradicional, mas apresentado como reformador, por romper com a tradição.

Para os autores, o carisma rompe com as rotinas administrativas dos poderes instituídos segundo a regra da tradição ou da norma tradicionalmente instituída. A visibilidade do carisma de Francisco se deve, em boa medida, ao lugar em que o mesmo se instalou: na figura tradicional do papado, que contrasta com a personalidade conservadora do pontífice anterior e se potencializa com a sua renúncia repentina em meio a uma crise do governo da cúria e, em boa medida, da Igreja.

Passos (2018), argumenta que o carisma se apresenta como solução necessária e urgente, a personalidade carismática se encaixa de modo justo na conjuntura que busca saída da crise, o que permite afirmar que a figura do novo Papa não tenha emergido fortuitamente do acaso político do último conclave. Ao contrário, para Passos (2018), precisamente na lógica de superação da crise da Igreja, os cardeais buscaram a forma mais original e, a partir desse valor maior, empreenderam as reformas necessárias. O contrário, a via tradicional, seria a repetição da institucionalidade e, por conseguinte, a perpetuação da crise.

Assim, de acordo com Passos (2018), Francisco foi a saída que os cardeais acharam como solução para a crise da Igreja. O Cardeal Bergoglio, eleito Papa Francisco, foi visto como um líder de perfil carismático que vem de fora dos quadros curiais e, a partir desse lugar histórico externo à instituição, pensa a si mesmo, seu ministério e a própria Igreja. Um *outsider* legítimo vindo

do “fim do mundo”, ponto equidistante do centro da crise e, por conseguinte, fonte de referências para o seu modo de pensar e governar a Igreja.

Para Passos (2018), a reforma feita e por vir no corpo e na cabeça da Igreja, envolve necessariamente três dimensões, quais sejam: carisma, tradição e burocracia, mas que se reduzem em duas frentes distintas: a renovação e a conservação. Elas se chocam em suas funções, finalidades e com seus sujeitos, à medida que mudanças são colocadas em ação. “Na tradição, na instituição e na cultura católicas, toda reforma deverá ocorrer sob o signo da preservação.” (PASSOS, 2018, p.57)

Contudo, para Dias (2008), toda mudança acontece efetivamente, se forem alteradas simultaneamente normas, estruturas, valores e condutas. Para este autor, mudar implica desaprender e aprender de novo. No entanto, essas reformas não têm sido bem recebidas por todos e até mesmo dentro da Igreja, Francisco enfrenta resistências.

Passos (2018), concorda com Dias (2008) e explica que as reformas têm sido recebidas com diferentes ânimos e convicções por parte do episcopado, do clero e dos fiéis. De modo geral, o conjunto dos fiéis acolhe as renovações com simpatia. No conjunto social, há que se assimilar, ainda, a recepção simpática dos não católicos ao pensamento do bispo de Roma, bem como daqueles que optaram por se declarar não cristãos ou religiosos. Evidentemente, as suas posturas de diálogo intercultural e de acolhida de grupos vulneráveis e as suas ações diplomáticas lhe conferem essa estatura ética inequívoca e exemplar.

Contudo, como todas reformas, a de Francisco se depara com rejeições no interior da Igreja; rejeições que tem se mostrado inéditas no âmbito do *ethos* (conjunto dos costumes) católico. Esse quadro atípico torna-se ainda mais original, tendo em vista o silêncio que prevalece entre os bispos, as conferências episcopais e o clero de um modo geral, em relação às chamadas de Francisco às reformas urgentes. As rejeições explícitas de alguns prelados da alta hierarquia soam em tom bem mais forte, do que as vozes que saem em sua defesa, fosse em nome de uma pura fidelidade à autoridade instituída eclesialmente, pela Igreja. Essa indiferença política indica que as reformas franciscanas entre os bispos não são pensadas unanimemente.

Em seus discursos, Francisco se dirige a toda a humanidade, fala de uma conversão estrutural social e política, e tem conseguido simpatizantes até de fora da Igreja Católica, mas não são todos.

Cuda (2016), argumenta que essa atitude profética, na pessoa de um pontífice, faz o mundo teológico e não o teológico, perguntar de novo, e agora de forma interdisciplinar: hoje é pertinente falar de teologia e política, de ética teológica e de teologia política? O discurso de Francisco parece não ser apenas crítica de mesa, mas incentiva abertamente uma conversão estrutural - social e política - como produto da prática cultural encarnada, isto é, envolvida na agonia atual. Seu discurso convida as pessoas a tomar o caminho do exílio, de uma cultura de morte e tristeza, para uma cultura de vida e alegria. Mas quão eficaz pode ser essa exortação entre um público não católico, não-crente e não-politizado e sem teologia?

De acordo com Cuda (2016), Francisco traz consigo uma luta desde o momento de sua eleição, que é pelos pobres. Para ele, a pobreza tem uma causa que não é econômica, mas tem causa política. Ela alerta que o cenário internacional está marcado pelos efeitos de um sistema econômico que gerou desemprego estrutural, mantendo na pobreza, parte da população mundial; o fundamentalismo como expressão da luta política, camuflada por trás da guerra das religiões; o desequilíbrio ecológico, como resultado da exploração descontrolada dos recursos naturais e as migrações como um método alternativo de salvação, para a luta política de inúmeras regiões. Nesse cenário, surge um novo pontífice que, como chefe de Estado e, de acordo com a aldeia global, alcança uma legitimidade política desterritorializada. A autora argumenta que a causa da pobreza não é econômica, mas é política.

Assim, sobre a questão, o Papa se coloca, não como um teólogo, ou político, mas como um pastor, que ama e não julga e pastor de uma igreja que é mãe de todos, inclusive dos não cristãos. Segundo Cuda (2016), Francisco diz que ele não é teólogo, nem político, é pastor. De acordo com o Papa "para entender essa realidade precisa encará-la com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar" (Evangelii Gaudium 125). O Papa é considerado "pastor de uma igreja sem fronteiras, que se sente mãe de todos" (Evangelii Gaudium 210). No Bom Pastor, ele encontra a ovelha perdida e a reintegra de

forma grupal (Evangelii Gaudium 237). Além disso, pede para orar por ele, "para ser um pastor segundo o coração de Cristo³¹". Porque Cristo é o pastor da Igreja de homens: um deles é escolhido para servir, como seu sucessor Vigário de Pedro; mas Cristo é o centro.³²

4. POSTURAS INÉDITAS

De fato, em Francisco a postura de pastor se sobrepôs à de sumo pontífice. Ele insiste sempre que o pastor tem de ter "cheiro de ovelha"; que o pastor deve ter a sensibilidade para saber como caminhar com o povo:

Às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e, sobretudo, porque o próprio rebanho possui olfato para encontrar novas estradas (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013).

O inimigo dessa postura é o clericalismo (clero – bispos, religiosos), insiste Francisco. A postura clericalista nega não somente a função do serviço, mas ao próprio fundamento da Igreja, em suas condições. O Papa declara que o clericalismo apaga, pouco a pouco, o fogo profético do qual a Igreja inteira está chamada a dar testemunho, de seus povos, em seus corações. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertence a todo o povo de Deus e não só a poucos, por seus cargos e eleições.³³

Francisco reflete que o pastor supremo deve também passar por conversão pastoral. "Também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal precisam ouvir este apelo a uma conversão pastoral" (*Evangelii Gaudium* 32). Por isso, afirma que deve estar aberto às sugestões que o ajudem

³¹ Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni.html Acesso em 2018

³² Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html Acesso em 2018

³³ *Carta ao Cardeal Marc Ouellet*, 19/03/2016

a ser mais fiel a Jesus Cristo e, conforme a orientação do Vaticano II, indica os rumos dos mais colegiados, no exercício do ministério papal.

Passos (2018), defende que essas posturas e mudanças trazidas por Francisco são fruto não somente dos pensamentos papais, como também de uma igreja em crise que precisa ser reformada, caso queira sobreviver. Essa Igreja recebe os reflexos da crise citada por Cuda (2016) e enfrenta não somente uma crise externa, mas também interna.

As reformas empreitadas pelo Papa Francisco estiveram e estão identificadas com sua pessoa, desde que se tornou Papa. A imagem de Francisco revela-se em seus gestos, discursos e, de modo programático, em seus projetos. O inédito e as surpresas ainda acompanham seu pontificado, causando entusiasmo ou mal-estar em distintos sujeitos da Igreja, sem falar dos impactos provocados na grande mídia.

De acordo com Passos (2018), no ministério petrino, as pautas reformadoras avançam segundo os métodos e os ritmos adotados pelo chefe supremo do catolicismo, o que, ao menos até o momento, tem sido recebido com certa decepção: heresia para os grupos tradicionalistas e ineficácia para os setores francamente reformadores.

Segundo Passos (2018), para os tradicionalistas o foco crítico reside nos ensinamentos, vistos como ruptura com a ortodoxia (correto-tradicional); para os demais, na ausência de reformas estruturais, capazes de refazer a igreja em todos os aspectos. Argumentam esses que não basta uma revolução de posturas e de discursos, mas que é necessário traduzir com urgência todas as declarações, em normas capazes de reestruturar a organização institucional católica. “Um dado é certo e visível: as reformas ainda se justificam por uma de suas razões geradoras mais fundamentais, a crise política e moral da Cúria Romana”. (PASSOS, 2018, p. 09-10)

Passos (2018), argumenta que a Igreja não viveu na prática os ensinamentos trazidos pelo Vaticano II. Explica que foi um documento que defendia o diálogo da igreja com as demais religiões e ao debate com o mundo moderno, mas que ficou “engavetado”, por anos e anos. Francisco retoma o Concílio, nessa proposta de uma igreja aberta, com a postura do encontro e que não fica fechada em si mesma.

Assim, o autor explica que, nos anos que se seguiram ao Vaticano II esteve mais visível uma consciência eclesial renovadora, que visava recepcionar o *aggiornamento* proposto pelo grande Sínodo, que foi sendo gradativamente arrefecido por parte do magistério papal e de uma política sempre mais centralizadora operada pela Cúria Romana e, evidentemente, pelos pontificados anteriores. O tempo da renovação foi sucedido por um tempo de disciplina e de unidade de pensamento, com João Paulo II, que hoje vigoram como costume e como regra no conjunto da Igreja. Nesse tempo, todo protagonismo foi se concentrando nas mãos da hierarquia, tendo com origem primeira o Papa e sua administração curial. Essa força disciplinar descendente e reproduzida em cascata não comporta em sua lógica protagonismos da parte de sujeitos por definição subalterna.

As reformas propostas por Francisco ocorrem dentro desse quadro um tanto inóspito à renovação, que se pauta pela conservação da unidade e pela integridade da tradição, entendida como preservação intacta do passado. Para os que defendem oficialmente este quadro bastante habitual, as renovações são desnecessárias e até mesmo inoportunas. Com razão, insiste Francisco, que as reformas exigirão conversão de todos. (PASSOS, 2018, p. 15)

As mudanças, portanto, recebem críticas, por estarem inseridas em uma instituição tradicional e milenar que é a Igreja Católica. Isso causou uma crise em Roma.

5. CRISE

Emilce Cuda³⁴ (2016), reflete que o Papa percebe a crise do mundo, não só da política, ou da cultura, mas sim uma crise geral, que Francisco não só denuncia os resultados, como a hegemonia mundial, mas aponta suas causas, transformando-se não só em pastor, mas também em profeta.

A autora citada enfatiza que quando a crise se manifesta na política como crise de representação, na ciência como crise da verdade e na cultura como crise de sentido, a Igreja Católica, que também sofre essa crise, à renúncia de Bento XVI, é ao mesmo tempo a primeira instituição histórica, que parece ter sido capaz de ler sinais dos tempos, escolhendo colegiar um novo pontífice, capaz de

³⁴ A tradução de Cuda é feita pela autora desta dissertação

enxergar essa crise e ser respeitado não só pelos católicos, mas também por outros cidadãos. Francisco hoje representa uma autoridade desterritorializada, uma voz decisiva para além dos cristãos.

Assim, para Cuda (2016), o cristianismo seria a libertação do homem oprimido e atua para libertá-lo de suas estruturas sociais injustas, o faz como colaborador de Deus em sua criação e por ver o homem como imagem da Trindade. Dessa forma, a teologia latino-americana é sempre mais teologia do que política, e se faz política, o fim não é social, mas escatológico (doutrina das coisas que devem acontecer no fim do mundo).

Cuda (2016), ainda salienta que o cristianismo é uma religião, não só porque desperta para a libertação, em vez de dormentes para a escravidão, mas também porque é lugar de fé e cultura de um povo, pela primeira vez como uma linguagem simbólica na religião, como no caso da teologia latino-americana, a escola Argentina, em especial. O cristianismo é discurso histórico, porque é o discurso dos homens sobre Deus e sua criação, o homem, e porque é o discurso do próprio Deus feito homem.

Assim Cuda (2016), fala ainda do documento de Aparecida para explicar os dois tipos de culturas, a cultura autorreferenciada, ou seja, fechada em si mesma, e a cultura do encontro, que é aberta ao outro, focada nas relações sociais, e não no individualismo característico do mundo moderno, fonte inclusive de doenças, como o mal do século, a depressão. Enfim, a autora cita a encíclica *Evangelii Gaudium* (Alegria do Evangelho), para esclarecer que o Papa defende uma alegria à Igreja de Cristo e a todo cristão.

6. EVANGELII GAUDIUM

A criação inteira participa nesta alegria da salvação: «Cantai, ó céus! Exulta de alegria, ó terra! Rompei em exclamações, ó montes! Na verdade, o Senhor consola o seu povo e se compadece dos desamparados» (Is 49, 13)": dessa maneira o Papa Francisco fala da alegria na *Evangelii gaudium* (alegria do evangelho), com a qual o Papa aborda a alegria do Evangelho no mundo de hoje. Francisco faz um apelo a todos os batizados, sem distinções de papel, para que levem aos outros o amor de Jesus em um "estado permanente de missão"

(25), vencendo "o grande risco do mundo atual", o de cair em "uma tristeza individualista" (2).

O Papa convida a "recuperar o frescor original do Evangelho". Mais do que nunca é necessária "uma salutar descentralização" (16) O verbo posto no centro da reflexão é "sair". Que as Igrejas tenham em todos os lugares "as portas abertas" para que todos aqueles que estão em busca não encontrem "a frieza de uma porta fechada. E que não se tenha medo de deixar se inquietar pelo fato de que muitos irmãos vivem sem a amizade de Jesus (49). O Papa lembra que o cristão sempre deve ser sinal de esperança (86), através da "revolução da ternura" (88). "Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais!" (97).

Para Francisco, a pregação tem um papel fundamental. As homilias devem ser breves e não devem ter o tom de lição (138). Aqueles que pregam devem falar aos corações, evitando o moralismo e a doutrinação (142). O pregador que não prepara "é desonesto e irresponsável" (145). Que a pregação ofereça "sempre esperança" e não deixe "prisioneiros da negatividade" (159).

As comunidades eclesiais devem se guardar da inveja e do ciúme. "Quem queremos evangelizar com esses comportamentos?" (100). Também é importante "ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja", em particular "nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes" (103).

Além de ser pobre e para os pobres, a Igreja desejada por Francisco é corajosa em denunciar o atual sistema econômico, "injusto na sua raiz" (59). Como disse João Paulo II, a Igreja "não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça" (183).

O ecumenismo é "um caminho imprescindível da evangelização". Devemos sempre aprender com os outros. Por exemplo, "no diálogo com os irmãos ortodoxos, nós, os católicos, temos a possibilidade de aprender algo mais sobre o significado da colegialidade episcopal e sobre a sua experiência da sinodalidade" (246). O diálogo inter-religioso, por sua vez, é "uma condição necessária para a paz no mundo " e não obscurece a evangelização (250-251).

Na relação com o mundo, que o cristão sempre dê razão da própria esperança, mas não como um inimigo que aponta o dedo e condena (271). "Só pode ser missionário quem se sente bem, procurando o bem do próximo, desejando a felicidade dos outros" (272). "Se consigo ajudar uma só pessoa a viver melhor, isso já justifica o dom da minha vida" (274).

De acordo com Suess (2015), para Francisco "o foco da nova evangelização" não são os destinatários, mas os sujeitos são o foco da ação: "A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo dos batizados. [...] E reflete ainda, que os cristãos não devem mais dizer que são 'discípulos' e 'missionários', mas que são 'discípulos missionários'" (Evangelii Gaudium 120) que compõem a comunidade dos que saem pelo mundo catequizando e catequizados/cristianizados. Nela se gesta um sonho de "uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação" (Evangelii Gaudium 27) da Igreja, é o que o Papa deseja. (SUESS, 2015, p. 8)

"A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica" (Evangelii Gaudium 198) da vida dos pobres, que nas suas dores conhecem Cristo sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles" (Evangelii Gaudium 198) e por seu amor. Na EG, o magistério latino-americano, tornou-se magistério universal da Igreja Católica, em reunião realizada em Aparecida, em 2007, denominada 5ª Conferência Geral. Lá, Jorge Mário Bergoglio, o atual Papa, era presidente da comissão estratégica de redação do documento final. De Aparecida trouxe o pensamento: "A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais" (Documento de Aparecida 11). Audazes são aqueles evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo, também fora das catedrais. Em todos os gestos de Francisco aparece a prioridade da missão dos batizados sobre a manutenção da Igreja. Depois do Papa comunicador e do Papa teólogo, agora surgiu Francisco, um Papa missionário, que deseja ir ao encontro dos pobres.

Segundo Suess (2015), Dom Jorge Eduardo Lozano, bispo de Gualaguaychú (Argentina), que foi por seis anos bispo auxiliar de Buenos Aires,

qualifica os gestos de Bergoglio como expressão de sua pastoral missionária: o prazer de ir ao encontro do povo sem ingenuidade populista, de se regenerar no convívio com os pobres, e a firmeza nas decisões tomadas depois de se ter aconselhado diretamente com os envolvidos. A radiação missionária da Igreja peregrina vai ser o prefixo teológico-pastoral da reforma da Igreja. Para Francisco, é preciso partir, enviado Não se trata simplesmente de abrir a porta para acolher, mas de sair pela porta afora para procurar e encontrar os marginalizados. Em sua mensagem aos colegas do pré-conclave, o próprio cardeal Bergoglio descreveu sua visão dessa Igreja missionária a partir do próprio Jesus Cristo, elencando quatro exigências para a evangelização:

Primeira: evangelizar supõe zelo apostólico e audácia que impulsionam a saída de si mesma e seus ideais, para um caminho com rumo certo: periferias geográficas e existenciais.

Segunda: a saída de si mesma liberta a Igreja de sua autorreferencialidade, uma espécie de narcisismo teológico. Jesus bate de fora e de dentro nas portas da Igreja, com zelo apostólico.

Terceira: a autorreferencialidade substitui o Sol de Cristo pela Lua da Igreja. Essa substituição traz competição, mas o que se espera é doação ao irmão.

Quarta: para enfrentar essas tarefas, o próximo Papa deverá se tornar “um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo [...] ajude a igreja a sair de si para as periferias existenciais, que a ajude a ser a mãe fecunda que vive da ‘suave e confortadora alegria de evangelizar’” (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013).

Essas poucas linhas representam indicadores essenciais para a construção de uma Igreja que se desloca para a periferia e, num mundo de aceleração, tem tempo para cuidar gratuitamente daqueles que padecem e padecerão. Nesta perspectiva, evangelizar é “uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa-Nova portadora de esperança” e essa é sua função (cf. *Evangelização e missão profética da Igreja*, Documento 80 da CNBB, p. 22).

E Francisco confessa “que as alegrias mais belas e espontâneas, que vi ao longo da minha vida, são as alegrias de pessoas muito pobres que têm pouco

a que se agarrar” (Evangelii Gaudium 7). E essa alegria é missionária, nos converte ao Evangelho e nos leva no Espírito Santo a outras aldeias, aos que precisam ajudar (Evangelii Gaudium 21).

Para Francisco, no Evangelho é a alegria, e é uma alegria que salva e liberta (EG1). Diz Evangelii Gaudium, acho que em clara continuidade com a crítica de uma cultura auto-referencial mencionado no documento de Aparecida, em vez do resultado da oferta consumista são a "tristeza individualista" e "consciência isolado" (EG2). Aqui, a continuidade entre o discurso dos bispos latino-americanos e do Papa latino-americano o faria. (...) A alegria, para Francisco, é uma consequência da boa notícia, esta é uma cidade dos homens tratados com a dignidade de ser criado à imagem de um Deus que é trino, que tem uma relação pessoal com o único propósito de serem resgatadas, ou seja, de volta à vida deu-lhe a tenham em abundância - como mencionado no início fórmula joanino.

[...] também reconhecem que toda pessoa é digna da nossa entrega. Não por suas virtudes, sua aparência física, suas habilidades, sua língua, sua mentalidade ou as satisfações que nos dá, mas porque é obra de Deus, sua criatura. Ele criou à sua imagem, e reflete um pouco de sua glória (FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 2013).

Assim, de acordo com Francisco, a solução para a crise da Igreja é a reforma através da alegria da boa-notícia do evangelho, que deve motivar os cristãos a tratar todos com misericórdia, a respeitar e ir ao encontro dos pobres e necessitados, a abrir as portas da Igreja a todos, inclusive a outras religiões.

7. JUVENTUDES

De acordo com o Sínodo dos Bispos (2018)³⁵, recentemente concluído no Vaticano, a juventude pode ser definida como juventudes, pois traz elementos diversos de cultura e contextos econômicos, sociais, políticos, religiosos etc. Nesse sentido, é importante chamar atenção para o fato de que, apesar de estar no singular, designa uma pluralidade de significados. Neste capítulo, será possível abordar as visões de Francisco e João Paulo II, a respeito dos seguintes referenciais: jovem, igreja e evangelização.

³⁵Synod18 - Declaração Final e votação do documento final do Sínodo dos Bispos para o Santo Padre Francisco 27-10-2018. Tradução da autora. Disponível em inglês em: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/10/27/0789/01722.html> Acesso em 2018

O documento final do Sínodo (2018), explica que as gerações mais jovens têm traços específicos. Os jovens pedem para serem bem recebidos e respeitados em sua originalidade. Entre os traços específicos mais óbvios da cultura da juventude são as diferentes linguagens de comunicação, a importância dos sentimentos e emoções, como uma forma de abordagem da realidade e a prioridade do concreto, em relação à análise teórica. Relacionamentos de amizade e namoro, cultivados também graças à mídia social, são de grande importância.

Os jovens são geralmente os portadores de uma abertura espontânea para a diversidade, o que os torna atentos às questões de paz, inclusão e diálogo entre culturas e religiões. Muitas experiências de muitas partes do mundo testemunham que os jovens sabem ser pioneiros do encontro e do diálogo intercultural e inter-religioso, na perspectiva da coexistência pacífica. (SYNOD18, 2018)

Como visto na citação, os jovens, por não terem ainda responsabilidade com casamento e filhos ainda, e também por estarem no início de suas vidas, não estão “viciados” a maus hábitos e, geralmente, são bem-dispostos a acolher a mudança, o trabalho, a evangelização e, portanto, são importantes para o diálogo entre as culturas e religiões, fomentando pontos para existência de uma sociedade pacífica. Isso se torna visível na Jornada Mundial da Juventude, onde várias pessoas, com diferentes culturas e religiões, se encontram e compartilham de várias experiências, numa demonstração de unidade pacífica.

O documento também aborda que, ao contrário do estereótipo generalizado, o mundo da juventude também é profundamente marcado pela experiência de vulnerabilidade, incapacidade, doença, violência, exclusão social por motivos religiosos, étnicos, econômicos, políticos, além de abusos, tráfico de drogas e de seres humanos, exploração sexual, desemprego, crime organizado, marginalização e dor.

Em muitos países está crescendo, especialmente entre os jovens, a disseminação de formas de sofrimento psíquico, depressão, doença mental e distúrbios alimentares, associado a sentimentos de profunda infelicidade ou incapacidade de encontrar um lugar na sociedade. O fenômeno dos suicídios não deve ser esquecido. Os jovens que vivem essas diferentes condições de dificuldades e suas famílias contam com o apoio das comunidades cristãs, mas

nem sempre estão adequadamente equipados para recebê-las, relata o documento.

Os padres e jovens sinodais relatam que muitas dessas situações são produto da "cultura do desperdício", relacionada ao conceito de liquidez de Bauman (2000), que será abordado mais à frente, no qual tudo se esvai, portanto as pessoas não se apegam a nada. Dessa cultura, os jovens estão entre as primeiras vítimas, pois apesar de estarem em um momento irripetível de suas vidas, passa muito rápido, então acaba sendo desperdiçado, descartado.

No entanto, o Sínodo (2018), reflete que essa cultura também pode impregnar jovens, comunidades cristãs e seus líderes, contribuindo para a degradação humana, social e ambiental que aflige o mundo. Para a Igreja, este é um apelo à conversão, à solidariedade e a uma ação educativa renovada, fazendo-se presente de maneira particular nestes contextos difíceis. Mesmo os jovens que vivem nessas situações têm recursos valiosos para compartilhar com a comunidade. A criatividade com que a comunidade anima-se pela alegria do Evangelho pode tornar-se uma alternativa ao desconforto e situações difíceis é inesgotável. (*Sl* 118,22; *Lc* 20,17; *At* 4.11; *1 Pt* 2,4).

O documento também diz que a família é a primeira comunidade de fé na qual, apesar dos limites e incompletude, o jovem experimenta o amor de Deus e começa a discernir sua própria vocação. Os Sínodos anteriores, e a posterior Exortação Apostólica *Amoris laetitia* (Alegria do Amor), não deixam de enfatizar que a família como Igreja doméstica, tem o dever de viver a alegria do Evangelho na vida cotidiana e tornar participante todos os membros de acordo com sua condição, permanecendo aberta à dimensão vocacional e missionária.

O documento aborda que, embora de forma diferente em relação às gerações passadas, o engajamento social e o empreendedorismo são traços específicos dos jovens de hoje. Há iniciativas voluntárias, cidadania ativa e solidariedade social, para acompanhar e encorajar talentos, habilidades, criatividade e incentivar a responsabilidade por parte da juventude. O engajamento social e o contato direto com os pobres continuam sendo uma oportunidade fundamental para descobrir ou aprofundar a fé e discernir a própria vocação. A sensibilidade para questões ecológicas e de sustentabilidade é forte e generalizada, como a encíclica *Laudato si* soube fomentar. A disponibilidade

de compromisso político para a construção do bem comum, que a Igreja nem sempre pôde acompanhar, oferecendo oportunidades de formação e áreas de discernimento, também tem sido relatada. No que diz respeito à promoção da justiça, os jovens pedem à Igreja um compromisso decisivo e coerente, que desarraiga toda a convivência com uma mentalidade mundana. E aos governos, investimento na educação.

O Sínodo (2018) reconhece ainda, a importância que os jovens dão à expressão artística em todas as suas formas. Muito peculiar é a importância da música, que representa um ambiente real em que os jovens estão constantemente imersos, bem como uma cultura e linguagem capaz de provocar emoções e moldar a identidade. A linguagem musical também representa um recurso pastoral que, particularmente, desafia a liturgia e sua renovação. A aprovação de gostos em sentido comercial às vezes corre o risco de comprometer a ligação com formas tradicionais de expressão musical e também expressão litúrgica.

Igualmente significativa, relatam os padres sinodais, é a importância que os jovens assumem na prática esportiva, que a Igreja não deve subestimar em termos de potencial educacional e de treinamento. O mundo do esporte precisa, porém, superar as ambiguidades às quais ele é dirigido, como o mito dos campeões, a escravização à lógica comercial e a ideologia do sucesso a qualquer custo. Nesse sentido, o valor do acompanhamento e apoio dos deficientes na prática esportiva é reiterado.

O documento explica que A Jornada Mundial da Juventude - fundada por uma intuição profética de João Paulo II, que continua a ser um ponto de referência para os jovens do terceiro milênio -, são encontros nacionais e diocesanos, que desempenham um papel importante na vida de muitos jovens, porque a JMJ oferece uma experiência viva de fé e comunhão, que os ajuda a enfrentar os grandes desafios da vida e a ocupar o seu lugar de forma responsável na sociedade e na comunidade eclesial. Estas convocações podem, assim, referir-se ao acompanhamento pastoral ordinário das comunidades individuais, onde a aceitação do Evangelho deve ser aprofundada e traduzida em escolhas de vida.

Com o tema “Bem aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”, a JMJ Cracóvia-Polônia foi marcante, dentro da história das

jornadas, por ser terra da misericórdia, com os Santuários da Misericórdia e ser berço de João Paulo II, o criador das Jornadas. Aqui será possível ter amplo conhecimento a respeito da mesma, pelo acesso à pesquisa “Jornada Mundial da Juventude Cracóvia 2016: resultados de pesquisa seleta”, publicada pelo Centro Nacional para Cultura³⁷, em parceria com a Arquidiocese de Cracóvia e outras associações, que disponibilizaram diversos dados e pesquisas sobre a Jornada, como se vê a seguir.

8. PROGRAMA DA JMJ DE CRACÓVIA 2016

A JMJ realizada em Cracóvia em 2016, lembra Muskus (2016), foi um resumo simbólico das três décadas da tradição das Jornadas Mundiais da Juventude, pois aconteceu na terra do criador da Jornada. O tema da JMJ Cracóvia 2016 foi anunciado três meses após a JMJ ter sido realizado no Rio de Janeiro: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia." Cada Jornada Mundial da Juventude, incluindo as celebradas nas dioceses, tem um lema do Evangelho, conectado com as circunstâncias e o lugar do evento.

Normalmente, explica o autor, a JMJ dura alguns dias e abrange as cinco reuniões de missa mais importantes, referidas como Eventos Centrais (a Missa de Abertura, a Bem-vinda papal, a Via-Sacra, a Vigília do Sábado e a Missa Final), bem como uma série de catequeses lideradas por bispos de diferentes partes do mundo, e o Festival dos Jovens, que é uma série de shows na cidade-sede. O Centro de Vocações também é uma parte importante da JMJ. Por razões práticas, a JMJ geralmente acontece em Verão, em julho ou agosto, quando os estudantes do ensino médio e universitários consideram mais fácil planejar sua participação na JMJ. A JMJ no Panamá será uma exceção, pois será realizada em janeiro de 2019 devido à localização e clima do país.

³⁷ “Jornada Mundial da Juventude Cracóvia 2016: resultados de pesquisa seleta”, publicada pelo Centro Nacional para Cultura, tradução da autora desta pesquisa. Título original: World Youth Krakow 2016 – Selected research results. Narodowe Centrum Kultury (National Centre for Culture), Warsaw 2016. Disponível em: <https://www.nck.pl/upload/attachments/318611/WYD%20Krakow%202016%20Report.pdf> Acesso em 2018.

O programa da JMJ sempre inclui a visita do Santo Padre ao país anfitrião, lembra Muskus (2016). Em Cracóvia, o programa cobriu uma série de eventos adicionais ligados à Polônia, como a Santa Missa no Mosteiro de Jasna Góra para celebrar o 1050º aniversário do Batismo da Polônia, também aconteceu a visita do Papa Francisco a Auschwitz³⁸ e visita ao Hospital Infantil de Cracóvia-Prokocim.

Em 1997, em Paris, foram introduzidos os chamados Dias nas Dioceses, que permitem aos jovens visitantes chegar ao país de acolhimento, cerca de uma semana antes dos Eventos Centrais e aprender sobre uma determinada região do país, a sua cultura, tradição e para conhecer seus habitantes. Reuniões entre jovens de diferentes partes do mundo são feitas e a cidade ajuda a estabelecer contatos diretos e compartilhar a fé. Os habitantes que hospedam peregrinos em suas casas mostram abertura, simpatia, hospitalidade, ou seja, eles mostram os valores cristãos na prática, e ao mesmo tempo aprendem sobre várias tradições, costumes e padrões de comportamento de seus convidados. Os Dias nas Dioceses da Polônia focaram em mostrar a tradição cristã da Polônia e enfatizar o 1050º aniversário do Batismo da Polônia.

Na Polônia, recorda Muskus (2016), os Dias nas Dioceses começaram em 20 de julho de 2016 e duraram cinco dias. No dia 25 de julho, os jovens chegaram a Cracóvia para participar de uma reunião com o cardeal Stanisław Dziwisz em 26 de julho. As preparações duraram mais de 30 meses. Um total dos 44 centros locais da JMJ participaram da semana da diocese. Eles receberam nomes bíblicos, como Betânia, o Monte das Bem-Aventuranças ou Jerusalém. Ao todo, ao longo dos três anos em todas as dioceses, um milhão de participantes envolveram-se em preparativos espirituais. Um total de 115.000 peregrinos de 135 países do mundo chegaram às dioceses polonesas para experimentar a hospitalidade polonesa e aprender sobre a cultura da Polônia, em particular o aspecto religioso. Em algumas cidades, realizaram-se concertos de massa para peregrinos, com o tema da misericórdia, além de encontros com

³⁸ Campo de concentração nazista que matou mais de 1 milhão de pessoas na Segunda Guerra Mundial, de acordo com dados da Revista Super Interessante, publicados em reportagem de 4-07-2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-rotina-de-vida-e-morte-no-campo-de-auschwitz/> Acesso em 2018.

idosos, moradores de casas de repouso, pacientes de cuidados paliativos, crianças criadas em orfanatos e prisioneiros.

O programa cultural nas dioceses, explica o autor, também incluiu visitas a museus, muitos dos quais eram gratuitos para os peregrinos da JMJ, mostrando uma identificação de peregrino. Estes incluíam famosos museus polacos, como o Museu Nacional (Varsóvia), o Tribunal Artus e o Centro Europeu de Solidariedade (Gdańsk), o Museu da Insurreição de Varsóvia, o Museu Fryderyk Chopin, Copernicus Science Center e o museu localizado no local de um antigo campo de concentração nazista em Auschwitz-Birkenau. Algumas regiões, especialmente nas províncias de Warmińsko-Mazurskie, Podkarpackie ou Małopolskie, deram ênfase ao contato com natureza. A missa final também foi celebrada nas dioceses pelos respectivos bispos e visitantes. Depois dos dias nas Dioceses, os jovens foram a Cracóvia.

A Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia, detalha Muskus (2016), foi inaugurada em 26 de julho de 2016, às 17h30, com a missa de abertura celebrada no Błonia Park, pelo Cardinal Stanisław Dziwisz, Bispo Metropolitano de Cracóvia. A escolha do Błonia Park foi motivada pelo fato de que as reuniões anteriores com o Papa João Paulo II e Bento XVI foram realizados lá e também por razões logísticas, pois o Parque tem uma localização conveniente. Com o parque perto da Praça Principal e do Centro de Imprensa, no *campus* da Universidade de Ciência e Tecnologia da AGH, tanto os peregrinos, quanto os jornalistas poderiam facilmente chegar aos locais de três dos cinco Eventos Centrais.

HORÁRIO	SEGUNDA 25.07	TERÇA 26.07	QUARTA 27.07	QUINTA 28.07	SEXTA 29.07	SÁBADO 30.07	DOMINGO 31.07
MANHÃ	CHEGADA		CATEQUESES, CATEQUESES ITINERANTES			PEREGRINAÇÃO AO LOCAL DA VIGÍLIA	MISSA DE ENVIO
TARDE	CHEGADA	CENTRO DAS VOCAÇÕES FESTIVAL DA JUVENTUDE			VIGÍLIA		ENCONTRO DO SANTO PADRE COM OS VOLUNTÁRIOS
NOITE	CHEGADA	MISSA DE ABERTURA (17.30)	FESTIVAL DA JUVENTUDE	CERIMÔNIA DE ACOLHIDA DO SANTO PADRE		VIA- SACRA	

Fonte: <http://archive.krakow2016.com/pt/programa.html>

O autor retoma que, na tarde de quarta-feira, 27 de julho de 2016, o Santo Padre Francisco chegou à Cracóvia. Para os jovens, foi um dia de catequeses e encontros culturais. Nenhum evento central ocorreu naquele dia, mas o Papa realizou reuniões oficiais. No aeroporto de Balice, o Papa foi recebido por bispos poloneses, presidente da Polônia e membros do parlamento. Em seu primeiro discurso, o Santo Padre Francisco disse: “Esta é a primeira vez que estive na Europa Central e Oriental e estou feliz por começar com a Polónia, o país natal do inesquecível São João Paulo II, iniciador e promotor da Jornada Mundial da Juventude.”³⁹ O Papa também destacou que queria realizar uma missão de falar e espalhar a Divina Misericórdia.

De acordo com Muskus (2016), seguindo a tradição de São João Paulo II, no primeiro dia de sua visita, o Papa Francisco apareceu na Janela Papal⁴⁰ no Palácio dos Bispos em Cracóvia, na Franciszkańska 3, para saudar os jovens. O Santo Padre falou sobre Maciek de 27 anos, um designer gráfico para a JMJ e um voluntário da JMJ, que morreu depois de alguns meses, lutando contra o câncer. Francisco lembrou de sua atitude heróica, conscientizando os jovens ouvintes de que rezar pelos mortos é uma obra de misericórdia. O peregrino do Vaticano também apareceu na Janela do Papa na quinta e sexta-feira. O principal tema em 28 de julho foi o casamento e o diálogo conjugal⁴¹. Na sexta-feira, por sua vez, Francisco falou sobre suas impressões de Auschwitz-Birkenau⁴².

Muskus (2016), lembra que cinco eventos principais foram elementos fundamentais da Jornada Mundial da Juventude em Cracóvia. O primeiro foi a missa de abertura celebrada pelo cardeal Stanisław Dziwisz. O segundo foi o encontro entre o Papa e os jovens na quinta-feira à tarde. O Santo Padre Francisco chegou ao Błonia Park de bonde, junto com um grupo de pessoas com

39 Encontro com autoridades, na chegada à Polónia, em 27-07-2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-autorita-cd.html Acesso em 2018.

40 Discurso na janela Papal (27-07-2016). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-arcivescovado.html Acesso em 2018.

41 Discurso na janela Papal (28-07-2016). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160728_polonia-arcivescovado.html Acesso em 2018

42 Idem 36

deficiência, para se colocar em sua posição, mas também para se sentir como um estudante médio em Cracóvia, contornando a cidade de bonde. A boa vinda papal, em 28 de julho foi seu primeiro encontro com os jovens. Ele perguntou:

“As coisas podem mudar? Eu sei a paixão com a qual você embarca em uma missão e me atrevo a dizer que a misericórdia sempre tem um rosto jovem. O coração misericordioso tem a coragem de desistir do conforto; o coração misericordioso pode se abrir para os outros, pode abraçar a todos” (FRANCISCO, JMJ Cracóvia, 2016)⁴³.

Mais de 600.000 jovens participaram da cerimônia de boas vindas, na qual o Papa inspirou os jovens a acreditarem nas mudanças almejadas por eles, pois são capazes de coisas verdadeiramente grandes.

Segundo Muskus (2016), o número aumentou nos dias seguintes: 800.000 peregrinos participaram na sexta-feira na Via Sacra⁴⁴, cujo valor artístico foi descrito tanto na imprensa polonesa, quanto na estrangeira. Durante a Via-Sacra, o Papa Francisco disse que Jesus foi o primeiro a identificar-se com a pobreza, o sofrimento e a dor. O dia em que Francisco celebrou a Via Sacra foi também o dia em que Ele visitou o campo de concentração nazista em Auschwitz-Birkenau. Toda a visita foi envolta em silêncio. A data da visita, 29 de julho, teve um profundo significado, pois exatamente naquele dia, 75 anos antes, São Maximiliano Maria Kolbe⁴⁵ se ofereceu para morrer, no lugar de outro prisioneiro. O Papa Francisco rezou em silêncio em sua cela. Um evento semelhante foi um serviço celebrado no Mosteiro de Jasna Gora como uma Missa de Ação de Graças pelo 1050º, aniversário do Batismo da Polônia (na quinta-feira 28 de julho, às 10:30). Todos os poloneses foram convidados a participar.

Sábado 30 de julho, por sua vez, foi um dia intenso, recorda Muskus (2016). O Papa começou o dia com uma visita ao Santuário da Divina Misericórdia em Łagiewniki, onde ele confessou oito jovens para mostrar o

⁴³ Discurso de boas-vindas aos jovens, em 28-07-2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160728_polonia-accoglienza-giovani.html Acesso em 2018

⁴⁴ Discurso na Via Sacra, em 29-07-2016. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160729_polonia-via-crucis.html Acesso em 2018

⁴⁵ Santo polonês que se ofereceu para morrer no lugar de um pai de família. Sua história e a do homem que salvou está disponível em: <https://pt.aleteia.org/2017/08/14/conheca-o-homem-que-sao-maximiliano-kolbe-salvou-de-auschwitz/> Acesso em 2018

significado do sacramento da penitência e da reconciliação. Então o Santo Padre foi ao Santuário João Paulo II, onde celebrou uma missa para sacerdotes, pessoas consagrada e seminaristas. A seguir, no Palácio Episcopal da Rua Franciszkańska, o Papa jantou com jovens. O jantar contou com a participação de representantes de todos continentes.

Durante a Vigília do Sábado, o Santo Padre, junto com representantes de jovens de todo o mundo, passou pelo Portão da Misericórdia, e depois os convidaram a se juntar a ele no papamóvel. A Vigília do Sábado invocou as palavras da oração oficial da JMJ de Cracóvia:

"Ensina-nos a transmitir a fé àqueles na dúvida, esperança para aqueles que estão desanimados, amor para aqueles que se sentem indiferentes, perdão para aqueles que fizeram errado, e alegria para aqueles que são infelizes. Permita que a centelha do amor misericordioso que você acendeu dentro de nós se torne um fogo que pode transformar corações e renovar a face da terra." (FRANCISCO, JMJ Cracóvia, 2016)⁴⁶

Durante a vigília no Campo da Misericórdia, o Papa Francisco convidou os jovens a levantar-se de um sofá confortável e colocar sapatos de alto desempenho:

"Pensando que neste mundo, em nossas cidades e nossas comunidades, não há mais espaço para crescer, sonhar, criar, olhar para novos horizontes - em uma palavra para viver - é uma das piores coisas que podem nos acontecer na vida. Quando estamos paralisados, perdemos a magia de encontrar os outros, fazer amigos, compartilhar sonhos, andando ao lado dos outros. Mas na vida há outro tipo de paralisia ainda mais perigosa. Não é fácil colocar nosso dedo sobre ele. Eu gosto de descrevê-lo como a paralisia que vem da felicidade confusa com um sofá".⁴⁷

Depois da vigília jovem, as pessoas ouviram um concerto de artistas polacos e estrangeiros e rezaram durante a noite. Os jovens ficaram no *Campus Misericordiae* durante a noite para receber o Papa Francisco na missa final.

À história bíblica de Zaqueu, o Papa encorajou os jovens a mostrar coragem todos os dias: "As pessoas podem rir de você porque você acredita no

⁴⁶ Oração da JMJ Cracóvia 2016. Disponível em: <http://arqrio.org/formacao/detalhes/479/a-oracao-oficial-da-jmj-cracovia-2016> Acesso em 2018

⁴⁷ Discurso do Papa Francisco na vigília da Jornada Mundial da Juventude (30-07-2016). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160730_polonia-veglia-giovani.html Acesso em 2018

poder gentil e desprezioso da misericórdia. Mas não tenha medo. Pense no lema destes dias:

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles receberão misericórdia" (Mt 5: 7). As pessoas podem julgá-lo como sonhador, porque você acredita em uma nova humanidade, que rejeita o ódio entre os povos, que se recusa a ver as fronteiras como barreiras e pode cultivar a sua próprias tradições sem ser egocêntrico ou mesquinho. Não desanime: com um sorriso e braços abertos, você proclama a esperança e você é uma bênção para nossa única família humana, que aqui você representa tão lindamente! (FRANCISCO, JMJ Cracóvia 2016)

Durante a Missa final, o Papa também anunciou a data e o local da próxima Jornada Mundial da Juventude, a ser realizada no Panamá, em 2019. Para Muskus (2016) a Jornada Mundial da Juventude e seu programa proporcionaram não apenas uma oportunidade para os jovens encontrarem o Santo Padre Francisco, mas primeiro e acima de tudo, uma oportunidade de encontrar Deus. Por esta razão, nas cidades que acolhem os peregrinos, os organizadores da JMJ prepararam sessões nas línguas maternas dos visitantes. Quase 1.000 sessões de catequese foram realizadas em Cracóvia. Peregrinos também podem confessar na linguagem da catequese. Em Cracóvia, uma das Zonas de Reconciliação foi estabelecida no Santuário da Divina Misericórdia em Łagiewniki.

Sessões catequéticas em Cracóvia foram realizadas entre 27 e 29 de julho em 260 localidades, em 33 idiomas com a participação de 314 catequistas. O maior número de locais (até 50) ofereceu sessões em italiano, 44 em polaco, 41 em francês, 32 em espanhol e 27 em inglês. A catequese também foi oferecida em outras línguas menos populares, por exemplo, norueguês, coreano, cambojano e armênio. Os shows aconteceram em igrejas (240), em salões de assembleias (8), mas também em quadras esportivas, parques e praças (12 locais). A maior localização foi a Tauron Arena, onde foram realizados shows em inglês, organizadas pelo Mercy Center of the Knights, de Colombo. Um total de 20.000 peregrinos participaram. No estádio Cracóvia, realizando shows em polonês, 14.500 pessoas chegaram, na sexta-feira 29 de julho. A catequese contou com a participação de jovens peregrinos registrados e não registrados. Cada dia teve um cronograma similar: entre 9 horas e 12 horas, um grupo iniciou cantando e orando, então um bispo dirigiu-se ao ensino aos

participantes, depois houve tempo para perguntas, seguidas de uma missa com uma pequena homilia. Os temas da catequese centraram-se na mensagem da JMJ Cracóvia 2016: "Bem-aventurados os misericordiosos." Em 27 de julho, o tema foi "Agora é a hora da misericórdia", as sessões de quinta-feira foram intituladas "Vamos permitir e sermos tocados pela misericórdia de Cristo ", e finalmente, o tema da sexta-feira foi: " Senhor, faz-me instrumento de sua misericórdia ".

Uma importante catequese cracoviana foi a peregrinação da misericórdia. Entre 26 e 29 de julho de 2016, milhares de peregrinos viajaram a dois santuários: Santuário da Divina Misericórdia e Santuário de São João Paulo II. Durante a Peregrinação da Misericórdia, 250.000 jovens visitaram os dois santuários.

Muskus (2016) conta que, para os jovens, a participação na JMJ foi uma oportunidade para fazer parte de uma comunidade internacional de ser e agir. Esta participação, fundada na dignidade de cada pessoa, independentemente da sua cor de pele, sexo, país de origem, pode mudar um jovem e torná-lo mais dinâmico. O bem comum da comunidade humana não pode ser realizado de uma maneira que descarta a liberdade e responsabilidade pessoal.

De acordo com Sadłón⁴⁸ (2016), a globalização implica não apenas padronização, popularização e homogeneização, mas também a ascensão de um novo tipo de consciência, onde o mundo é visto como um todo.

Globalização também significa que indivíduos se comunicam e se organizam mais em rede, além de estarem em constante movimento e em constante troca. A JMJ é também uma manifestação da globalização entendida dessa maneira. O evento, em grande parte, é fundamentado em interconexões e oportunidades de comunicação. Não só os dias acontecem em diferentes partes do mundo, mas eles também reúnem pessoas de várias línguas, culturas e origens étnicas. O evento revela a capacidade dos jovens de criar uma comunidade através das fronteiras e diferenças interculturais, de compartilhar as

⁴⁸ SADLON, Wojciech. Fé, Globalização e Juventude. In: Jornada Mundial da Juventude 2016: resultados de pesquisa seleta. Varsóvia. Centro Nacional para Cultura, 2016. Disponível na língua inglesa em: <https://www.nck.pl/upload/attachments/318611/WYD%20Krakow%202016%20Report.pdf> Acesso em 2018

mesmas experiências religiosas e de celebrar fé apesar de todas as diferenças. Sem dúvida, isso está relacionado com a natureza global do catolicismo, que em sua teologia a natureza também é universal. Não é apenas individual e local, mas também supranacional e intercultural.

O papel do Papa, segundo o autor, é de grande importância neste contexto, pois ele é um símbolo do universalismo e um ponto de referência para o catolicismo global. A JMJ confirma que a globalização proporciona um terreno fértil para o renovado impacto público da religião e pode ser percebida como exemplo de um movimento social de natureza religiosa e com alcance global. Isto é apoiado pelo caráter de massa do evento, a falta de uma estrutura organizacional estendida de cima para baixo em escala internacional, a capacidade de mobilização espontânea e continuidade funcional. A JMJ não é apenas um evento único organizado regularmente. Os dias envolvem dezenas de voluntários ajudando por muitos anos e fornecendo todo um sistema de eventos educacionais e formativos, além dos Eventos Centrais, um fato que muitas vezes é esquecido.

Uma proporção significativa de participantes envolvem-se ativa e regularmente nas preparações da JMJ. O papel da JMJ na criação das chamadas teologias mundiais, ou seja, perspectivas e tipos de *ethos*, é uma questão separada. Sem dúvida, Sadłóń (2016), defende que, a JMJ promove valores religiosos e humanísticos específicos. Sua natureza é predominantemente inclusiva e universal. Deste modo, a JMJ ajuda na superação do particularismo de valores e do fundamentalismo religioso. Isso foi especialmente perceptível em Cracóvia, na sombra do risco real de ataques terroristas.

CAPÍTULO 3

JOÃO PAULO II E FRANCISCO NA CONDUÇÃO DAS JMJ

Pelo exposto nos capítulos anteriores, é possível traçar uma comparação entre Francisco e João Paulo II, com relação à Jornada Mundial da Juventude. Ambos os papas são relacionados a ela, um como criador e o outro como atual condutor. A Jornada Mundial da Juventude, como dito, foi criada por João Paulo II, para retomar a identidade católica, dentro do programa denominado “Nova Evangelização”. Hoje se faz essa reflexão, que, com João Paulo II, houve “a volta à grande disciplina”, ou seja, o retorno da Igreja a ensinamentos anteriores ao Concílio Vaticano II, mais relacionados ao Concílio de Trento, como explica Libanio (1984). Também concordam em dizer que, João Paulo II criou a Jornada e chamou a atenção dos jovens para retornar à Igreja, quando a identidade da mesma estava enfraquecida; ao passo que Francisco, apesar de estar à frente do catolicismo há apenas cinco anos, parece já ter caminhado na direção de mais inovação na Igreja Católica, no sentido de não focar-se em si mesma, mas sair, ir ao encontro dos pobres, excluídos e necessitados.

Assim, se pode verificar que a Igreja, que no período de vigência do Concílio de Trento, era detentora de poder e prestígio econômico e político, tinha identidade fortalecida e a participação do povo. Após o Concílio de Trento, no decorrer dos tempos modernos, essa identidade se enfraqueceu e a igreja já não tinha mais poder político e econômico, pois o mundo moderno trouxe consigo ideais de liberdade, ao que foi necessária a convocação de João XXIII para o Concílio Vaticano II e o *aggiornamento* (atualização) da Igreja. Isso desorientou os fiéis que se dispersaram, por não entenderem exatamente o que estava acontecendo com a Igreja, assim como alguns padres. Com João Paulo II e sua busca pela retomada dessa identidade, houve o impedimento de certa evolução da Igreja, buscando lembrar a identidade, doutrina e valores do catolicismo, mas conseguiu que o povo, também jovens, com a JMJ, voltassem a participar.

Assim, neste capítulo, será possível observar algumas características da juventude, fé e globalização. Também serão vistas semelhanças entre João Paulo II e Francisco e depois será traçada uma reflexão sobre as diferenças

papais na condução das Jornadas. Será feita uma comparação a partir dos conceitos de Comunidade Moral de Durkheim (1996) e Liquidez de Bauman (2000).

1. JORNADAS E OS PAPAS

De acordo com Bernard Lecomte, autor de História dos papas de 1789, até nossos dias, em entrevista publicada em *site* da Revista *Humanitas* da Unisinos⁴⁹ é possível comparar João Paulo II e Francisco, mas com prudência, porque ainda é necessário tempo para avaliar o pontificado do Papa Francisco. João Paulo II ficou 26 anos à frente da Igreja católica; se Francisco ficar tanto tempo assim, ainda haverá muito o que se avaliar, porém é possível fazer algumas formulações.

De acordo com Lecomte (2014), no plano do “perfil”, a comparação entre os dois papas faz sentido: Francisco, assim como João Paulo II, é, em primeiro lugar, um pastor. Um e outro vêm de um “país distante”, inclusive “do fim do mundo”; eles não conhecem a cúria, eles têm experiência em suas arquidioceses: o ex-arcebispo de Buenos Aires, assim como o de Cracóvia, estava à frente de uma enorme máquina, com muitas responsabilidades, muitas paróquias para servir, muitos padres para acompanhar. Por outro lado, todos os dois passaram por grandes provas históricas de forte implicação política: Bergoglio com a junta de Videla⁵⁰, Wojtyla com o regime comunista.

Portanto, arcebispos que chegam a Roma com experiências parecidas. Tanto um como o outro se defrontam com uma Igreja de carne e osso, da qual eles conhecem a realidade humana, pastoral, eclesial e histórica.

É importante observar, contudo, a diferença de idade entre os dois, lembra Lecomte (2014): João Paulo II tinha 58 anos quando foi eleito Papa, ao passo

⁴⁹A entrevista é de **Aymeric Christensene** publicada no sítio **La Vie**, 27-02-2014. A tradução é de **André Langer**. Disponível no site do Instituto Humanitas da Unisinos em: <http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/528907-francisco-assim-como-joao-paulo-ii-tem-uma-fe-concreta-entrevista-com-bernard-lecomte> Acesso em 2018

⁵⁰ Jorge Rafael Videla chefiou golpe militar que tirou a presidente Maria Estela Martinez de Perón, Isabelita, do poder, em março de 1976 e ficou no poder até 1981. Mais informações em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/argentina-cai-no-horror-da-ditadura-em-1976-sob-comando-do-general-videla-10103951> Acesso em 2018.

que Francisco já tinha 77. São quase 20 anos de diferença. Francisco será um idoso em alguns anos e não poderá ser comparado ao João Paulo II das grandes viagens pela África, Ásia, América Latina, etc.

No plano político, também há semelhanças, de acordo com Lecomte (2014), no sentido da mundialização. Para ele, quando João Paulo II foi eleito, em 1978, e, sobretudo, a partir da viagem ao México e à Polônia, em 1979, o governo da Igreja mudou de dimensão. O Papa polonês colocou a Igreja de Roma para acompanhar o movimento da globalização, de maneira voluntarista. Em Francisco, encontra-se a mesma consciência de que o mundo mudou, e que a Igreja também deve se atualizar. Sua comissão para a reforma da cúria mostra que o Papa Francisco se situa numa ótica mundial.

Há também a grande piedade marial de Francisco, que o aproxima de João Paulo II, mas também sua relação com a oração. Tanto um como o outro se levantam muito cedo e rezam durante uma ou duas horas. Lecomte (2014) defende que, com João Paulo II e Francisco, é quase físico: sente-se que eles têm uma fé concreta, e que eles alimentam sua ação com a oração.

É possível falar ainda sobre o relacionamento dos papas com a mídia. Cuda (2016), fala da presença de Francisco, nas manchetes dos jornais:

No entanto, à primeira vista, você pode ver a presença constante de Francisco nas manchetes dos jornais do mundo todos os dias, nos últimos três anos. Com espanto, mesmo depois do triunfo da modernidade e de seu liberalismo secularista - que em muitos casos se tornou anticatólico -, assiste-se a um espetáculo inesperado: um papa é notícia porque é a novidade. Parece, então, que desta vez a voz do pastor não prega no deserto. Sua palavra é ouvida e considerada pelos governos seculares de quase todos os países do mundo e, em alguns casos, até temida no momento de medir a opinião pública que os legitima no Estado. Isso faz reaparecer mais uma vez, como um fantasma, a dúvida de saber quem reina e quem governa. (CUDA, 2016, p.24)

Assim, se observa que o Papa possui visibilidade na mídia. Qualquer que seja sua ação é reproduzida, geralmente, de maneira positiva. De acordo com Luxmoore (2018)⁵¹ o Papa tem 40 milhões de seguidores no Twitter, e eles

⁵¹ O artigo é de Jonathan Luxmoore, publicado por National Catholic Reporter, 12-03-2018. A tradução é de Isaque Gomes Correa. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576902-papa-francisco-impoe-se-no-cenario-mundial-estabelecido-por-joao-paulo-ii>
Acesso em 2018

aumentam cerca de 25% ao ano; só a Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma tem alunos de, no mínimo, 150 países.

Lecomte (2014) questiona: mas, acima de tudo, qual é o poder do Papa senão aquele das palavras? O autor ainda complementa: o Papa é a voz da Igreja, é um “profeta desarmado”, como foi qualificado: sua arte é aquela do símbolo, do gesto, da imagem, e se situa no campo da convicção, da misericórdia, da esperança. É nisto que João Paulo II foi um grande comunicador, segundo o autor.

João Paulo II, durante seu pontificado, publicou cinco livros: O Limiar da Esperança (outubro de 1994); Dom e Mistério (novembro de 1996); Tríptico Romano (março de 2003); Levantai-vos! Vamos! (maio de 2004) e Memória e Identidade (fevereiro de 2005).

Nesse sentido, se pode observar em ambos os papas, pontos semelhantes. João Paulo II era o homem das artes, da poesia e artista, em tudo o que fazia, seja nos textos, seja nas palavras e também ao chegar em terras distantes, beijava o chão. Ele sabia o poder da comunicação e da televisão, falou muito sobre isso e soube também evangelizar através desses meios. Não diferente é Francisco, que prepara suas malas em viagens, não faz questão de carros, ou casas de luxo, sempre é claro e direto em seus discursos, não teme críticas, fazendo de si mesmo, uma personalidade sempre esperada: as pessoas fazem de tudo para saber “qual será a próxima de Francisco? ”.

Assim se reflete que ambos os papas construíram uma imagem positiva na mídia mundial. E cada um a seu tempo, são sinais de uma igreja em mudança, preocupada em observar os sinais dos tempos.

Ainda sobre as atitudes de Francisco, Jonathan Luxmoore (2018)⁵³ reflete que na mensagem para o Dia Mundial da Paz, no início de 2018, o Papa recordou um dos grandes temas de seu pontificado ao pedir por compaixão para com os mais de 250 milhões de migrantes e refugiados no mundo. No entanto o seu pedido por uma ação coordenada e por uma “gestão responsável de novas

⁵³ O artigo é de Jonathan Luxmoore, publicado por National Catholic Reporter, 12-03-2018. A tradução é de Isaque Gomes Correa. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576902-papa-francisco-impoe-se-no-cenario-mundial-estabelecido-por-joao-paulo-ii> Acesso em 2018

situações complexas” pareceu mudar o foco da defesa puramente moral para algo mais concreto. Assim, fez o seu reconhecimento de que o novo século “não registrou uma verdadeira viragem” em resolver os conflitos perenes que deslocam as pessoas de seus lares.

Com relação aos pontificados, se observa que os papas são bem diferentes. João Paulo II tinha uma visão voltada para dentro da Igreja. Ou seja, buscava o fortalecimento da unidade e identidade da Igreja. Já Francisco, de outra forma, busca a Igreja de saída, que não está voltada para si, mas para as necessidades do mundo e principalmente à misericórdia, para com os mais fracos, excluídos, doentes e pobres, como será possível observar no tópico a seguir.

Assim, no tópico a seguir, será feita uma reflexão sobre a JMJ, entre a coesão e a liquidez, ou seja, entre a identidade, catolicidade de João Paulo II e a liquidez do mundo moderno, (Bauman, 2000), com seu relativismo, anonimato e efemeridade.

2. JMJ ENTRE A COESÃO E A LIQUIDEZ

Neste tópico, será feita uma análise da JMJ, utilizando duas categorias: coesão e liquidez. Para tanto, será exposto o pensamento de Durkheim (1996), como analista da coesão e de Bauman (2000), como defensor da liquidez, ou seja, da sociedade, efêmera, passageira e provisória.

De acordo com Durkheim (1996), “A religião seria uma espécie de especulação sobre tudo o que escapa à ciência e, de maneira mais geral, ao pensamento claro”. Em outras palavras:

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidade coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos. (DURKHEIM, 1996 p. 16)

E, ainda retomando as ideias do autor, os fatos sociais não podem ser separados de seu contexto: “Em primeiro lugar, tanto para o sociólogo como para o historiador, os fatos sociais são função do sistema do qual fazem parte; não se pode, portanto, compreendê-los quando separados desse sistema”.

Nesse sentido, no contexto da Jornada Mundial da Juventude, que como o próprio nome diz, se trata de uma reunião de jovens do mundo todo, com o mesmo objetivo de partilhar a experiência da doutrina católica, pode-se concluir que a teoria de Durkheim (1996) de que a religião torna indivíduos de culturas e locais diferentes, em uma sociedade com elementos comuns, se aplica ao caso da Jornada Mundial da Juventude, pois lá as pessoas, que nunca se viram antes, passam a ter um elo comum, que é a participação no evento. A partir da religião, se tornam um grupo coeso que se aceita, se reconhece e que colabora entre si, ou seja, uma comunidade moral:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. (DURKHEIM, 1996, p. 32)

Dessa forma, é possível dizer que a Igreja Católica usou das JMJ para reforçar essa comunidade moral, que reúne as pessoas do mundo todo e que se aproximam durante os dias da Jornada, vivem aquela experiência em comum, colaborando entre si e acabam por se fortalecer na religião.

Observa-se, no entanto, que as conduções dos papas deram a essa experiência comum é diferente. O papa João Paulo II buscou a unidade e identidade da Igreja. Já Francisco busca que as pessoas saiam da Igreja e vão ao encontro dos mais necessitados,

O que Bauman (2000) declara como modernidade líquida é uma fase que se contrapõe à modernidade sólida, aquela época que desenhou e consagrou-se com o Iluminismo, mas que tem em seu lastro o Positivismo, a Revolução Industrial, o Fordismo e incontáveis eventos e teorias que formularam um mundo, predominantemente o lado ocidental do planeta, governado por uma racionalidade que definiu uma realidade baseada na soberania da ciência, na lógica, no cálculo, na eficácia do planejamento, na indústria, na constância, na fidelidade aos compromissos. Enfim, caminhou em direção à certeza e à segurança.

A modernidade líquida, ao contrário, é leve, fluída, inconstante, exhibe mobilidade, carrega consigo a ideia de transitoriedade, ela é mutante e impõe a necessidade de movimento contínuo. Contudo, traz em seu bojo a incerteza, o

sentimento de insegurança, de falta de garantias e proteção, além da exigência de liberdade num processo de individualidade exacerbado. O autor compara esse conceito, com a caminhada no gelo. Quando se caminha sobre gelo quebradiço, a velocidade é que mantém a segurança e que preserva. Assim também acontece no jogo da vida ensaiada, na modernidade líquida repleta de possibilidades à espera dos mais velozes. Ser frágil e percorrer esta trajetória em passos lentos e reflexivos, pode significar falta de habilidade na disputa-mor: a da sobrevivência.

A velocidade, no entanto, não é propícia ao pensamento, pelo menos ao pensamento de longo prazo. O pensamento demanda pausa e descanso, “tomar seu tempo”, recapitular os passos já dados, examinar de perto o ponto alcançado e a sabedoria (ou imprudência, se for o caso) de o ter alcançado. Pensar tira nossa mente da tarefa em curso, que requer sempre a corrida e a manutenção da velocidade. E na falta do pensamento, o patinar sobre o gelo fino que é uma fatalidade para todos os indivíduos frágeis na realidade porosa pode ser equivocadamente tomado como seu destino (BAUMAN, 2000, 239).⁵⁴

Nesse sentido, a velocidade impossibilita o pensamento. É por isso que, segundo a interpretação desta pesquisa, João Paulo II criou as Jornadas: que os jovens pudessem parar por um momento e refletissem sobre a Igreja. Torna-se, portanto, ainda mais “justificável” a luta de João Paulo II por reunir a Igreja, pois, diante de tanta incerteza, velocidade e liquidez do mundo moderno, no qual nada mais é concreto, tudo é massa, anônimo, incerto, relativo, efêmero, enfim, tudo passa. O papa polonês quis demonstrar à juventude, que a Igreja não passa, que Jesus é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (Heb 13,08) e que era preciso “ser jovem de fé”⁵⁵, como ele disse aos jovens de Otranto em 1980, para poderem resistir à efemeridade do mundo moderno e não romperem com a fé milenar da Igreja Católica.

Apesar da própria jornada se tornar um momento líquido, no qual os jovens dificilmente conseguem colocar em prática as aprendizagens vivenciadas na Jornada, sem efetivas mudanças em suas realidades de origem, a JMJ não

54

Disponível

em:

http://cpd1.ufmt.br/ecco/site/docs/dissertacoes/wuldson_marcelo_leite_souza.pdf

⁵⁵Discurso do Papa João Paulo II às autoridades de Otranto (Itália), em 05-10- 1980. Disponível em:

https://W2.Vatican.Va/Content/John-Paul-ii/Pt/Speeches/1980/October/Documents/Hf_Jp-ii_Spe_19801005_Autorita-Otranto.Html Acesso em 2018

deixa de ser uma experiência de fé, que, de certa forma, é concreta, pois dura 33 anos, tornando-se praticamente uma tradição. Neste sentido, a JMJ é coesa e líquida, ao mesmo tempo.

A JMJ é um evento de massa reunindo milhões de pessoas a ter uma forte experiência de fé, que se demonstra pelas grandes quantidades de pessoas, de diferentes países, línguas e culturas, que se unem e se tornam um só corpo da Igreja Católica mundial, mas de certa maneira, se pode dizer, que essa experiência não traz mudanças efetivas às pessoas, quando retornam às suas paróquias, apenas de manutenção da fé. Deste modo, se defende aqui que a JMJ seria, portanto, uma experiência líquida, na qual as pessoas sentem fortes emoções, porém, ao retorno, essa experiência se esvai, flui na liquidez que Bauman (2000) conceitualiza, e não se traduz em mudanças concretas.

No entanto Francisco quer mudar isso, quer que a Igreja deixe de ser “do vir” e passe a ser “do ir”. Ou seja, que deixe de querer encher as paróquias e saia ao encontro dos necessitados e leve o amor e a presença cristã aos que estão nas periferias da vida, sejam elas periferias físicas, ou existenciais. Francisco quer que essa mudança, se traduza na Comunidade de Durkheim (1996), ou seja, um evento coeso, no qual, após a JMJ, os laços se estreitem e as pessoas sejam capazes de transformar realidades. O Papa quer que a pobreza, doença, tristeza, se reverta em fé e esperança, pela ação evangelizadora de cristãos, que levam concretamente a alegria do evangelho às pessoas do mundo inteiro.

A seguir será observado o pontificado de João Paulo II e Francisco em quatro categorias: mundo moderno, juventude, igreja e evangelização.

3. PALAVRAS DOS PAPAS NO CONTEXTO DOS JOVENS

Neste tópico se observam discursos papais, retirados das Jornadas e também de outros momentos de reuniões, mas que demonstram os pensamentos dos pontífices.

Dessa forma, é possível observar ainda as diferenças papais com relação a seus pensamentos sobre: Mundo moderno, Juventude, Evangelização e Igreja. Essas categorias foram utilizadas, pois fazem parte das Jornadas e também são

ideias-chave que percorrem todo o desenvolvimento desta pesquisa. As fontes utilizadas são discursos, publicações e documentos da Igreja, além de reportagens de portais conceituados.

3.1. Mundo Moderno e Sociedade Contemporânea

Sadłón (2016)⁵⁶ revela que, nos últimos anos, tem testemunhado uma mudança marcante na percepção do lugar e do papel da religião. De acordo com o autor, atualmente, é cada vez mais notável que a ciência e um alto padrão de vida não estão em "competição" direta com religião. Pelo contrário, as mudanças sociais levaram à chamada pluralização, isto é, deram origem a esferas variadas e diferentes de vida, perspectivas, estilos e atitudes, sem eliminar diretamente a religião da esfera social.

O autor explica que, além da secularização - processo, que empurra a religião para o fundo social e separa diferentes áreas da vida do sagrado - , outros processos também estão no trabalho, descritos como des-secularização, despertar religioso ou mesmo ressacralização. Nos dias de hoje, a religião mundial não pertence mais à esfera privada e está se tornando cada vez mais pública, isto é, a "desprivatização" da religião. Sadłón (2016), concorda com autores que dizem que mesmo os grupos religiosos minoritários são influentes e significativos para a cultura contemporânea (o conceito de religião vicária). Além disso, pesquisadores apontam para o rápido desenvolvimento de novos movimentos religiosos.

Neste contexto, a JMJ forneceu um "material de pesquisa" valioso para analisar o lugar e o papel da religião na cultura contemporânea, segundo o autor. É um evento de massa, que a cada dois ou três anos, reúne milhões de jovens e é coberto pelo mundo midiático e, conseqüentemente, notado por uma grande proporção da população mundial. Sadłón (2016), revela que a JMJ é um empreendimento muito dinâmico, baseado nas mais modernas soluções de

⁵⁶ SADLON, Wojciech. Fé, Globalização e Juventude. In: Jornada Mundial da Juventude 2016: resultados de pesquisa seleta. Varsóvia. Centro Nacional para Cultura, 2016. Disponível na língua inglesa em: <https://www.nck.pl/upload/attachments/318611/WYD%20Krakow%202016%20Report.pdf> Acesso em 2018

comunicação e transporte. Soluções de Tecnologia da Informação (TI) de ponta e mídia moderna, principalmente a internet, são utilizadas em todas as etapas do evento, desde o anúncio, convites, registros, organização e garantia de segurança, bem como no próprio evento.

Os eventos, performances e shows que compõem a JMJ se baseiam na tecnologia mais recente e, na maior parte, na cultura popular. Desta forma, eles se tornam semelhantes aos festivais e concertos, ou mesmo às Olimpíadas ou outros campeonatos mundiais esportivos. Assim, Sadlón (2016) faz dois questionamentos: não é a JMJ uma manifestação de uma transferência de elementos religiosos da esfera tradicionalmente associados ao sagrado, para a área da cultura popular? Não é da natureza da JMJ mais semelhante a um desempenho baseado em emoções superficiais, do que em uma profunda experiência do sagrado?

Os resultados de um estudo realizado entre os participantes da JMJ, na Polônia indicam claramente que esta é, antes de mais nada, um evento de natureza religiosa. Os jovens apontam a fé e a religião como suas principais motivações para participar da JMJ.

Isso leva à conclusão de que a JMJ é mais uma forma contemporânea de peregrinação do que um festival pop. E da mesma maneira como a peregrinação combinava elementos puramente religiosos e cultura secular, um sentimento de comunidade e oração conjunta, uma jornada de transformação espiritual, hoje a JMJ combina a cultura jovem com base na mídia e tecnologia de comunicação católica e rituais religiosos e celebrações. Os motivos de uma viagem e movimento também são importantes para a JMJ.

Sadlón (2016) lembra que o futuro pertence aos jovens. A geração jovem define as direções das mudanças. Os resultados dos estudos, publicados por Sadlón (2016) apontam para alguns processos angustiantes que afetam os jovens. O comportamento exibem sinais de consumismo, dificuldades de aprendizagem, narcisismo, hiper-individualismo e relatividade moral. Ainda apresenta cinco dificuldades fundamentais enfrentadas pela juventude contemporânea, quais sejam: raciocínio moral confuso; intoxicação rotineira; objetivos de vida materialistas; experiências sexuais lamentáveis e desengajamento de vida cívica e política.

De acordo com Sadlón (2016), na literatura norte-americana se acredita que a fé da juventude de hoje não é forte o suficiente para durar além do ensino médio. A religiosidade dos jovens é limitada à espiritualidade, com ênfase em boas ações e bem-estar. Na literatura polonesa, a juventude de hoje é muitas vezes referida como a geração do *facebook*. Destaca-se também que os jovens predominam entre os que saem da Igreja, o que não envolve necessariamente deixar a religião como tal, mas significa torná-la uma experiência subjetiva.

Neste contexto, explica o autor, os participantes da JMJ parecem vir de um período diferente. Estes são jovens que conscientemente buscam experimentar sua fé, bem como sua identidade pessoal e social. Profundamente enraizados na cultura polonesa e na religiosidade, eles são ainda capazes de separar conteúdo religioso de questões culturais e políticas. Os participantes poloneses na JMJ têm orgulho de serem católicos e sentem uma forte ligação com a Igreja Católica. Como visto no primeiro capítulo desta pesquisa, 92%⁵⁷ dos poloneses são católicos. Além disso, Sadlón (2016) revela que na Polônia, os jovens podem se encaixar com colegas que muitas vezes abraçam diferentes valores. Eles têm padrões de moralidade claramente definidos e aceitam conscientemente os ensinamentos morais da Igreja.

O estudo também mostra que os jovens podem sentir a presença de Deus em sua vida. Ao mesmo tempo, podem ser empáticos e sensíveis aos outros e podem construir relações profundas com suas famílias, conhecidos e amigos. A JMJ também revelou e desbloqueou a política pró-social potencial da juventude polaca. O evento reuniu pessoas capazes de agir em benefício dos outros e encontrar sentido em ajudá-las.

O autor retoma que se vive em um mundo que está se tornando cada vez mais global. Um sistema global de cultura está nascendo, baseado no sistema de informação global, padrões de consumo global e estilos de vida cosmopolitas. O processo de globalização se manifesta em eventos mundiais, como os Jogos Olímpicos, turismo internacional ou restrições à soberania em cada país, bem como em uma crescente conscientização sobre a natureza global da crise ambiental ou um aumento de riscos militares que afetam o mundo inteiro. A

⁵⁷ Dados de pesquisa publicada em revista Exame, disponíveis em: <https://exame.abril.com.br/mundo/onde-estao-os-catolicos-do-mundo/> Acesso em 2018

globalização, de acordo com Sadlón (2016), implica não apenas padronização, popularização e homogeneização, mas também a ascensão de um novo tipo de consciência, onde o mundo é visto como um todo.

Globalização para o autor também significa que indivíduos tornaram-se uma espécie de rede, além de estarem em constante movimento e em constante troca. A JMJ é também uma manifestação da globalização entendida dessa maneira. O evento, em grande parte, é fundamentado em interconexões e oportunidades de comunicação. Não só as JMJ acontecem em diferentes partes do mundo, mas elas também reúnem pessoas de várias línguas, culturas e origens étnicas. O evento revela a capacidade dos jovens de criar uma comunidade através das fronteiras e diferenças interculturais, de compartilhar as mesmas experiências religiosas e de celebrar fé apesar de todas as diferenças. Sem dúvida, isso está relacionado com a natureza global do catolicismo, que em sua teologia, a natureza também é universal. Não é apenas individual e local, mas também supranacional e intercultural, explica Sadlón (2016).

Segundo o autor, o papel do Papa é de grande importância neste contexto, pois ele é um símbolo do universalismo e um ponto de referência para o catolicismo global, como JMJ. As Jornadas confirmam que a globalização proporciona um terreno fértil para o renovado impacto público da religião. De acordo com Sadlón (2016), a JMJ pode ser percebida como exemplo de um movimento social de natureza religiosa e com alcance global. Isto é apoiado pelo caráter de massa do evento, a falta de uma estrutura organizacional estendida de cima para baixo em escala internacional, a capacidade de mobilização espontânea e continuidade funcional. Uma proporção significativa de participantes participa ativa e regularmente nas preparações da JMJ.

Assim, João Paulo II, na JMJ de Paris, em 1997, chama os jovens a serem sinais da Igreja em suas realidades cotidianas:

Convido- vos a ir beber na fonte da vida que é Cristo, a fim de inventardes todos os dias os meios para servir os vossos irmãos no seio da sociedade em que vos compete assumir as vossas responsabilidades de homens e de fiéis. A humanidade tem necessidade de vós nos campos sociais, científicos e técnicos. (JOÃO PAULO II, 1997)

Aqui se observa João Paulo II exortando os jovens a se aproximarem de Cristo, a não se afastarem da Igreja, pelo contrário, os chama a colocar suas aprendizagens cristãs em prática “no seio da sociedade”, ou seja, em seu dia-a-dia.

João Paulo II também pede aos jovens que não cedam aos apelos do consumismo e capitalismo moderno, que não “enxerga” as pessoas, mas o dinheiro que elas produzem, ou não, e são valorizadas, ou desvalorizadas, na proporção do dinheiro que possuem. Além disso, o Papa revela que essa lógica é reproduzida pela mídia, que “consome” apenas notícias que vendem, ou seja, tragédias, ou informações patrocinadas por grandes conglomerados econômicos, que também são capazes de garantir a felicidade ilusória, através do consumo:

Jovens, não cedais a falsas ilusões nem a modas efêmeras, que muitas vezes deixam um trágico vazio espiritual! Recusai as soluções do dinheiro, do consumismo e da violência dissimulada, que por vezes os meios de comunicação propõem. (JOÃO PAULO II, 2004)

Assim também o faz Francisco, e exorta os jovens a se libertarem da idolatria do dinheiro.

Antes de mais nada, procurai ser livres em relação às coisas. O Senhor chama-nos a um estilo de vida evangélico caracterizado pela sobriedade, chama-nos a não ceder à cultura do consumo. Trata-se de buscar a essencialidade, aprender a despojarmo-nos de tantas coisas supérfluas e inúteis que nos sufocam. Desprendamo-nos da ambição de possuir, do dinheiro idolatrado e depois esbanjado. No primeiro lugar, coloquemos Jesus. Ele pode libertar-nos das idolatrias que nos tornam escravos. Confiai em Deus, queridos jovens! Ele conhece-nos, ama-nos e nunca se esquece de nós. Como provê aos lírios do campo (cf. Mt 6, 28), também não deixará que nos falte nada! Mesmo para superar a crise econômica, é preciso estar prontos a mudar o estilo de vida, a evitar tantos desperdícios. Como é necessária a coragem da felicidade, também é precisa a coragem da sobriedade. (FRANCISCO, 2014)

Assim se observa que ambos os papas criticam o consumismo, incentivado pela globalização e capitalismo. No entanto, adotam posturas diferentes para defender o desapego ao consumo. João Paulo II fala sempre do testemunho de santidade, contra o vazio espiritual do mundo moderno. E Francisco parece ser aberto não somente aos católicos, mas aos homens de todo o mundo. Ele usa o termo “sobriedade” e “libertação” dos excessos, adotando uma postura mais ecumênica. Seu discurso se dirige a todos, católicos, ou não. Ainda utiliza o termo “estilo de vida evangélico”, ou seja, de acordo com

o evangelho e assim se aproxima das outras denominações religiosas, que se utilizam do evangelho para professar sua fé.

3.2. Juventude

De acordo com Cardoso (2009), o jovem possui incessante novidade de espírito, cultiva uma contínua busca pelo bem, empenha-se na perseverante vontade de doação e na realização da meta. Os jovens em questão inserem-se socialmente no âmbito dos estudos, ou em situações profissionais ou pessoais precárias, tais como: desemprego, desestabilidade psicológica, comportamentos indiscriminados e numerosos problemas da vida. Expressam o desejo de conquistar a autoconfiança, superando as dúvidas existenciais e medos de assumir compromissos sérios. Têm também, na visão de João Paulo II, necessidade de “sentir-se reconhecidos, sustentados, escutados e amados” quando se encontram diante da realidade, para conseguir aceitar a si mesmos, à vida e começar a agir na realidade.

Cardoso (2009) explica que os jovens vivem numa sociedade que, por diversas razões, cultiva a dúvida e o cinismo, o medo e a impotência, a imaturidade e o infantilismo. Por isso, eles tendem a agrupar-se em modalidades primárias e têm dificuldades para amadurecer.

Com relação aos jovens, contudo, é possível observar algumas semelhanças entre João Paulo II e Francisco. João Paulo II disse em uma das Jornadas que os jovens são a esperança do Papa⁵⁸, e Francisco, que a juventude “é a janela pela qual o futuro entra no mundo”⁵⁹. Porém João Paulo II queria que os jovens trabalhassem pela unidade da Igreja, para fortalecerem a identidade da Igreja. Já Francisco objetiva que os jovens saiam ao mundo sendo a “Igreja de saída”, ou seja, aquela que ajuda as pessoas na prática.

João Paulo II disse:

⁵⁸ Homilia de João Paulo II, na JMJ Toronto, 2002. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020728_xvii-wyd.html Acesso em 2018

⁵⁹ Discurso de Francisco na Cerimônia de Boas Vindas JMJ Rio, 2013. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130722_gmg-cerimonia-benvenuto-rio.html Acesso em 2018

Embora eu tenha vivido no meio de muitas trevas, sob duros regimes totalitários, tive suficientes motivos para me convencer de maneira inabalável de que nenhuma dificuldade e nenhum temor é tão grande a ponto de poder sufocar completamente *a esperança que jorra sem cessar no coração dos jovens*. (JOÃO PAULO II, 2007)

João Paulo II ainda fala de seu amor pelos jovens:

"Deus concedeu-me a graça de amar muito os jovens. Por isso, gostaria de falar-vos como se fala a um amigo, com cada um individualmente, olhos nos olhos, coração a coração... Olhai, é a vós especialmente que cabe a tarefa de construir um mundo mais humano e mais cristão, a missão de salvar o mundo do mal e de evangelizá-lo. E pertence-vos especialmente a vós, porque a evangelização não se faz sem entusiasmo juvenil, sem a juventude de coração, sem um conjunto de qualidades em que a juventude é pródiga: alegria, esperança, transparência, audácia, criatividade, idealismo... São precisamente estes predicados que fazem de cada um de vós um aliado natural de Cristo, do mesmo Cristo que é único em Quem podereis encontrar resposta aos vossos problemas e à vossa inquietude. A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos; portanto, não basta rezar pelas vocações sacerdotais e religiosas; mas é preciso também estardes pessoalmente atentos ao apelo do Senhor e ter a coragem para responder com generosidade a esse apelo". (JOÃO PAULO II, 1982)

Fazei resplandecer a luz de Cristo nas vossas vidas! Não espereis por ser mais idosos, para vos empenhardes no caminho da santidade! A santidade é sempre jovem, como eterna é a juventude de Deus. (JOÃO PAULO II, JMJ 2002)

Assim, João Paulo II chama os jovens de “sal da terra”, em 2002, e diz que é dever da juventude buscar as raízes da fé que lhe foi transmitida e também transmitir essa fé às próximas gerações:

Vós sois o sal da terra... vós sois a luz do mundo» (Mt 5,13-14): eis o tema que escolhi para a próxima Jornada Mundial da Juventude. As imagens do sal e da luz, que Jesus utiliza, são ricas de sentido, completando-se entre si. Realmente, na antiguidade, o sal e a luz eram considerados elementos essenciais da vida humana. O sal foi também, durante muito tempo, o meio habitualmente usado para conservar os alimentos. Como sal da terra, sois chamados a conservar a fé que recebestes e a transmiti-la intacta aos outros. Particularmente grande é o desafio que se coloca à vossa geração de manter íntegro o depósito da fé (cf. 2Ts 2,15; 1Tm 6,20; 2Tm 1,14). Descubri as vossas raízes cristãs, aprendei a história da Igreja, aprofundai o conhecimento da herança espiritual que vos foi transmitida, imitai as testemunhas e os mestres que vos precederam! Só permanecendo fiéis aos mandamentos de Deus, à Aliança que Cristo selou com o seu sangue derramado na Cruz é que podereis ser os apóstolos e as testemunhas do novo milénio. É próprio da condição humana e, particularmente, da juventude buscar o Absoluto, o sentido e a plenitude da existência.

Amados jovens, não vos contenteis com nada menos do que os mais altos ideais! Não vos deixeis desanimar por aqueles que, desiludidos da vida, se tornaram surdos aos anseios mais profundos e autênticos do seu coração. Tendes razão para não vos resignardes com diversões insípidas, modas passageiras e projetos redutivos. Se mantiverdes com ardor os vossos anelos pelo Senhor, sabereis evitar a mediocridade e o conformismo, tão espalhados na nossa sociedade. (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

O Papa João Paulo II ainda fala de que é próprio da humanidade e dos jovens buscar o Absoluto. Ele defende que somente na busca por esse absoluto é que o jovem saberá evitar a mediocridade e o conformismo da sociedade atual. Em seguida, João Paulo II ainda fala que é próprio da juventude também o desejo da verdade e de chegar à plenitude do conhecimento:

«Vós sois a luz do mundo...» Tanto para os primeiros que ouviram Jesus como para nós, o símbolo da luz evoca aquele desejo de verdade e sede de chegar à plenitude do conhecimento que estão gravados no íntimo de todo o ser humano. Quando a luz vai diminuindo ou desaparece totalmente, deixa-se de poder distinguir a realidade circundante. (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

Ainda aborda o medo e a insegurança, muito constante na vida do jovem, que teme e fica incerto quanto a seu futuro como adulto:

No coração da noite, pode-se sentir medo e insegurança, aguardando-se então com impaciência a chegada da luz da aurora. Amados jovens, é o vosso turno de ser as sentinelas da manhã (cf. Is 21,11-12) que anunciam a chegada do sol que é Cristo ressuscitado! (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

Convida ainda os jovens a serem testemunhas, não apenas teoricamente, mas sim a vivenciarem a experiência concreta de verdade a ser vivida:

O encontro pessoal com Cristo ilumina a vida com uma nova luz, orienta-nos pelo bom caminho e leva-nos a ser suas testemunhas. O novo modo de ver o mundo e as pessoas, que d'Ele nos vem, faz-nos penetrar mais profundamente no mistério da fé, que não é simplesmente um conjunto de enunciados teóricos para serem acolhidos e ratificados pela inteligência, mas uma experiência a assimilar, uma verdade a ser vivida, o sal e a luz de toda a realidade (cf. Veritatis splendor, 88). (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

Trata ainda da questão da fé:

No atual contexto de secularização, quando muitos dos nossos contemporâneos pensam e vivem como se Deus não existisse ou deixam-se atrair para formas irracionais de religiosidade, é necessário que precisamente vós, amados jovens, reafirmeis a fé como uma decisão pessoal que compromete toda a existência. Que o Evangelho

seja o grande critério que guia as opções e os rumos da vossa vida! Tornar-vos-eis assim missionários por gestos e palavras e, por todo o lado onde trabalhades e viverdes, sereis sinal do amor de Deus, testemunhas credíveis da presença amorosa de Cristo. (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

Enfim, a mensagem que o Papa João Paulo II transmite aos jovens é de que eles são a luz do mundo:

Nunca esqueçais: «Não se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire» (Mt 5,15)! Como o sal dá sabor aos alimentos e a luz ilumina as trevas, assim a santidade dá sentido pleno à vida, tornando-a reflexo da glória de Deus. Quantos santos, mesmo entre os jovens, conta a história da Igreja! No seu amor a Deus, fizeram resplandecer as suas virtudes heróicas diante do mundo, tornando-se modelos de vida que a Igreja propôs para imitação de todos. Dentre eles basta recordar: Inês de Roma, André di Phú Yên, Pedro Calungsod, Josefina Bakhita, Teresa de Lisieux, Pêro Jorge Frassati, Marcelo Callo, Francisco Castelló Aleu e ainda Catarina Tekakwitha, jovem iroquesa denominada «o lírio dos Mohawks». Peço a Deus, três vezes Santo, que, pela intercessão desta multidão imensa de testemunhas, vos torne santos, amados jovens, os santos do terceiro milénio! (JOÃO PAULO II, XVII Dia Mundial da Juventude, 2002)

A questão do afeto/sexualidade é abordada em João Paulo II, porém dentro da tradição, ele trata na Teologia do Corpo, o casamento, de acordo com a tradição:

O casamento [é] a mais antiga revelação (e ‘manifestação’) do plano [de Deus] no mundo criado, com a revelação e ‘manifestação’ definitiva, a revelação de que ‘Cristo amou a Igreja e se entregou por ela’ (Ef 5, 25), conferindo ao seu amor redentor um carácter e um sentido esponsal (JOÃO PAULO II, 1982).

Nesse sentido, se observa que João Paulo II via o casamento de acordo com a tradição da Igreja, portanto exalta o matrimônio e praticamente não toca na questão da separação conjugal.

A respeito do trabalho, João Paulo II, na Festa da Exaltação da Santa Cruz, em 14 de setembro de 1981, o terceiro do seu pontificado, deu a conhecer ao mundo a Encíclica *Laborem Exercens* para celebrar o 90º aniversário da publicação de outra Encíclica, a *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII. Este documento marcou o tempo do Papa polonês por trazer uma síntese do pensamento da Igreja sobre a dignidade do trabalho humano. Na ocasião, João Paulo II diz: “Se é verdade que o homem se sustenta com o pão

granjeado pelo trabalho das suas mãos então é igualmente verdade que ele se alimenta deste pão com o suor do rosto”.

O Papa Francisco objetiva que os jovens saiam, trabalhem e concretizem seus sonhos:

Já repeti muitas vezes: arrisca! Arrisca. Quem não arrisca não caminha. "Mas se eu errar?" Bendito o Senhor. Errarás mas se permanecer parado, parada: este é o erro, o erro terrível, o fechamento. Arrisca. Tenta ideais nobres, sujando as mãos, arrisca como fez aquele samaritano da parábola. Quando estamos mais ou menos tranquilos na vida, há sempre a tentação da paralisia. Não arriscamos: estamos tranquilos, quietos (...). Aproxima-te dos problemas, sai de ti mesmo e arrisca, arrisca. Caso contrário a tua vida lentamente tornar-se-á paralisada; feliz, contente, com a família mas estacionada — para usar a tua palavra. É muito triste ver vidas estacionadas; é muito triste ver pessoas que parecem mais múmias de museu que seres vivos. Arrisca! Arrisca. (FRANCISCO, Encontro em Villa Nazareth, 2016)

Mais uma vez o Papa demonstra o que quer da Igreja e dos jovens, que saiam, se movimentem, se arrisquem, e não se preocupem somente em acertar. Ele parece querer que as pessoas errem, mas para que percebam o caminho errado e busquem o certo, e não fiquem parados, sem saber o que é certo, ou errado e acabem quietos, morrendo em si mesmos.

Assim, o discurso de ambos os papas é que a juventude deve ter esperança. Esperança essa, que para João Paulo II se encontra na Igreja, e para Francisco se encontra na saída, na busca por pessoas, na evangelização das pessoas

Nesse sentido, Francisco, exorta o jovem a viver a dor do outro:

Convido cada um de vós a perguntar-se: Aprendi eu a chorar? Quando vejo uma criança faminta, uma criança drogada pela estrada, uma criança sem casa, uma criança abandonada, uma criança abusada, uma criança usada como escravo pela sociedade? Oh! O meu não passa do pranto caprichoso de quem chora porque quereria ter mais alguma coisa? Esta é a primeira coisa que vos queria dizer: aprendamos a chorar. (FRANCISCO, Sri Lanka e Filipinas, 2015)

Francisco chama a atenção para o sofrimento do mundo, pede aos jovens que não se acostumem com o sofrimento, que se incomodem com ele, e que não fiquem em seus caprichos egoístas, mas que saiam de si, vejam a realidade sofrida do mundo e aprendam a chorar, se incomodar com ele e protagonizar mudanças.

A questão do afeto e casamento não é vista da mesma forma em João Paulo II e Francisco, nenhum dos dois fala contra o casamento, mas Francisco

é mais aberto para discutir a separação conjugal e casamento entre homossexuais, de qualquer forma, pede aos jovens que sejam castos:

E a vós jovens deste mundo, deste mundo hedonista, neste mundo onde só o prazer é publicitado, passar bem, levar uma vida descontraída, eu digo-vos: sede castos, sede castos. (FRANCISCO Turim, 2015)

O Papa Francisco objetiva que os jovens sejam diferentes daquilo que se observa no mundo, que sejam protagonistas de um mundo melhor, que sejam diferentes, sejam castos. E, nessa diferença, que bebam uma fé integral. Que bebam uma fé completa e sejam fortes, num mundo que espreme a fé:

Há a laranja espremida, há a maçã espremida, há a banana espremida, mas, por favor, não bebam fé espremida. A fé é integral, não se espreme». (FRANCISCO, JMJ Rio, 2013)

Também exorta os jovens a não quererem saber tudo, a não ficarem em museus, em exposição, com a segurança de respostas prontas e corretas, mas sim a se deixarem se surpreender pelo amor e pela santidade de atitude: que pensa, ouve e faz:

Não devemos ter a psicologia do computador que pretende saber tudo. Todas as respostas estão no computador, nenhuma surpresa. Não a jovens de museus, mas jovens santos, e para serem santos precisam de usar três linguagens: pensar bem, ouvir bem, fazer bem. E deixar-se surpreender pelo amor, e esta é a boa vida. (FRANCISCO, Sri Lanka e Filipinas, 2015)

Ainda fala de sua tristeza ao ver jovens aposentados aos 20 anos. Não quer isso, não quer jovens parados, estáticos, que “vão levando a vida”. Quer jovens vivos:

É feio ver um jovem estático, que vive, mas vive como um vegetal. Dão-me muita tristeza ao coração os jovens que vão para a reforma aos 20 anos! Sim, envelheceram cedo... Viver, não ir vivendo! (FRANCISCO, Turim, 2015)

E Francisco discursou assim aos voluntários da JMJ 2016:

A segunda condição: se, para o futuro, sou esperança e, do passado, tenho memória, resta-me o presente. Que devo fazer no presente? *Ter coragem*. Ter coragem! Ser corajoso, ser corajoso, não me assustar. Ouvimos o testemunho, a despedida, o testemunho-despedida deste nosso companheiro que foi vencido pelo câncer. Queria estar aqui e não chegou; mas teve coragem: coragem de enfrentar e coragem de continuar a lutar, mesmo nas piores condições. Hoje este jovem não está aqui, mas ele semeou esperança para o futuro. Então, para o presente: coragem. Para o presente? [*Coragem!*] Audácia, coragem. Está claro? (FRANCISCO, JMJ Cracóvia, 2016)

Neste discurso, Francisco fez memória ao jovem polonês, Maciej Szymon, voluntário da edição da Jornada Mundial da Juventude, em 2016. Foi ele quem fez o desenho das bandeiras, os *kits* dos peregrinos e as imagens que enfeitam a cidade de Cracóvia, mas faleceu no dia 02 de julho, vítima de um câncer descoberto em novembro de 2015.

Sonhai grandes coisas. Sonhai que convosco o mundo pode ser diferente. Se vós derdes o melhor de nós mesmos estais a ajudar o mundo a ser diferente. Não esquecer, sonhar. (...) As pessoas têm dois olhos, um de carne e um de vidro. Com o olho de carne sermos aquilo que olhamos. Com o olho de vidro vemos aquilo que sonhamos. (FRANCISCO, Cuba, 2015)

O objetivo deste trabalho não é, portanto, criticar a visão de um Papa em detrimento da visão de outro. O que se busca é analisar as diferenças no pontificado de João Paulo II e Francisco e demonstrá-las aqui.

Após essa exposição mais detalhada das palavras de João Paulo II e Francisco fica claro que João Paulo II discursa principalmente aos jovens católicos, para resgatarem a fé católica e a anunciarem aos quatro cantos do mundo. O jovem aqui é um sujeito eclesial, porém sem tanta força, o Papa parece querer que os jovens apenas espalhem a fé da Igreja, mas não mudem nada, ele retoma “busquem suas raízes”.

Já Francisco escancara seu desejo de protagonismo, quer que os jovens construam um mundo melhor, que arrisquem, que acertem, ou errem, mas que não fiquem parados, esperando a mudança acontecer, mas que sejam eles mesmo o mundo que querem ver e ter. Ele se dirige a todos os jovens, católicos ou não. Considera o jovem um sujeito eclesial forte, capaz de realizar mudanças coerentes na Igreja.

3.3. EVANGELIZAÇÃO

João Paulo II discursou, no início de seu pontificado (1978), sobre o medo e chamou os povos a escancarar as portas a Cristo⁶⁰, abrindo assim “os confins dos Estados, os sistemas econômicos assim como os políticos, os vastos

⁶⁰Discurso de João Paulo II, no início de seu pontificado, disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html Acesso em 2018

campos de cultura, de civilização e de progresso. “Não tenhais medo!” O Papa parecia saber o que o esperava, uma luta política e econômica, que acabou com queda do muro de Berlim, vencendo a separação entre ocidente e oriente, que havia acontecido durante a guerra Fria (1947 a 1989).

Irmãos e Irmãs: não tenhais medo de acolher Cristo e de aceitar o Seu poder! E ajudai o Papa e todos aqueles que querem servir a Cristo e, com o poder de Cristo, servir o homem e a humanidade inteira! Não, não tenhais medo! Antes, procurai abrir, melhor, escancarar as portas a Cristo! Ao Seu poder salvador abri os confins dos Estados, os sistemas econômicos, assim como os políticos, os vastos campos de cultura, de civilização e de progresso! Não tenhais medo! Cristo sabe bem "o que é que está dentro do homem". Somente Ele o sabe! Hoje em dia muito frequentemente o homem não sabe o que traz no interior de si mesmo, no profundo do seu ânimo e do seu coração, muito frequentemente se encontra incerto acerca do sentido da sua vida sobre esta terra. E sucede que é invadido pela dúvida que se transmuta em desespero. Permitti, pois — peço-vos e vo-lo imploro com humildade e com confiança — permitti a Cristo falar ao homem. Somente Ele tem palavras de vida; sim, de vida eterna. (JOÃO PAULO II, 1978)⁶¹

E complementa:

Jovens, 'recebestes o Espírito que, por adoção, vos torna filhos' (Rm 8, 15). Não desperdiceis esta grande herança. (JOÃO PAULO II, Czestochowa, na Polônia, 1991)

Aqui é possível observar a responsabilidade que João Paulo II traz aos jovens. “Recebestes uma herança”, ou seja, o Espírito Santo através do batismo na Igreja, então não podem deixar morrer essa filiação, como ele mesmo diz, não podem desperdiçar, desvalorizar, ou descuidar daquela que se pode chamar de “mãe Igreja”.

No discurso de Francisco na missa de envio de Cracóvia 2016⁶², ele disse que Zaqueu (cf. Lc 19, 1-10) tinha todos os motivos para ter medo e se envergonhar, pelo menos três: era baixinho, era cobrador de impostos e tinha a multidão a julgá-lo. Mas ao ver Jesus, decidiu subir na árvore para superar sua estatura e conseguir ver Jesus, superou a multidão ao aceitar o convite de Jesus e descer da árvore e abrir sua casa para cear com Jesus e, por último, decidiu

⁶¹João Paulo II, Discurso de início de seu pontificado. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1978/documents/hf_jp-ii_hom_19781022_inizio-pontificato.html Acesso em 2018.

⁶² Discurso de Francisco na missa de envio da JMJ Cracóvia, 2016. Disponível em: <https://noticias.cancaonova.com/especiais/pontificado/francisco/homilia-casa-santa-marta/homilia-do-papa-francisco-na-missa-de-envio-da-jmj-2016/> Acesso em 2018

se converter, doar aos pobres metade de seus bens e devolver até quatro vezes os impostos que cobrou injustamente.

Cita-se esta fala de Francisco, para demonstrar a ênfase que o Papa dá ao pedido de que jovens “saíam” da Igreja, para trabalhar e construir um mundo melhor:

Não queremos jovens "fracotes", jovens estão por aí e nada mais, nem sim nem não. Não queremos jovens que se cansam rápido e que vivem cansados, com cara de tédio. Queremos jovens fortes. Queremos jovens com esperança e fortaleza. Porquê? Porque conhecem Jesus, porque conhecem Deus. Porque têm um coração livre. Solidariedade. Trabalho. Esperança. Esforço. Conhecer Jesus. Conhecer a Deus, minha fortaleza. Um jovem que viva assim, tem cara de tédio? Tens um coração triste? Esse é o caminho! Mas para isso, é preciso sacrifício, é preciso ir contracorrente. As bem-aventuranças, que lemos há pouco, são o plano de Jesus para nós. O plano é um plano contracorrente. Jesus diz-lhes: "Felizes os que têm alma de pobre". Não diz: "Felizes os ricos, que acumulam dinheiro". Não. Aqueles que têm a alma de pobre, que são capazes de aproximar-se e entender o que é um pobre. Jesus não diz: "Felizes aqueles que gozam da vida", mas diz "felizes aqueles que têm capacidade de afligir-se com a dor dos outros" (FRANCISCO, Equador, Bolívia e Paraguai, 2015)

Francisco exorta os jovens a trabalharem por um mundo melhor, que coloquem em prática os ensinamentos cristãos, que se incomodem com a dor dos outros e estejam unidos a eles, para fortalecê-los. Para Francisco, a evangelização é sempre nova:

Na sua vinda, [Cristo] trouxe consigo toda a novidade».8 Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que atravesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-Lo, e surpreende-nos com a sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual. Na realidade, toda a ação evangelizadora autêntica é sempre «nova». (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013)

Francisco ainda faz os jovens refletirem a respeito de sua vida e missão:

Muitas vezes na vida perdemos tempo nos perguntando: " *Quem sou eu? Você pode se perguntar quem você é e ter uma vida inteira procurando quem você é. Mas pergunte: "Para quem eu sou?"*(FRANCISCO, *Preparação para a JMJ*, 2017).

Assim, Francisco reflete com os jovens, que o sentido da vida somente se encontra na ajuda ao próximo.

Dito isto, verifica-se a diferença também na evangelização entre os papas. Eis que Joao Paulo II chama os povos a abrir os corações a Cristo. Francisco chama a atenção para o fato de que Zaqueu abriu seu coração a Cristo, mas passou a devolver em até 4 vezes o que tinha pego injustamente dos outros. Ou seja, não que João Paulo II não tenha sido prático, talvez o contexto político da época o impedisse de falar mais claramente, mas Francisco é claro, simples e concreto. Ele, o tempo todo, chama as pessoas a adotarem medidas práticas na evangelização.

A diferença defendida por Francisco é que a Igreja não pode ficar no campo das palavras, o Papa defende uma evangelização centrada em principalmente dois pontos, quais sejam: pobreza e saída. A pobreza leva os fiéis a se aproximarem do que é simples, dos pobres e, como Cristo, almejar o pouco, pois o consumo afasta as pessoas de Deus e do entusiasmo de fazer o bem:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado. (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2013)

Percebe-se que a palavra de Francisco aos jovens é: “não se feche em seus próprios interesses, saia, vá ao encontro do outro e só assim você encontrará Cristo”. Mas essas palavras são diferentes das palavras de João Paulo II, que também era contra o consumismo, mas não tinha o mesmo pensamento de Francisco. Cita-se o documento *Tertio Millennio*, para análise mais profunda do pensamento de João Paulo II:

O futuro do mundo e da Igreja pertence às gerações jovens, que, nascidas neste século, serão maduras no próximo, o primeiro do novo milênio. *Cristo acolhe os jovens*, como acolhera o jovem que lhe pôs a pergunta: « Que hei-de fazer de bom para alcançar a vida eterna? » (Mt 19, 16). À admirável resposta que Jesus lhe deu, fiz referência na recente Encíclica *Veritatis splendor*, como já o fizera antes na *Carta Apostólica aos jovens de todo o mundo* em 1985. Os jovens, em qualquer situação e região da terra, não cessam de fazer perguntas a Cristo: encontram-n'O e procuram-n'O para O interrogarem de novo.

Se souberem seguir o caminho que Ele indica, terão a alegria de dar o próprio contributo para a presença d'Ele no próximo século e nos sucessivos, até à conclusão dos tempos. « Jesus é o mesmo ontem, hoje e sempre. (JOÃO PAULO II, Tertio Millennio Adveniente, 1994)

Aqui se observa que o anseio de João Paulo II era que os jovens procurassem Cristo, que fossem ao encontro d'Ele, ao passo que Francisco pede que o jovem vá ao encontro do outro, dos pobres e sofredores, e só assim, no outro, encontrará o Cristo.

Enfim, o próprio Francisco lembra na *Evangelii Gaudium*, que no Sínodo dos Bispos de 2012, cujo tema era “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”, os bispos concluíram que a evangelização não é mais de conservação, mas sim missionária:

Nesta linha, os Bispos latino-americanos afirmaram que «não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos tempos»,¹⁷ sendo necessário passar «de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária». ¹⁸ Esta tarefa continua a ser a fonte das maiores alegrias para a Igreja: «Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão» (Lc 15, 7). (FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, 2017)

Assim, são lembrados na *Evangelii Gaudium* três âmbitos para a evangelização, quais sejam: o âmbito da pastoral ordinária, o âmbito das pessoas batizadas que, porém, não vivem exigências do batismo e, por último, aqueles que não conhecem Jesus Cristo, ou que sempre o recusaram. Ou seja, retomando as palavras de Cristo, que diz que os santos não necessitam de médicos, mas sim os doentes (Mc 2, 17), para Francisco é preciso ir ao encontro dos doentes, pois “eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores ao arrependimento”. Essa é a ação evangelizadora de Francisco, a que vai ao encontro dos necessitados, diferente da de João Paulo II, que apesar de ser missionária, é centrada na Igreja e não no pobre.

3.4. IGREJA

Com a Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco aposta nos jovens, para concretizar essa mudança que ele tanto defende. A de uma Igreja que não se prende aos muros das paróquias, ou catequese, mas que vai às escolas, universidades, aos ambientes diversos que os jovens frequentam e que

levem a alegria do Evangelho de Cristo, como Francisco disse na Jornada Mundial da Juventude 2013, no Rio de Janeiro:

Desejo dizer-lhes qual é a consequência que eu espero da Jornada da Juventude: espero que façam barulho. Aqui farão barulho, sem dúvida. Aqui, no Rio, farão barulho, farão certamente. Mas eu quero que se façam ouvir também nas dioceses, quero que saiam, quero que a Igreja saia pelas estradas, quero que nos defendamos de tudo o que é mundanismo, imobilismo, nos defendamos do que é comodidade, do que é clericalismo, de tudo aquilo que é viver fechados em nós mesmos. As paróquias, as escolas, as instituições são feitas para sair; se não o fizerem, tornam-se uma ONG e a Igreja não pode ser uma ONG. Que me perdoem os Bispos e os sacerdotes, se alguns depois lhes criarem confusão. Mas este é o meu conselho. Obrigado pelo que vocês puderem fazer.⁶³ (FRANCISCO, JMJ Rio, 2013)

Neste discurso, Francisco deixa claro seu objetivo com as Jornadas, ou seja, que os jovens saiam, da Igreja, que encontrem outras pessoas necessitadas, que não se preocupem com a forma, muito pelo contrário, que façam barulho, que incomodem. E que ajudem não a levar as pessoas à Igreja, mas que a Igreja chegue até as pessoas.

E repetiu na JMJ 2016, na Polônia, querendo dizer que os jovens não podem ficar fechados em si mesmos (ou em seus sofás), devem sair, se abrir e, nos relacionamentos, construir a Igreja de Cristo:

Na vida, porém, há outra paralisia ainda mais perigosa e difícil, muitas vezes, de identificar e que nos custa muito reconhecer. Gosto de a chamar a paralisia que brota quando se confunde a FELICIDADE com um SOFÁ! Sim, julgar que, para ser felizes, temos necessidade de um bom sofá. Um sofá que nos ajude a estar cómodos, tranquilos, bem seguros. Um sofá – como os que existem agora, modernos, incluindo massagens para dormir – que nos garanta horas de tranquilidade para mergulharmos no mundo dos videojogos e passar horas diante do computador. Um sofá contra todo o tipo de dores e medos. Um sofá que nos faça estar fechados em casa, sem nos cansarmos nem nos preocuparmos. Provavelmente, o sofá-felicidade é a paralisia silenciosa que mais nos pode arruinar; porque pouco a pouco, sem nos darmos conta, encontramos-nos adormecidos, encontramos-nos pasmados e entontecidos enquanto outros – talvez os mais vivos, mas não os melhores – decidem o futuro por nós. Certamente, para muitos, é mais fácil e vantajoso ter jovens pasmados e entontecidos que confundem a felicidade com um sofá; para muitos, isto resulta mais conveniente do que ter jovens vigilantes, desejosos de responder ao sonho de Deus e a todas as aspirações do coração. (FRANCISCO,

⁶³Discurso do Papa Francisco em encontro com jovens argentinos da Jornada Mundial da Juventude no Brasil (25-07-2013). Disponível em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130725_gmg-argentini-rio.html

João Paulo II também tinha a visão de que a Igreja precisava ajudar os mais necessitados. Falou isso inclusive em carta aos bispos do Brasil, em 1986⁶⁶

Problemas graves como estes não podem ser estranhos à Igreja, ao menos pelos aspectos éticos que eles comportam, como causa ou como efeito das situações materiais. Mas, também neste terreno, a Igreja conduzida pelos Senhores, Bispos no Brasil, dá mostra de estar com este povo, especialmente com os pobres e sofredores, com os pequenos e os desassistidos, a quem, ela consagra um amor, não exclusivo nem excludente, mas preferencial. Porque ela não hesita em defender com intrepidez a justa e nobre causa dos direitos humanos e em apoiar reformas corajosas, em vista da melhor distribuição dos bens, inclusive da terra, em vista da educação, da saúde, da habitação etc., ela goza da estima e da confiança de amplos setores da sociedade brasileira. (JOÃO PAULO II, 1986)

Assim se observa que João Paulo II se preocupa sim, com os pobres e sofredores, porém dizia somente de defender as reformas e não de ser autores das reformas, como Francisco o faz.

João Paulo II se preocupa em levar os jovens para a igreja:

Sede jovens de fé! De verdadeira e de profunda fé cristã! (JOÃO PAULO II, Ótranto, 1980)

Aqui se observa as duas ideias, de juventude e de fé cristã. Ou seja, o Papa procura chamar os jovens a aprofundar sua fé e criar raízes profundas na fé cristã.

Desde a eternidade, Deus já havia pensado em nós e nos amado como pessoas únicas e insubstituíveis. Ele nos chama e seu chamado se concretiza por meio da pessoa de Jesus Cristo que nos diz, como disse aos apóstolos: 'Vem e segue-me!' (JOÃO PAULO II, JMJ Santiago de Compostela, 1989)

Neste trecho, também se observa o seguimento à igreja. João Paulo II compara o chamado aos jovens, com o chamado que Jesus fez aos apóstolos, e assim, o Papa chama os jovens a seguirem Cristo: "Vem e segue-me!". Se ninguém nunca havia se preocupado com os jovens, ou se dirigido diretamente

⁶⁵ Discurso do Papa Francisco na vigília da Jornada Mundial da Juventude (30-07-2016). Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160730_polonia-veglia-giovani.html Acesso em 2018

⁶⁶ Carta do Papa João Paulo II aos bispos da Conferência Episcopal dos bispos do Brasil. Vaticano, 9 de abril de 1986. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1986/documents/hf_jp-ii_let_19860409_conf-episcopale-brasile.html

a eles, o Papa o faz, e assim, investindo nos jovens, o Papa parece investir no futuro da Igreja.

Todo encontro entre os jovens católicos e outros jovens cristãos deve ser uma ocasião para descobrirem juntos, ainda mais plenamente, as riquezas da mensagem evangélica da vida e do amor (JOÃO PAULO II, JMJ em Denver, 1993)

Nesta mensagem João Paulo II parece demonstrar aos jovens a riqueza que é a Igreja, que eles precisam valorizar este tesouro e, juntos, cuidarem dele. Como vem sendo dito no decorrer deste trabalho, o Papa busca unificar e fortalecer a Igreja mundial, assim o faz, também através dos jovens.

O futuro depende de vossa maturidade. A Igreja olha para o futuro com confiança, quando ouve de vossos lábios a mesma resposta que Jesus deu a Maria e José, quando o encontraram no templo, 'Não sabeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?' (Lc 2, 49)' (JOÃO PAULO II, JMJ em Manila, 1995)

Nesta exortação, o Papa demonstra sua preocupação com o futuro da Igreja. É visível que ele espera dos jovens, o mesmo que Jesus fazia, se ocupava das coisas de Deus, ou seja, o Papa espera que os jovens se ocupem das coisas de Deus e da Igreja.

A visão de Igreja de João Paulo II é totalmente diferente da visão de Igreja de Francisco. João Paulo II criou as Jornadas para unificar os jovens do mundo e trazer uniformidade na evangelização dos jovens, e da Igreja. Já Francisco traz a visão de que a Igreja deve sair de si. Ele não está preocupado com a uniformidade, ou identidade da Igreja, mas sim com a misericórdia, com o pastoreio, ele quer que a Igreja e os jovens saiam ao encontro dos mais necessitados. Essa é a visão que ele transmite nas JMJ.

Para Passos (2018), as reformas de Francisco tocam no centro da igreja e, a partir daí, cobram uma vida mais evangélica dos clérigos. É urgente promover uma autêntica recepção das reformas pretendidas e encaminhadas pelo Papa por meio de seus ensinamentos. As reformas necessitam do conhecimento dos leigos e de suas participações como sujeitos ativos, como deseja o próprio Francisco. Todos são exortados a participarem das reformas com criatividade, com ousadia, com generosidade e sem receios (EG 333). Pois “da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído”:

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada. Este é o momento para dizer a Jesus Cristo: «Senhor, deixei-me enganar, de mil maneiras fugi do vosso amor, mas aqui estou novamente para renovar a minha aliança convosco. Preciso de Vós. Resgatai-me de novo, Senhor; aceitai-me mais uma vez nos vossos braços redentores». Como nos faz bem voltar para Ele, quando nos perdemos! Insisto uma vez mais: Deus nunca Se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir a sua misericórdia. Aquele que nos convidou a perdoar «setenta vezes sete» (Mt 18, 22) dá-nos o exemplo: Ele perdoa setenta vezes sete. Volta uma vez e outra a carregar-nos aos seus ombros. Ninguém nos pode tirar a dignidade que este amor infinito e inabalável nos confere. Ele permite-nos levantar a cabeça e recomeçar, com uma ternura que nunca nos defrauda e sempre nos pode restituir a alegria. Não fujamos da ressurreição de Jesus; nunca nos demos por mortos, suceda o que suceder. Que nada possa mais do que a sua vida que nos impele para diante! (FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 2013)

Esse encontro com Cristo leva, de acordo com Francisco, automaticamente a pessoa ao encontro com o outro e, assim, comunicar a alegria advinda do encontro com Cristo:

A proposta é viver a um nível superior, mas não com menor intensidade: «Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De facto, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais» 4. Quando a Igreja faz apelo ao compromisso evangelizador, não faz mais do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: «Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: “A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros”. Isto é, definitivamente, a missão. (FRANCISCO, Evangelii Gaudium, 2013)

Assim, se observa a Igreja ativa, pobre, ecumênica e evangelizadora de Francisco, que não se dirige somente aos jovens cristãos, mas a todos os povos de todas as nações.

O Sínodo dos Bispos 2018, também aborda que a paixão pela busca da verdade, a maravilha da beleza do Senhor, a capacidade de compartilhar e a alegria do anúncio ainda estão vivos nos corações de muitos jovens que são membros vivos da Igreja. É, portanto, apenas fazer algo "para eles", mas a viver em comunhão "com eles", crescendo juntos na compreensão do Evangelho e na busca das formas mais autênticas de viver e dar testemunho. O documento final

aborda que, a participação responsável dos jovens na vida da Igreja não é opcional, mas uma necessidade de vida batismal e um elemento indispensável para a vida de toda comunidade. Os esforços e a fragilidade dos jovens ajudam-nos a ser melhores, suas perguntas nos desafiam, suas dúvidas nos desafiam sobre a qualidade de nossa fé. Mesmo suas críticas são necessárias, reconhece o documento final do Sínodo (2018).

Dessa forma, pelas análises dos discursos, se pode fazer a conclusão de que ambos os papas trouxeram mudanças, porém cada um de acordo com seu contexto histórico. João Paulo II em seu pontificado atribulado pelas questões da modernidade e seus ideais, que visavam “matar Deus”, sentiu necessidade de fortalecer a unidade e identidade da Igreja, com seus valores e princípios, buscando mostrar que Cristo é o mesmo “ontem, hoje e sempre” (Heb 13, 08). Através da JMJ buscou mostrar aos jovens, que a Igreja estava viva, para que eles dissipassem essa mensagem e não deixassem morrer a fé de dois mil anos.

Já Francisco está dando um novo contexto à JMJ e à Igreja. Apesar de ambos os papas focalizarem a evangelização e a missão, Francisco não foca na Igreja, mas sim nos que estão fora dela. Nunca antes, houve essa preocupação de sair da Igreja e ir ao encontro dos pobres e mais necessitados. Ele critica sobretudo a individualização, ele defende que é no outro que se encontra o Cristo ressuscitado e não em si mesmo. E, assim, no reconhecimento de que todos são pecadores, reconhecendo as limitações de todos, não julgando ninguém, mas sim, acolhendo o Cristo misericordioso, que se encontra nos pobres, sejam eles representantes de uma pobreza material, ou espiritual.

CONCLUSÕES

Ao longo desta dissertação foi feito um trajeto, ao mesmo tempo teológico e científico, histórico e analítico sobre a Igreja Católica desde antes do pontificado de João Paulo II, procurando abordar os possíveis motivos que o levaram a adotar as principais medidas de seu pontificado, até as prováveis razões que o levaram a criar a Jornada Mundial da Juventude. Em seguida, tratou-se do pontificado de Francisco, e suas principais reflexões e posturas em seus cinco anos de pontificados, para demonstrar em que medida essas posturas foram também adotadas nas duas Jornadas Mundiais, que conduziu e que, provavelmente, continuará adotando.

Nesse sentido, sem juízo de valor, ou qualquer julgamento, como dissertação de mestrado em Ciência da Religião, que caracteriza o presente exposto, procurou-se demonstrar que a Jornada Mundial da Juventude traz alguns elementos da Comunidade Moral, definida por Durkheim (1996), pois une pessoas que vivenciam as mesmas experiências, durante um período determinado de tempo, e, por terem compartilhado das mesmas experiências, se tornam uma comunidade dali em diante. Bauman (2000) já defende a liquidez, refletindo sobre a efemeridade dos tempos modernos, nos quais tudo é passageiro e fluido, assim como a JMJ que, de certa forma, se torna passageira na vida das pessoas que a vivenciam, pois não conseguem colocar em prática os ensinamentos da JMJ, no dia-a-dia de suas realidades paroquiais de origem.

Francisco observa essa liquidez e tenta trazer às Jornadas uma visão mais coesa e coerente, na qual os jovens saiam e vão ao encontro dos pobres, doentes e necessitados. Demonstrou isso ao chegar na JMJ da Polônia em um trem com pessoas doentes e com necessidades especiais. Isso com objetivo de chamar a atenção de que é nos pequeninos que se encontra Jesus.

Também verificou-se que os objetivos de João Paulo II, ao criar as Jornadas Mundiais da Juventude são bem diferentes da atual condução que Francisco dá à JMJ. De acordo com as reflexões aqui expostas, João Paulo II, com as JMJ, buscava fortalecer a identidade da Igreja. Já Francisco objetiva levar os jovens a protagonizarem uma Igreja de Saída, não centrada em si mesma, mas que sai ao encontro dos mais necessitados da sociedade.

Nesse sentido, se pode traçar um balanço crítico da pesquisa, visando refletir sobre seu alcance e limite. Como alcance, se pode citar a reflexão histórica da JMJ, desde antes de sua criação até os dias atuais, buscando analisar e demonstrar o que levou João Paulo II a criar a JMJ e o como é a condução que Francisco deu a ela.

Como limite, pode-se refletir sobre a carência de estudos teológicos da autora da pesquisa. Apesar das pesquisas exaustivas e grande aprendizado, conhecimentos teológicos maiores, poderiam ter economizado tempo ao presente trabalho, pois a autora já teria alguns conceitos teológicos prévios e poderia avançar mais rapidamente para estudos mais aprofundados.

Apesar das dificuldades encontradas no decorrer do trabalho, é grande a relevância deste estudo para o momento social e eclesial da Igreja, já que recentemente se encerrou a XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 2018, cuja temática central foi a juventude: "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional" e gerou a Constituição Apostólica *Episcopalis communio* (comunhão episcopal).

Logo no início do documento, Francisco afirma que a instituição do Sínodo é uma das "heranças mais preciosas do Concílio Vaticano II", destacando também a "eficaz colaboração" do organismo com o Romano Pontífice em questões de maior importância, aquelas que "requerem uma especial ciência e prudência pelo bem de toda a Igreja".

Francisco afirma ainda que esta colaboração é realizada em um momento histórico, quando a Igreja procura empreender uma nova "etapa evangelizadora", colocando-se em um estado permanente de missão.

Segundo o Papa, o Sínodo dos Bispos é chamado a tornar-se, sempre mais, um canal adequado para a evangelização do mundo de hoje.

Qualquer modificação na estrutura do Sínodo, é justificada pelo Papa Francisco quando relembra que Paulo VI já havia previsto que, com o passar do tempo, a instituição poderia vir a passar por aperfeiçoamentos.

No documento final do Sínodo dos Bispos para os jovens, em continuidade o *Instrumentum laboris* (Ferramenta de Trabalho) é dividido em três partes que são marcadas pelo episódio dos discípulos de Emaús (ver Lc 24, 13-35), no qual os discípulos caminham com Jesus sem saber que é Jesus que está

com eles, e sem entender o que tinha se passado com Cristo na cruz. Assim, Jesus aceita o convite de passar a noite com os discípulos e, com isso, estes que haviam desistido de tudo e haviam saído de Jerusalém, voltam à “cidade eterna”, para compartilhar da experiência do encontro com o ressuscitado.

A primeira parte do documento é intitulada "Ele andou com eles" (Lc 24,15) e procura iluminar o que os Padres Sinodais reconheceram no contexto em que os jovens estão inseridos, destacando suas forças e desafios. A segunda parte, "Os seus olhos foram abertos" (Lc 24,31), fornece algumas interpretações fundamentais do tema do Sínodo. A terceira parte, intitulada "Deixaram sem demora" (Lc 24,33), recolhe as escolhas para uma conversão espiritual, pastoral e missionária.

Além do Sínodo, os jovens estão à porta da próxima Jornada da Juventude, que acontece em janeiro de 2019, no Panamá. Ou seja, a expectativa é grande diante de tantos eventos mundiais direcionados à juventude. Inclusive a proponente da pesquisa pretende participar da JMJ Panamá 2019.

Nesse sentido, a crescente proposta se torna importante para as reflexões da Igreja que, com Francisco, assume uma nova etapa evangelizadora, esta que, como foi defendida na pesquisa, é de saída, ao encontro dos pobres e necessitados.

Durante o Sínodo (2018) falou-se em muitas ocasiões da Jornada Mundial da Juventude e também de muitos outros eventos que ocorrem a nível continental, nacional e diocesano, juntamente com os organizados por associações, movimentos, congregações religiosas e outros assuntos eclesiais. O Sínodo (2018) reflete que estes momentos de encontro e de partilha são apreciados em quase todos os lugares porque oferecem a oportunidade de caminhar na lógica da peregrinação, de experimentar a fraternidade com todos, de partilhar com alegria a fé e crescer na pertença à Igreja. Para muitos jovens, dizem os padres e relatores sinodais, a JMJ foi uma experiência de transfiguração, na qual os jovens experimentaram a beleza da face do Senhor e fizeram importantes escolhas de vida. Os melhores frutos dessas experiências estão reunidos na vida cotidiana, interpreta o documento final do Sínodo 2018

Esta pesquisa tem ainda uma grande relevância acadêmica para sua autora que, apesar de ser jornalista e integrante da Igreja Católica, nunca havia

feito um estudo tão profundo nos documentos da Igreja. Além disso, teve oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre Teologia, Ciência da Religião e adentrar num patamar de análise e reflexão categórico, demorado, porém extremamente gratificante, que corresponde ao mestrado. Esse estudo frutuoso mudou a forma da autora pensar religião e trouxe aprendizados que serão levados para toda a vida.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida** Traduzido por Plínio Dentzien. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2000.

BOFF, Leonardo. **Crise: oportunidade de crescimento**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2011.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) **Pesquisa participante**. São Paulo. Brasiliense, 1999.

BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização realmente nova**. Perspectiva Teológica. Ano 45. Número 125, p. 83-108. Jan-Abr. Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2017/6000-1524787831.pdf> Acesso em 2017.

CARDOSO. Erofilho Lopes. **A mensagem teológico-pastoral do Papa João Paulo II aos jovens nas Jornadas Mundiais da Juventude**. Salto-SP. Editora Schoba, 2009.

CERQUEIRA, Adalberto, José de. **O conceito de liberdade nos escritos magisteriais de João Paulo II em diálogo com a contemporaneidade**. Mestrado em Teologia. FAJE. Belo Horizonte, 2014.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Trad. Paulo Neves. São Paulo. Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo. Martins Fontes, 2007.

JUNIOR, Fernando Altemeyer & BOMBONATTO, Vera Ivanise [orgs.]. **Teologia e Comunicação: corpo, palavra e interfaces cibernéticas** São Paulo. Paulinas, 2011.

MARTINS, Gilberto de Andrade & THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologias da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

O'MALLEY, John. **O Concílio** – do impulso, para a reconciliação. Entrevista concedida à Revista do Instituto Humanitas Unisinos, in: Concílio Vaticano II – 50 anos depois. IHU, nº 401. São Leopoldo. UNISINOS, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao401.pdf> Acesso em 2018.

PUNTEL, Joana T. **Cultura midiática e Igreja: uma nova ambivalência** São Paulo. Paulinas, 2005.

STALA, Józef. Overview of the World Youth Day Krakow 2016. In: **World Youth Krakow 2016 – Selected research results**. Narodowe Centrum Kultury (National Centre for Culture), Warsaw 2016. Disponível em: <https://www.nck.pl/upload/attachments/318611/WYD%20Krakow%202016%20Report.pdf> Acesso em 2018.

SUESS, Paulo. **A Nova Evangelização blindada pelo Catecismo Universal**. Proposições do Sínodo sobre nova evangelização e transmissão da fé. Edição 412 da Revista do Instituto Humanitas UNISINOS. São Leopoldo, 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4838-paulo-suess-5> Acesso em 2017

SYNOD18 - **Declaração Final e votação do documento final do Sínodo dos Bispos para o Santo Padre Francisco** Tradução da autora, 2018. Disponível em inglês em: <http://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2018/10/27/0789/01722.html> Acesso em 2018

TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (orgs.) **Religiões em movimento: o Censo de 2010 Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.**